



UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

RETOMANDO A NOSSA ESQUINA

“O Movimento Hip Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre”

Cássio de Albuquerque Maffioletti

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em
Antropologia

Orientadora: Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim

Porto Alegre, 2013

RETOMANDO A NOSSA ESQUINA

“O Movimento Hip Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre”

Cássio de Albuquerque Maffioletti

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em
Antropologia

Orientadora: Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim

Banca Examinadora:

Dra. Denise Fagundes Jardim (Orientadora)

Fernanda Bittencourt (PUC/RS)

Regina Weber (PPG História/UFRGS)

Claudia Lee W. Fonseca (PPGAS/UFRGS)

Porto Alegre, 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à minha mãe Leda Maffioletti e à minha orientadora Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim (PPGAS-UFRGS) pela dedicação e incentivo. Agradeço a Profa. Maria Alice Kauer (Letras-UFRGS) que me ajudou a dar os primeiros passos na escrita, bem como a ajuda das Profas. Dras. Carmem Craidy (PPGEDU-UFRGS) e Cláudia Fonseca (PPGAS-UFRGS) na minha trajetória acadêmica. Agradeço também às contribuições das professoras doutoras componentes da banca examinadora: Fernanda Bittencourt (PUC/RS) e Regina Weber (PPG História/UFRGS). Não poderia deixar de agradecer aos professores e aos colegas de aula do Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFRGS) e ao Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACi-UFRGS).

Agradeço à minha companheira Mauricéia dos Santos e a professora Silvia Maria Zanette Guimarães pela ajuda na revisão do texto final.

Meu mais profundo agradecimento àqueles que abraçaram essa pesquisa, amigos e interlocutores, Carlos Cristiano Gonçalves conhecido (PX), Maurício da Silva Salgueiro (Sadol), Ademir Porto Cavalheiro (Nezzo), Gilvan Lima (Bonne Dee), Rubem Sandro Moraes Schutz (White Jay), Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi), bem como aqueles que contribuíram indiretamente para a concretização desse trabalho, entre eles, Tiago Santos (Nego Koy), Fábio de Oliveira Junior (Binho), Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro), e Felipe dos Passos Pereira (Nego Slyp) Fábio Dias (Amarelo). Rafael Cavaleiro, Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha) e Marcos Alexandre da Cruz (Marck B).

Por fim, agradeço e presto homenagem (in memoriam) aos meus amigos e interlocutores de pesquisa Maurício da Silva Salgueiro (Sadol), Luis Felipe Ribeiro Batista (Rapper Taxi) e Felipe dos Passos Pereira (Nego Slyp)

RESUMO:

RETOMANDO A NOSSA ESQUINA: *O Movimento Hip Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre*. A pesquisa analisa os processos de engajamento, organização e participação política de jovens militantes do movimento Hip Hop, tendo por objetivo compreender de que modo as marcas identitárias operam no modo de fazer política na vida social cotidiana. Foram realizadas investidas etnográficas junto a militantes do Movimento entre 2005 a 2013. A observação concentra-se nos processos que levaram à criação do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho, em 2010, na cidade de Porto Alegre - RS. A abordagem teórica considera o Hip Hop como uma invenção (WAGNER, 2012) que produz a unidade englobante (VELHO, 2003), promotora de identidades, crenças e valores, cujos mitos e narrativas em torno da linguagem e instituições configuram sentimentos de pertencimento. O cruzamento entre o trabalho teórico construtivo e o material empírico recolhido permitiu criar um quadro de referência, a partir do qual foi possível destacar o caráter estrutural das ações práticas dos interlocutores nos processos de participação política e democrática. Observou-se que o Movimento Hip Hop funciona como ponto de referência na regulação de comportamentos, estilos de vida e visões de mundo compartilhadas. É também uma forma de fazer política nas diversas esferas da vida social, como forma dinâmica de ampliação e manutenção das redes de relações sociais e projetos de vidas comprometidos com laços de solidariedade e resistência.

Palavras chave: Movimento Hip Hop. Juventude. Participação política. Identidade étnica. Cidadania.

ABSTRACT:

RECOVERING OUR CORNER: *Hip Hop Movement and its ways of doing politics in Porto Alegre*. This survey analyzes the processes of involvement, organization and political participation of young militants of the Hip Hop movement. It aims at understanding how the identity brands operate in the way of doing politics in everyday social life. The ethnography was developed with the activists of the *movement* between 2005 to 2013. The observation focuses on the processes that led to the creation of the “Permanent Forum of *Gaúcho* Hip Hop”, in Porto Alegre, 2010. Our theoretical approach considers Hip Hop as an *invention* (WAGNER, 2012) which produces the unit encompassing (VELHO, 2003), creates and promotes identities, beliefs and values, whose myths and narratives about the language and institutions configure the feeling of belonging. The crossing between the constructive theoretical work and the empirical material collected allowed the creation of a reference framework from which it was possible to highlight the structural character of the practical actions of the partners in the processes of political and democratic participation. It was observed that the Hip Hop Movement acts as a reference point in the regulation of behaviors, lifestyles and shared views of the world. It is also a way of doing politics in the different spheres of social life, as a dynamic way of expansion and maintenance of the networks of social relations and life projects committed with solidarity and resistance ties.

Keywords: Hip Hop Movement. Youth. Political participation. Ethnic identity. Citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo 1: Itinerário de pesquisa: Um olhar Antropológico sobre o Hip Hop. .	9
1.1 O movimento Hip Hop como objeto de pesquisa no Brasil	9
1.2 A experiência etnográfica junto ao Hip Hop	11
1.3 Os interlocutores de pesquisa	18
Capítulo 2. Análise do sistema político do Hip Hop.....	23
2.1 As possíveis lógicas das segmentações do Movimento Hip Hop	23
a) O segmento tempo.....	24
b) O segmento espaço	25
c)A segmentação como uma tendência político-partidária	28
d) A segmentação por origem e trajetória social.....	35
2.2 A participação política do Hip Hop.	43
2.3 A condição de exclusão na construção ideológica do Hip Hop.....	59
Capítulo 3. O fazer político No hip hop.....	72
3.1 A construção de instâncias de participação	72
3.2 Imagens do Hip Hop.....	83
3.3 Retomando a nossa esquina.....	96
Considerações Finais:	103
Referências.....	109

INTRODUÇÃO

Esta dissertação parte de uma intensa pesquisa de trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais em 2010¹, em que busquei reconstruir os passos da constituição do Movimento Hip Hop² em Porto Alegre, a partir das perspectivas de três precursores do movimento³. Os resultados então obtidos puderam compor um mapa das lideranças a partir de suas redes de pessoas e espaços de atuação. Para este trabalho, busco compreender como as redes de relações se conjugam e se configuram como campos de possibilidades para a promoção de direitos como cultura, trabalho e participação política.

Compreendo o Hip Hop como uma unidade englobante (VELHO, 2003) promotora de identidades, crenças e valores, cujos mitos e narrativas em torno da linguagem e instituições configuram sentimentos de pertencimento. Na presente pesquisa, retomo os resultados da pesquisa de 2010, dando continuidade à interlocução com Nezzo, PX e Bonne Dee⁴ com o objetivo de compreender como a *invenção* “Hip Hop” potencializa os processos de engajamento, participação e organização política.

No primeiro capítulo, faço um esboço do meu itinerário de pesquisa, aponto os conceitos que estarão guiando minhas indagações e meu olhar sobre os fatos observados ao longo do trabalho de campo. Desse modo, exponho pesquisas na área do Movimento Hip Hop, apontando as perspectivas de diferentes autores na construção do fenômeno e suas possíveis abordagens teóricas e contextualizações

¹ Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais, intitulado Movimento Hip Hop em Porto Alegre: Rede de relações e protagonismo juvenil, UFRGS, 2010 - Orientadora: Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim

² Primeiras manifestações datadas do ano de 1983 em SP e RS - segundo testemunho das lideranças entrevistadas em 2009.

³ O material empírico foi obtido por meio da observação participante realizada no período de 2006-2008 e dos relatos de três interlocutores entrevistados (modalidade individual e em grupo) realizadas no período de novembro de 2009 a março de 2010.

⁴ Carlos Cristiano Gonçalves conhecido como PX, 35 anos protagonista do desenvolvimento da dança e do RAP nos anos 90 em Porto Alegre e militante do movimento negro desde meados de 1995. Ademir Porto Cavalheiro, 47 anos, conhecido como “Nezzo”: DJ, MC e B.Boy desde os anos 70 – pioneiro em algumas iniciativas e modalidades da cultura e Movimento Hip Hop entre 1983 e 1984; Gilvan Lima, 38 anos, conhecido como Bonne Dee Band Bom, morador do bairro Guarulhos, periferia de São Paulo/Capital – atuante como DJ, MC e radialista desde 1986. (MAFFIOLETTI, 2010, p.5)

políticas. Aproveito para apresentar um olhar sobre a participação política do Hip Hop brasileiro. Em seguida, apresento os novos interlocutores a partir de um breve relato de suas biografias. No segundo capítulo, estabeleço possíveis segmentações do Movimento a fim de possibilitar a combinação entre elas na análise do que compreendo como um sistema político do Hip Hop. Trago a reflexão de autores para explicitar e refletir sobre as novas formas de participação das juventudes periféricas nas políticas públicas, introduzindo o conceito de antropologia política para elucidar minhas experiências junto aos meus interlocutores durante a campanha eleitoral de 2008. No tópico seguinte, detenho-me nas narrativas de perdas e sofrimentos dos meus interlocutores como experiências da condição de exclusão. Delineio os princípios ideológicos que regulam comportamentos e dão formas às ideias e ações do Hip Hop como um ponto de referência a ser seguido. No terceiro capítulo, trago dados sobre a gênese das organizações formais das quais meus interlocutores fazem parte, e como as mesmas tornaram-se instâncias de interlocução com políticos e possibilidade de participação nas políticas públicas entre 2009 a 2012. Em seguida, apresento imagens marcantes da trajetória do Hip Hop em nível nacional, regional e local e os lugares que potencializam suas ações políticas. Nas considerações finais, faço um balanço da trajetória do Hip Hop em Porto Alegre, retomo os conceitos da pesquisa através da articulação de depoimentos e descrição das ações expostas ao longo da pesquisa, inserindo dados construídos em 2013, buscando, assim, compreender o momento atual do processo de consolidação do Hip Hop, cujo fazer político molda formas de organização e participação na democracia.

Minha opção pelo uso dos verdadeiros nomes ao invés de codinomes dá-se, primeiro, pela negociação com os interlocutores que tiveram o retorno do texto original antes de ser publicado, tendo liberdade para complementar ou omitir os dados. Em segundo lugar, porque o texto final servirá como memorial histórico das ações e práticas dos interlocutores de pesquisa.

CAPÍTULO 1: ITINERÁRIO DE PESQUISA: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O HIP HOP.

1.1 O MOVIMENTO HIP HOP COMO OBJETO DE PESQUISA NO BRASIL

Ao analisar o movimento negro brasileiro, DOMINGUES (2012) parte da explicitação das raízes históricas do período da República (1889-2000), demonstrando as diversas estratégias e trajetórias de luta pela inclusão social e superação do racismo. Domingues constrói quadros que sintetizam os estilos dos movimentos negros organizados segundo períodos históricos. Aqui interessa ressaltar a estreita relação desses movimentos com os partidos políticos de tendência esquerda que emergiram no final da década de 70. Nesse período, consolida-se a atuação política como principal via para a participação social, cujo emblema: “O negro no poder” torna-se a grande bandeira de luta.

É nessa fase que a organização dos movimentos negros passa a se configurar organicamente em nível nacional com a constituição de comitês. Domingues aponta para a ação direta como estratégia de luta, organizando grandes manifestações populares com repercussão na mídia e na opinião pública: o foco na desmistificação do “mito da democracia racial” e acirramento do combate à discriminação social e racial.

O autor inclui o Movimento Hip Hop como um modo importante de organização dos jovens negros oriundos das classes baixas e periféricas⁵. MORENO (2009) indaga sobre as motivações de jovens para militância e política, buscando compreender suas vinculações a grupos e ações coletivas, através da análise da reconstrução histórica dos agentes e ações promovidas pelo Movimento Hip Hop. Moreno analisa os princípios para o engajamento político, explorando o envolvimento dos grupos de Hip Hop como uma atividade artística de protesto, cuja organização da militância se estrutura estabelecendo pontos de convergência com organizações sindicais e partidárias.

⁵ Fonte: DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos (2007, p.117).

A autora FREIRE (2010) apresenta o Hip Hop como um novo movimento social, construtor de novos sujeitos políticos e motor de novas possibilidades de participação fora dos padrões institucionais tradicionais: o Hip Hop, portanto, como promotor de cidadania por meio de formas alternativas de fazer e participar politicamente.

Os estudos de HOLANDA (2008), onde é analisada a cultura Hip Hop brasileira no contexto do fenômeno da “favelização” mundial, defende que esse novo sujeito político tem papel de destaque pela especificidade de suas formas de organização comunitária, promotoras de desenvolvimento social e econômico junto à periferia. Assim, o Hip Hop protagoniza políticas sociais com uma peculiar construção da experiência cidadã dentro e fora da favela, alterando, desta forma, os rumos da política excludente e segregatória da cidade. Holanda ainda chama atenção para o caráter transnacional do Hip Hop, aglutinador de força e poder político nas lutas por direitos sociais e novas produções de conhecimentos contemporâneos.

O pesquisador RIBEIRO (2006) salienta a ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento Hip Hop, como um instrumento reivindicatório e de inserção nos processos formais de gestão urbana e política.

LOURENÇO (2010) aborda o Movimento Hip Hop como forma de contestação social e política, promovendo e inserindo esse novo sujeito político na esfera pública. Considera que os letristas são narradores urbanos que abordam temas sobre a sua própria existência, possibilitando aos jovens a valorização de si mesmo e da comunidade da periferia: as vivências com a cultura e o Movimento Hip Hop como meio de aquisição de conhecimentos e um modo de substituir a violência pela força das ideias.

MARTINS (2008) analisa o sistema de significações simbólicas de jovens ligados ao Hip Hop a partir das suas construções musicais. Examinando as letras de RAP, Martins as define como uma linguagem cultural e consumível que traça conexões entre o global/local, situando-o como uma nova configuração identitária que expressa, através da arte, suas posições contrárias aos sistemas hierárquicos estabelecidos de poder.

A pesquisa de SOARES (2007) discute a dimensão da *performance* de Rappers de Porto Alegre, defendendo que marcas identitárias como a fala, o gestual e a estética são parte de “projeto de gerenciamento étnico social de segmentos de jovens negros de periferia urbana que reivindica espaços de poder através de sua cultura expressiva” SOARES (2007).

O autor Iosvaldy Carvalho Bittencourt Junior faz uma análise sobre o processo de sociabilidade de negros a partir da apropriação de espaços públicos como ruas e esquinas no centro de Porto Alegre, em que o Hip Hop teve papel decisivo na construção e afirmação da etnicidade negra na cidade.

Os valores estéticos e morais são vivenciados pelos negros, valendo-se de si mesmos e tendo a força de uma cultura afirmativa [...] a união dos diversos segmentos negros no combate ao racismo e na busca de uma apropriação ou conquista de novos espaços de sociabilidade pública [...] opera por contrastividade estética e social [...] singularizada pelos sinais diacríticos tomados junto ao acervo comum da matriz africana ou ao que se compreende a cultura negra contemporânea [...] O uso dos estilos de corte de cabelo afro ou Black, a frequência aos bailes de funk, reggae, rap [...] fazem com que os segmentos negros da sociedade brasileira consolidem a cultura negra, levando em conta os espaços sociais multidimensionais (BITTENCOURT, 1995).

No campo que analiso, trago, ainda, algo de musical e poético da expressão do Hip Hop que corrobora o argumento de Bittencourt, sendo o Hip Hop uma vivência compartilhada de afirmação dos valores expressos dos diferentes segmentos do Hip Hop.

1.2 A experiência etnográfica junto ao Hip Hop

Em minha primeira experiência com a pesquisa etnográfica de 2005 a 2010, o resultado serviu como um mapa das redes de relações e espaços de atuação do Movimento Hip Hop de Porto Alegre a partir da perspectiva de três interlocutores da pesquisa⁶. No presente trabalho, busco demonstrar a articulação dessas redes

⁶Minha condição de pesquisador é dupla no campo junto ao Movimento Hip Hop, atuo como mediador, redigindo projetos e documentos junto a órgãos e a editais públicos e, ao mesmo tempo, busco analisar o alcance de suas atividades.

no modo de fazer política do Hip Hop. Para tanto, busco suporte teórico e metodológico junto a autores que trazem questões fundamentais para se pensar o fazer etnográfico.

William Foote Whyte iniciou o trabalho de campo em Cornerville, North End (Little Italy) de Boston em 1936, aos 22 anos de idade. Com o título de doutor ingressou na faculdade de Chicago sob orientação de Lloyd Warner com duplo vínculo nos departamentos de Sociologia e Antropologia. Na escola de Chicago, sua linha de pesquisa adotou a perspectiva ancorada nos princípios do “Interacionismo Social”, cuja abordagem se insere nos estudos da Sociologia Urbana, como a temática balizada pela “Interação Indivíduo e Sociedade”. Assim, o ponto fundamental da análise se dá na compreensão indivíduo como um sujeito ativo em plena “Ação Social”, atuando dentro de Redes e Grupos Sociais num processo contínuo de mudanças.

Whyte autodenomina sua pesquisa como *Observação Participante*, ingressando na comunidade de Cornerville, uma comunidade italiana pobre em Boston, EUA, onde morou de fevereiro de 1937 a março de 1938. Sua principal questão de pesquisa era uma análise de lideranças, buscando compreender como se constituem como tal, valendo-se da análise das redes como um recurso metodológico sobre as culturas organizacionais. Whyte demonstra o contexto da Segunda Guerra Mundial e dos intensos fluxos de migrações, suscitando pelo menos duas perspectivas antagônicas: a “visão de fora”, que atribui a Cornerville um caráter caótico, lugar de pobreza e criminalidade, um reduto de gangsteres e políticos corruptos, e uma “visão de dentro”, onde se percebe uma sociedade integrada e harmoniosa.

A fim de compreender a forma de organização social de Cornerville, Whyte separa os agentes da pesquisa em dois grandes grupos sociais, denominando-os de “Peixes Graúdos”, envolvendo políticos e gangsteres e o grupo dos “Peixes Miúdos”, referindo-se a redes de rapazes desempregados, ou subempregados frequentadores de esquinas, clubes e bares da comunidade, muitas vezes organizados, e gangues juvenis – “Rapazes de Esquina” – e os “Rapazes Formados”, jovens do circuito universitário de formação acadêmica.

Definindo como “Pesquisa de Ação Participativa”, Whyte busca envolver DOC, seu principal interlocutor (co-pesquisador) em todas as fases do processo de pesquisa, desde o esboço e coleta de dados, à análise e aplicação dos resultados. Com reconhecidas limitações práticas quanto ao sucesso de suas pretensões metodológicas, “Sociedade de Esquina” torna-se um marco da pesquisa qualitativa no campo de estudos das culturas organizacionais. Whyte tece as redes de relações de DOC estruturando mapas das redes de trocas de prestígio e honra a partir de interações e de um jogo de posições sociais e códigos morais que dão singularidade à Cornerville.

Assim, busca responder como um jovem de periferia constitui-se uma liderança, fazendo uma reconstrução da história de vida de DOC narrada por ele mesmo, colocando-o como sujeito da pesquisa, dando ênfase ao ponto de vista do sujeito sobre sua própria trajetória. Engajado na pesquisa de Whyte, DOC elabora e reelabora suas experiências de vida como dado para a pesquisa. Ao longo do relato, DOC mostra como sua coragem e habilidades com as brigas na infância e adolescência, sua solidariedade com os membros do seu grupo social e seu espírito criativo e propositivo deram-lhe destaque entre seus pares.

"[...] Dei uma surra nele [...] comecei a achar que era bom nisso. [...] Dei um soco nele". "Não revidou, sabia que eu era o líder" [...] Surrei todos os garotos da minha gangue em algum momento. [...] Se um de nossos garotos tivesse apanhado em qualquer outra rua, eu ia lá [...] Não tinha medo de ninguém [...] "Eu era a pessoa que sempre pensava as coisas que tinham de ser feitas"(DOC, p.28).

Os relatos dão conta dos atributos que ajudaram DOC a assumir uma posição com status de liderança em seu grupo de amigos. Segundo Whyte, essa dinâmica faz parte de um jogo de posições que DOC foi aprendendo a ganhar e a sustentá-las.

Assim, nas suas interações junto a jovens e seus espaços de vivências como esquinas e clubes, DOC desenvolve competências, que vão além da força física. Torna-se o ator principal das peças de teatro local, passando a protagonizar apresentações comunitárias, ganhando cada vez mais visibilidade e prestígio.

Suas vivências no Centro Comunitário de Norton Street conferiram especial engajamento, ascendendo à presidente do conselho do Centro durante um ano: "[...] atribuí a mim a missão de defender o Centro" DOC (WHYTE, 2005, p.32). As disputas e alianças internas pelo comando do Centro com outros grupos de jovens (Vagabundos e Rapazes Formados), bem como a interlocução com gestores e os assistentes sociais, foram configurando redes sociais imprescindíveis para a compreensão da construção de DOC como uma liderança política e comunitária.

Criador e líder da gangue "Os Norton", DOC manteve sua liderança, não pelo uso da violência, mas por seus vínculos afetivos, seus laços de amizade, generosidade, prestígio e honra. Whyte demonstra que a liderança de DOC correspondia às expectativas e habilidades adquiridas na interação em redes de amigos. DOC, Danny e Mike eram os três amigos mais velhos com posições mais altas na hierarquia do grupo, sendo que dois últimos ocupavam posições semelhantes abaixo de DOC. Danny, trabalhando como operário acabou complementando sua renda lutando em "brigas em porta de fábrica" e organizando de jogos ilegais. Foi Danny quem incentivou DOC a entrar no grupo de teatro e a pensar estratégias para ascender de posição no Centro Comunitário.

Danny tentava me instigar pra ir lá (Sunset) e mostrar do que eu era capaz. Ele tinha um bocado de fé em mim, me apoiava em qualquer coisa que exigisse miolos. [...] Descobrimos como eu poderia entrar naquele clube. Você tinha que ter votação unânime [...] fui aceito"(DOC, p.31).

Mike era um operário de fábrica engajado no sindicalismo, e complementava a renda com a administração de jogos e um pequeno empreendimento, uma lanchonete, lugar que virou ponto de encontro da sua rede de amigos. A trajetória de Mike no sindicato foi fundamental para a inserção política de DOC como candidato, assumindo a função de "cabo eleitoral", propondo comitês, plataforma, organização de bailes para angariar recursos e divulgação. O jogo das posições sociais também estava em jogo no Boliche, envolvendo disputas com Chick (o dono do club) e com rapazes formados (sócios do clube). Havia também as disputas internas dos Norton e suas relações com grupo de mulheres (Afrodite).

Whyte demonstra que há uma correspondência entre posição social e o desempenho dos rapazes no Boliche, por exemplo, cujos espaços servem como um lugar de reafirmação, perda ou ganho de prestígio.

Entre os “Peixes Graúdos”, Whyte analisa um Gangster de Cornerville que cuida e controla os rapazes de esquina e suas relações com o Senador George Ravello em sua campanha política. A fim de responder perguntas como “o que faz um homem Peixe Graúdo?”, e como se torna capaz de dominar um Peixe Miúdo?” Whyte defende que, ao compreender a relação entre os grupos “Peixe Graúdo” e “Peixe Miúdo”, estaremos compreendendo como Cornerville se organizava. Whyte faz opção de estudar a fundo as principais lideranças de cada grupo social, possibilitando o aprofundamento do contexto social pesquisado. Com olhar atento ao conjunto dessas relações sociais, o autor permite a problematização de questões particulares e detalhamento de padrões de ação no cerne das atividades rotineiras dos indivíduos, atuando e interagindo de forma ativa junto a essas redes. De fato, o desenvolvimento de organizações locais de Cornerville – vista de dentro – promove seus próprios canais de reconhecimento e mobilidade social.

De forma análoga às relações de cumplicidade entre Whyte e DOC, penso ter construído PX como meu principal interlocutor de pesquisa. Durante minha pesquisa de conclusão de curso em Ciências Sociais e no desenvolvimento da presente pesquisa, PX atua como entrevistador dos meus outros interlocutores, elaborando perguntas e problematizando questões relevantes ao tema. Além disso, PX é responsável por grande parte de minha inserção nos espaços de vivências de jovens ligados ao Movimento Hip Hop. A principal diferença em relação aos vínculos entre Whyte e DOC, é que, entre mim e PX os vínculos são anteriores ao processo de pesquisa. Conheci PX através do Hip Hop em 1998, construindo vínculos de amizade e trabalho que viriam a desencadear o processo de pesquisa etnográfica na metade de 2005.

Nesse sentido, minha pesquisa aproxima-se de experiências relatadas pelo antropólogo brasileiro Tônico Benites (2012) – indígena nascido e criado na comunidade étnica *Guarani-Kaiowá* na aldeia Sassoró em Tacuru (MS). Benites, muito antes de se tornar antropólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuava como representante político das famílias Kaiowá ao aprender o

idioma português e assumir a condição de interlocutor nos conflitos de terras e a participar de eventos locais, regionais e nacionais. O pesquisador relata como a assunção de posições sociais advindas do diálogo com os Kaiowás e “não Kaiowás” contribuíram para a constituição de um sentimento de grande responsabilidade como intérprete e palestrante. Benites demonstra sua íntima relação com as lideranças das diversas aldeias étnicas, bem como o contato com pesquisadores, cujas relações não o limitavam a um mero informante, mas também um observador reflexivo e crítico das teses e artigos que abordavam o seu povo Kaiowá.

A posição de Benites o coloca como indicador de soluções possíveis para os problemas atuais e numa relação de monitoramento e análise tanto de seus pares indígena quanto dos não indígenas. Assim, desenvolve uma pesquisa participativa, cujo conjunto de dados evoca não só os dados de campo de pesquisa, mas também suas experiências vividas como membro da família e comunidade Kaiowá.

Assim, do mesmo modo que Benites, minhas relações como adepto da cultura Hip Hop em meados de 1993 e membro de dois grupos de RAP de 1995 até a atualidade, colocaram-me como protagonista do Movimento Hip Hop e minha posição como DJ e oficina de Hip Hop colocaram-me em contato com diversos artistas e militantes do Hip Hop em diversos espaços de atuação. A partir do meu ingresso no curso superior, assumo a posição de escritor e narrador das iniciativas de organizações do Hip Hop, elaborando desde releases de grupos à construção de estatutos e projetos sociais. Minha produção escrita junto aos membros do Hip Hop colocaram-me em posição de intermediário no processo de formalização das iniciativas e no acesso a recursos financeiros. Atualmente faço parte do grupo de trabalho do Movimento Hip Hop na elaboração de leis, documentos para audiências públicas e tribunas populares, bem como confecção de projetos sociais e relatórios das intervenções.

Aproximando da perspectiva de Roy Wagner, é nesse encontro com o “outro” que se dá o processo reflexivo, que cria o outro na mesma medida em que cria a si mesmo, inventando e (re) inventando a própria cultura para pensar e inventar a cultura do outro. Assim, podemos reportar-nos a James Clifford, que propõe que a escrita etnográfica provém da composição de múltiplas vozes –

polifônico. Wagner acredita no potencial dinâmico e transformador, cuja reflexividade ao invés de reproduzir, modifica, inventa e reinventa as estruturas simbólicas.

Clifford sustenta, porém, que o registro escrito dessas experiências polifônicas é fundamentalmente o resultado do empreendimento do etnógrafo, que, por isso, exerce *autoridade etnográfica* na produção textual e formal do conjunto dos dados. Tal perspectiva implica repensar o processo de escrita, não como uma produção de verdade, mas como uma produção simbólica dotada de força criadora. Wagner parte do conceito de “relatividade cultural” ao considerar todas as culturas em “pé de igualdade”, pois todo ser humano pertence a uma cultura, e cada cultura é manifestação específica e genuína. Ao descrever e se propor a explicar a cultura do outro, o etnógrafo assume o papel de “elo” entre sua própria cultura e a cultura do outro como objeto de análise. O resultado estará inevitavelmente impregnado de pressupostos imperceptíveis da cultura do etnógrafo e de sua posição durante o transcorrer do trabalho. Por assim dizer, por maior que seja o esforço e o comprometimento com a objetividade da narrativa etnográfica, a descrição será sempre o produto interpretativo a partir da cultura de quem a produz. Wagner acredita no potencial dinâmico e transformador, cuja reflexividade ao invés de reproduzir, modifica, inventa e reinventa as estruturas simbólicas. Ainda sim, Wagner aposta na possibilidade de criação, aberta a invenção de novas narrativas sociais, numa espécie de tradução, de transferência de sentido de uma cultura para outra a partir de uma perspectiva relacional da cultura.

Na abordagem metodológica, busquei colocar em evidência o ponto de vista dos interlocutores em diálogo com o pesquisador – a construção de uma matriz de análise que articula os diferentes conceitos que compõem o quadro teórico de referência. A “Pesquisa de Ação Participativa” proposta por Foote Whyte (1993) busca envolver os interlocutores em todas as fases do processo de pesquisa, desde o esboço, coleta de dados, à análise e interpretação dos resultados, considerando-os como co-pesquisadores. Ao apresentar a obra de Whyte, Gilberto Velho (2003) considera o método de observação participante como pilar na coleta e análise qualitativa dos dados, pois promove uma constante e intensa aproximação e diálogo com os universos estudados. Whyte defende a qualidade

dos dados a partir de uma convivência cotidiana com seus interlocutores, vivendo e convivendo com suas dificuldades e dramas (VELHO 2003).

Assim, busco superar o senso comum com a problematização de estereótipos e preconceitos, tendo como ponto de partida o aporte teórico e os dados construídos junto aos interlocutores em campo, munido de “perguntas cujas respostas exigem o mais íntimo e detalhado conhecimento da vida local”. (WHYTE, 2003). Estarei atento aos significados atribuídos no processo de invenção do Hip Hop e suas mediações que se interpõem entre os interlocutores e sua experiência social. Os acontecimentos narrados também expressam, no seu conjunto, o modo de inserção do Hip Hop no mundo da política e sua participação na gestão de recursos públicos.

1.3 Os interlocutores de pesquisa

A partir dos relatos e vivências com Carlos Cristiano Gonçalves conhecido (PX), Ademir Porto Cavalheiro (Nezzo), Gilvan Lima (Bonne Dee), procuro aproximar diferentes perspectivas do Movimento Hip Hop de Porto Alegre colocando novos interlocutores em diálogos. Assim, a partir das inserções em campo, tinha, como ponto de partida, uma forte relação de amizade e cumplicidade com meus interlocutores e protagonistas da pesquisa White Jay, Mano Oxi e Sadol⁷. Apoiando-me no trabalho etnográfico e na orientação da Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim, penso dar visibilidade aos protagonistas através de seus depoimentos orais, explicitando seus nomes verdadeiros como forma de reconhecer suas contribuições como coautores de pesquisa.

Esta etnografia foi viabilizada por inúmeras vozes. Muitas constam no corpo de texto, são meus entrevistados, alguns tornaram-se amigos de viagem. Este texto é minha inteira responsabilidade, contudo, outras vozes devem ser referidas para que sejam reconhecidas e pra que eu possa agradecer devidamente as suas colaborações (JARDIM, 2001).

⁷A respeito da posição tomada diante da mudança de nomes, resguardando identidades e a correção das formas de falar dos entrevistados pelo pesquisador em seu texto final é importante ver as reflexões de Weber (1996).

Com um olhar mais atento às suas ações, pouco a pouco as múltiplas vozes vinham-me ajudando à compreensão dos fenômenos, trazendo à tona, também, algumas vozes dispersas de interlocutores de quem não tive oportunidade de aprofundar as trajetórias individuais, mas que também não poderiam ficar de fora pela importância das suas intervenções e interações em campo, como Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro), Luis Felipe Ribeiro Batista (Rapper Taxi) Tiago Santos (Nego Koy), Felipe dos Passos Pereira (Nego Slyp) Fabio de Oliveira Junior (Binho), Rafael Cavaleiro, Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha), Marcos Alexandre da Cruz (Marck B) e Fábio Dias (Amarelo).

Apesar de concentrar minha análise no Movimento Hip Hop em Porto Alegre, trouxe também vozes de pessoas públicas como lideranças políticas e líderes do Movimento Hip Hop brasileiro, a fim de ligar depoimentos locais aos respectivos contextos nacionais.

Como relatei na pesquisa de 2010, minha entrada como DJ do grupo Revolução RS (RVRS) foi fundamental em minha inserção no Movimento Hip Hop de Porto Alegre, participando de encontros informais nas ruas, de eventos e reuniões junto aos integrantes do grupo. Foi nesses espaços de vivências, na segunda metade dos anos 90, que conheci Rubem Sandro Moraes Schutz, vulgo **“White Jay”** ou “Psiquiatra da Rima”, através de suas intervenções artísticas como MC, DJ, B. Boy e Graffiteiro, bem como sua posição como um ativista da Cultura Hip Hop e líder do Movimento. É cofundador da ONG “Organização Cultural Movimento Hip Hop RS” em 1999 e atual protagonista da gestão e apresentação do “Programa Hip Hop Sul⁸”. White apresenta sua autobiografia no blog: “Companhia Pesada do Improviso” (CPI):

Formado na U.D.R (Universidade das Ruas) ativista cultural e arte-educador, Jornalista, Comunicador Popular e apresentador do programa Hip Hop Cultura de Rua/TVE-RS, Presidente Estadual da Nação Hip Hop Brasil, Líder do grupo C.P.I, amigo incondicional de meus amigos, pai, filho, irmão,...namorado, amante, companheiro e amigo da minha Luísa (Marinha). Busco dar o melhor de mim para ser digno de receber também o

⁸No ar desde 02 de junho de 1999, mudando de nome para “Programa Hip Hop Cultura de Rua” em 2013.

melhor. Aprendo com meus erros e comemoro meus acertos. Enfim, sou Rubem, sou Sandro, sou White Jay⁹.

Ainda no final dos anos 90, tive contato com as músicas do Agnaldo Munhoz de Camargo, autointitulado como “Mano Oxi”. Oxi faz questão de não esconder sua trajetória de envolvimento com o crime na periferia do Morro Santa Tereza, Zona Sul de Porto Alegre, no final dos anos 80. Em torno de seus 15 anos, começou a cantar RAP por influência da grande projeção de grupos de Hip Hop nacionais e internacionais. Aos 19 anos, passou a protagonizar mais intensamente a organização do Movimento Hip Hop no Rio Grande do Sul. Mano Oxi foi cofundador da ONG “Organização Cultural Movimento Hip Hop RS”, em 1999, onde gestionou o primeiro programa de Hip Hop do Rio Grande do Sul: o “Hip Hop Sul”, no mesmo ano, permanecendo na gestão até 2005. Além de Rapper, Oxi enfatiza sua identidade como ativista social, cuja trajetória o promoveu a presidente da Organização em nível Nacional – Nação Hip Hop Brasil¹⁰ de 2005 a 2011. Em 2007, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PC do B), atuando como assessor parlamentar do Deputado Estadual Raul Carrion (PCdoB) de 2008 a 2010. Em 2008, lança-se como candidato a vereador pelo PC do B, chegando a ficar como vereador suplente. Em 2011, filia-se ao PSB, atuando como “Assessor Parlamentar de Culturas Populares” do Deputado Estadual Catarina Paladine do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em 2012, lança-se novamente como candidato a vereador do Município de Porto Alegre pelo PSB.

Maurício da Silva Salgueiro, conhecido como “**Sadol**”, iniciou seus trabalhos artísticos e militância no Hip Hop no início dos anos 90 em Porto Alegre. Minha ligação com Sadol iniciou-se com suas participações como MC no grupo Revolução a partir do ano 2000. Tornou-se coordenador e oficinairo da Casa do Hip Hop KSULO no período de 2006 a 2009, atuando comigo e PX como oficinairo na comunidade Bom Jesus. As vivências proporcionadas pelo engajamento em ações sociais, reuniões e assembleias junto a lideranças e entidades da

⁹ <<http://psiquiatradarima.blogspot.com.br>> Acessado em 2012>

¹⁰ Organização Nacional do Movimento Hip Hop brasileiro, criada em 2005. Entidade que elegeu como representante no Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) e vencedor do prêmio de Direitos Humanos, em 2006 (UNESCO) e vencedor do Prêmio Preto Ghóez edição 2010 - promovido pelo Governo Federal para premiar ativistas e entidades do Hip Hop promotoras de ações sociais.

comunidade trouxeram transformações nos projetos de vida de Sadol, reinventando-se como uma referência na comunidade:

“Revolução” é isso que a gente está fazendo, a gente tentando mudar alguma coisa, e é o que eu queria pra minha vida. Sabia que tinha que mudar tudo o que eu vi. Eu vi muita coisa, vi meus pais morrerem, **eu me vi com 15 anos tendo que sustentar cinco irmãos, tendo que roubar couve do vizinho pra poder comer com arroz no fogo de chão...** Uns bagulhos que eu passei, que eu vejo, que... Assim... Mas hoje eu me vejo aqui dentro, com toda essa estrutura... Tá entendendo? [...] Quando a gente faz o RAP, tem que pensar o que vai te fortalecer, o que tu vai fazer com que tua comunidade venha contigo. Quando comecei no RAP na Rua 14¹¹ eu tinha muitas referências no RAP. Hoje a gente não tem referência, hoje a referência sou eu. (SADOL, 2008).

Assim, meus interlocutores de pesquisa são militantes do Movimento Hip Hop, atuando como promotores de ações sociais, “fundam ONGs, constroem portais na internet, organizam encontros, conferências e festivais nacionais e internacionais. Chegam ao espaço público como uma alternativa de organização juvenil” (NOVAES; VITAL, 2006). Em diálogo com meus interlocutores, penso conceber uma análise do fenômeno Hip Hop a partir de uma perspectiva da antropologia política, articulando diferentes experiências e pontos de vistas. No conjunto dos discursos e práticas e modos de atuação e organização política do Movimento, busco compreender o processo criativo de invenção do Hip Hop como uma possibilidade para a participação política.

Em junho de 2012, Mano Oxi manifesta a problematização do tema em um seminário estadual – RS: “30 mil jovens negros assassinados no Brasil”, em que reforçava a participação imprescindível do Movimento Hip Hop no questionamento central das discussões: “A Sociedade e o Estado mudam essa realidade?” O que Mano Oxi evocava em seus companheiros e seguidores era de fato a participação política do Movimento no tema através do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho

¹¹ Rua 14, na comunidade Bom Jesus, Zona Leste de Porto Alegre.

(FPHHG¹²) como principal ferramenta de promoção de ações voltadas para a promoção da cidadania.

Voltarei a falar do FPHHG nos próximos capítulos, mas aqui cabe ressaltar que Regina Novaes e Vital analisam como a ideia de “cidadania” vem sendo apropriada por grupos juvenis em suas ações na reivindicação de direitos, conscientização e resolução de problemas coletivos. Essas ações visam a melhorias das condições de vida de seus protagonistas e da comunidade de origem, promovendo a organização de pequenos empreendimentos sociais e criação de canais de participação democrática em instâncias mais amplas. “[...] um fórum que acima de tudo dialogue com o movimento e com o poder público [...] uma estância máxima que possa discutir qualquer pauta política em nome e em benefício do Movimento Hip Hop” (MANO OXI)¹³.

Através da trajetória da constituição do (FPHHG) – locus em que meus interlocutores se encontram, articulam e interagem entre si em torno de bandeira políticas – busquei compreender quais são as normas e regras que regem o *fazer político* e os arranjos de organização política do Movimento Hip Hop, assim, entender como se dão as dinâmicas de gestão dos conflitos e como se dão os consensos.

Para Lourenço (2010), o Movimento se constitui como uma possibilidade de intervenção político-cultural construída na periferia, que promove formas não tradicionais de fazer política. O que chama a atenção é que essas formas de atuação e organização do Movimento Hip Hop de Porto Alegre atravessam um processo de formalização e instituição, a fim de fortalecer mecanismos de participação junto a espaços historicamente instituídos (AZEVEDO, 2000). Junto às políticas públicas, lideranças do Hip Hop reivindicam a participação na gestão dos bens públicos e na garantia dos direitos humanos. Bebendo da experiência de gestão pública do OP porto-alegrense, fóruns e assembleias junto a movimentos e programas sociais, o Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho é fruto do processo de participação democrática.

¹² Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho foi criado de 2010 com um espaço de diálogo entre entidades e ativistas do Movimento Hip Hop no Rio Grande do sul com a função de interlocução com o poder público.

¹³ Plenária do Hip Hop articulada por Mano Oxi e PX no comitê de campanha da candidata Dilma Rousseff em Porto Alegre no dia 17 de setembro de 2010.

CAPÍTULO 2. ANÁLISE DO SISTEMA POLÍTICO DO HIP HOP

Para analisar a atuação política de tantos atores, a noção de rede não me permitia entender os alinhamentos e os relacionamentos entre parceiros e suas disputas internas. A ideia de segmentos parece mais potente, pois permite entendê-los como ações de interesse.

O trabalho do etnógrafo inglês Evans-Pritchard (2008) junto à sociedade “Nuer” é considerado um estudo antropológico pioneiro sobre os sistemas políticos dos povos africanos. O autor faz uma análise estrutural do sistema político dos “Nuer”, propondo a divisão dos povos em segmentos e seções tribais, dada a “falta” de centralização e as recomposições de alianças políticas que observava. A segmentação busca compreender mais claramente as relações entre as divisões tribais, descrevendo a natureza dos vínculos, das alianças e dos códigos morais. Pritchard, então, busca indicar os modos de segmentação com base em variáveis como as limitações impostas pelo sistema ecológico, o sistema de estruturação do tempo e do espaço, sistemas políticos, sistema de linhagem e conjuntos etários. A partir desse mapa, analisa a qualidade dos laços sociais, qualificando-os em relações próximas, variadas e íntimas, bem como os níveis de coesão social entre os membros do grupo e suas lógicas de comportamentos e cooperação.

2.1 As possíveis lógicas das segmentações do Movimento Hip Hop

Estabelecendo uma analogia com a estrutura de análise de Evans-Pritchard (2009), parto das cenas vivenciadas em campo e das narrativas evocadas pelos meus interlocutores como bons exemplos para pensar o Hip Hop. Desse modo, destaco o caráter estrutural da forma de fazer política ao abranger as diversas esferas da vida social dos jovens militantes do movimento Hip Hop. Assim, penso compreender as relações que estruturam os modos de fazer política do movimento Hip Hop em Porto Alegre, percebidas nas suas segmentações e recomposições relativas ao tempo, espaço, tendência política partidária, origem e trajetória social dos interlocutores da pesquisa.

a) O segmento tempo

O segmento tempo está dividido em duas secções relativas ao tempo de participação ativa e à trajetória de engajamento no Movimento Hip Hop. Aproveitando a nomenclatura empregada pelo próprio Movimento, denomino duas gerações: “Velha Escola” e “Nova Escola”. A primeira designa os pioneiros do Hip Hop, protagonistas do circuito da “Black Music no período dos anos 70 até a década de 80; a segunda engloba os protagonistas dos anos 90 até os dias atuais (MAFFIOLETTI, 2010). Esta segmentação é flexível, uma vez que a “Nova Escola” pode ser considerada “Velha Escola” para os adeptos mais recentes.

Esse contato entre a “Velha” e “Nova” escola do Hip Hop foi o método que utilizei para organizar a narrativa da primeira pesquisa em 2010, a fim de organizar os interlocutores em primeira e em segunda geração do Hip Hop, para estabelecer relações entre elas. Assim pude perceber as “Redes Juvenis” como “meios” para dinamizar o que já está constituído, e também têm funcionado como ponto de partida para a construção de novos espaços de comunicação, identificação e ação (NOVAES, VITAL, 2006).

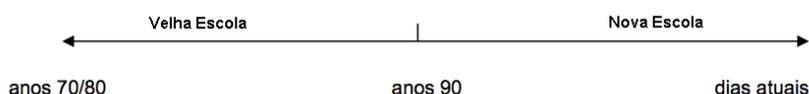
Na busca das raízes do Hip Hop, os militantes da “Nova Escola” partem de um conhecimento anterior, que é aprendido e socializado pelos militantes da “Velha Escola”. Esse conhecimento evoca contextos históricos, princípios e valores existentes na gênese do Hip Hop, tomados como pontos de referência para a construção da identidade no Movimento. O segmento tempo, portanto, é uma forma de recuperar o processo histórico, dando sentido às diferentes fases de sua trajetória de luta e resistência à condição de exclusão.

Era um período de ditadura, então, qualquer coisa que tu saíesses fora do padrão, do convencional, em termos de cabelo e de roupa, automaticamente a abordagem era frequente. A agressão verbal era direta, os caras tentando te intimidar. Às vezes tu ias a determinado lugar, os caras te faziam deitar no chão pra tu te sujar, [...] Os **policiais nos batiam e nos mandavam embora**. Às vezes os caras nos tiravam de um lugar, a gente ia para outro, sempre **naquela coisa da resistência** (NEZZO, 2009)¹⁴.

¹⁴ Depoimento extraído de (MAFFIOLETTI, 2009, p. 10)

O gráfico abaixo localiza as categorias “Velha” e “Nova Escola” na segmentação do tempo, conforme aferido pelos próprios interlocutores.

Segmentação Temporal



b) O segmento espaço

O segmento espaço localiza os interlocutores em seus espaços geográficos de origem e suas relações territoriais – o que não significa uma limitação em seu campo de atuação política.

Parte de minha pesquisa em 2010 é fruto das minhas memórias de vivência na Rua Guedes da Luz¹⁵ em Porto Alegre no início dos anos 90, que contribuíram para minha inserção nas redes do circuito de skate e do Hip Hop local. Ao analisar os espaços de atuação do Hip Hop desse período, logo chama a atenção que as “ruas” e as “esquinas” funcionam como espaço de encontro de jovens e adultos para práticas esportivas e culturais envolvendo os elementos RAP e Skate. Importante salientar que se trata de um contexto em que aparelho celular era considerado artigo de luxo e o acesso à internet era restrito. Sem os espaços virtuais como conhecemos hoje, ao exemplo do “Facebook”, as ruas e esquinas no início dos anos 90 eram de fato o “terminal” das redes de jovens, espaços onde as interações aconteciam e a “Cultura de Rua” era inventada, vivenciada e compartilhada.

¹⁵ Na verdade uma travessa localizada no bairro Partenon na Zona Leste de Porto Alegre, ponto de encontro de jovens do Hip Hop e do Skate. Ver mais em “Movimento Hip Hop Em Porto Alegre Rede, de Relações e Protagonismo Juvenil, (MAFFIOLETTI, 2010).

Quando pensei em virar DJ, em meados de 1995, ouvia falar do DJ Grand Master Nezzo”, e, foi em 1998, frequentando as rodas de break no centro da cidade¹⁶, que pude encontrar e conhecer pessoalmente Nezzo. Em entrevista cedida em 2009, Nezzo evoca a “rua” e a “esquina” como o ponto de partida de sua própria experiência com a cultura que viria a ser conhecida como Hip Hop em Porto Alegre. Ao longo do seu relato, demonstra que os encontros de jovens nas ruas e esquinas fomentavam “as redes de relações que, não só eram eficientes como estratégias de circulação de informações, como também se auto-alimentavam na produção e circulação dessa informação” (MAFFIOLETTI, 2010).

[...] Eu me lembro de que na época, a gente começou a fazer as Rodas de Soul na Rua dos Andradas [...] É assim que funcionava, era na base do panfleto mesmo. Era uma efervescência. Não eram apenas os grupos de pessoas de várias localidades da cidade, também era o local onde as equipes de som armavam uma caixa de som e microfone e divulgavam os bailes ali mesmo. [...] (NEZZO, 2009).

Bonne comenta que a relação desses artistas com a sua comunidade de origem era muito forte. Cada vez que um artista se apresentava, estava incumbido de representar a sua comunidade de origem, que, por sua vez, passava a apoiá-lo com gritos, aplausos e assobios. Como afirma Bonne:

Porque no início do Hip Hop lá em SP a gente viveu isso. Onde um determinado grupo de uma região iria cantar, a vila inteira estava lá para apoiá-lo. **Porque você estava lá representando a vila e a vila inteira fazia questão de estar lá pra te apoiar**, se você ganhasse então... Era uma festa (BONNE, 2009).

¹⁶ O local mais tradicional é conhecido como “Esquina Democrática” na Rua das Andradas com Av. Borges de Medeiros, bem como na esquina da Rua das Andradas com a Rua General Câmara no Centro de Porto Alegre. Em meados de 1984, a Andradas era o local onde aconteciam os encontros de dançarinos e adeptos da Black Music, reunindo-se em círculos (rodas) para a competição de dança ao estilo Soul Music e Break Dance. As “Equipes de Som” (principais promotoras dos bailes da Black Music) também se faziam presentes para promover a apresentação de seus dançarinos e cantores, bem como divulgar os bailes anunciando-os com o uso de microfone e com a distribuição de panfletos informativos.

Nezzo complementa dizendo que a relação era fortemente sentida pelos artistas da comunidade:

[...] **a tua quebrada te seguia**, tu podia ter certeza que tu irias pisar no palco e meia dúzia, vinte ou cinquenta cabeças da tua comunidade iriam vibrar contigo. Dependendo da tua performance, tu conquistavas o salão todo. A melhor coisa que tinha eram as pessoas virem apertar a tua mão e te elogiar... Era o máximo! (NEZZO, 2009).

Outra característica relevante em minha na pesquisa de 2010 foi identificar vivências e valores compartilhados nas ruas e esquinas para a formação das identidades dos meus interlocutores. Além do “estar na rua”, os movimentos de apropriação dos espaços públicos colocavam jovens e adultos no jogo de disputas de interesses privados como moradores locais, empresas e gestores públicos que os rotulavam como “marginais”. O dançarino Nezzo, por exemplo, acredita que a exaltação de suas características étnicas, como a cor da pele, “cabelo Black”, roupas e estilo de dançar eram verdadeira afronta às elites locais que historicamente monopolizam o domínio sobre o espaço público (KUSCHNIR, 2007). Os grupos de jovens de periferia apropriam-se desses espaços dispostos a entrar em conflito direto com os interesses das elites locais. Trocam, desta forma, mais que panfletos de festas e passos de dança, pois criam obrigações mútuas de solidariedade e resistência.

O comprometimento social com a defesa da cultura negra e periférica presentes no ato de dançar e cantar no espaço público é, por assim dizer, um valor implícito que reforça os laços entre os participantes das “Rodas de Break”. Como pano de fundo das trocas de passos de dança, está o compromisso moral com a transformação social da realidade do dançarino. Há, portanto, a atribuição de sentidos ao espaço a partir dos modos de apropriação que devem ser analisados em seu contexto histórico. Segundo BITTENCOURT (1995), em seus estudos sobre a territorialidade negra em Porto Alegre, afirma que é na apropriação e delimitação desses territórios urbanos que a sociabilidade negra se inscreve no espaço, e onde são compartilhados e vivenciados os valores estéticos e morais dos segmentos negros.

c)A segmentação como uma tendência político-partidária

A segmentação como tendência político-partidária é um modo de situar os interlocutores segundo seus vínculos partidários e suas respectivas correntes ideológicas.

A organização política descentralizada e fragmentada do movimento Hip Hop se expressa por uma configuração dinâmica, caracterizada por composições e recomposições de alianças entre pessoas e pequenos grupos de interesses. Essa configuração dinâmica faz parte de um jogo político, em que as diferentes lideranças, muitas vezes antagônicas entre si, encontram unidade em princípios éticos e ideológicos através do Hip Hop.

A relação de militantes do Hip Hop com a política teve início nos anos 90, durante as campanhas políticas municipais de Porto Alegre, quando o Movimento tornou-se a porta de entrada dos partidos para o diálogo com as juventudes periféricas. PX, White Jay, Mano Oxi e Nezzo contam suas experiências junto ao Partido dos Trabalhadores (PT-RS), procurados como referências e articuladores locais, passaram a contribuir para a mobilização de jovens e marcar reuniões do Movimento com cabos eleitorais dos candidatos e, posteriormente, diálogo direto com lideranças como Olívio Dutra e Tarso Genro. A relação com a administração pública, através dos prefeitos eleitos Olívio Dutra (1989-1992) e Tarso Genro (1993-1997), promoveu os primeiros debates de políticas públicas para o Hip Hop por meio de festivais e oficinas. Em 1996, Rafael Cavalheiro – irmão de Nezzo – funda a Organização do Movimento Hip Hop, tornando-se primeira entidade jurídica do Movimento Hip Hop, que viria agregar White Jay, Nezzo e outros militantes em ações sociais junto a instituições e órgãos públicos. A entidade manteve relações com líderes políticos do PT na sua interlocução com o poder público. PX, por sua vez, articulava-se de informalmente por meio de seu grupo “Revolução RS”, vindo a constituir equipes de trabalho que dariam origem à organização “Hip Hop 13” Posteriormente, nas campanhas estaduais em 1998, Olívio Dutra lança-se como candidato ao Governo do Estado, assinando uma carta compromisso com o Movimento Hip Hop, comprometendo-se com pautas e reivindicações. A carta selava uma parceria que implicava o compromisso das

lideranças do Movimento em fortalecer as bases do PT nas periferias, enquanto que Olívio Dutra comprometia-se em atender as demandas do Movimento como incentivo financeiro e espaço na mídia. Entre as pautas do Movimento, estava a criação do primeiro Programa de TV aberta do Brasil direcionado ao fomento da Cultura Hip Hop. White Jay e PX assumem a coordenação da campanha em nível estadual, promovendo festivais de Hip Hop em apoio a Olívio Dutra.

Em 1999, já no cargo de Governador do Estado, Olívio entrega a gestão do programa de TV à Organização do Movimento Hip Hop, batizada por White Jay como “Programa Hip Hop Sul”. O programa estreou no mesmo ano, protagonizado pelos próprios militantes do Movimento Hip Hop, cujo compromisso era promover a conscientização e fomento do Hip Hop como a “voz da periferia”. O primeiro programa, que foi ao ar apresentou formato de auditório e matérias externas com resumo das iniciativas do Hip Hop na cidade. Entre as matérias, a apresentação da tradicional “Roda de Break” na Rua dos Andradas com a General Câmara¹⁷, no centro de Porto Alegre, com imagens de performances de dançarinos e do público presente. Ainda nessa matéria, o apresentador do “Programa Hip Hop Sul”, Rafael Cavalheiro, faz um breve relato da constituição das rodas:

A primeira “Roda de Break” aconteceu em 1983, numa sexta-feira de abril. De lá pra cá o Movimento não acabou mais. A “Roda” aconteceu na Esquina Democrática, e hoje ela acontece na Rua dos Andradas com a Rua General Câmara [...] Os primeiros a abrirem as “Rodas de Break” foram os “Geda”, “Cadinho”, “Nelson” e “Grand Master Nezzo”, entre outros. A partir daí nasceu a primeira “Gangue de Dança de Rua” chamada “Breakstone”. A “Roda de Break” também serve para trocar ideias e conhecer novas pessoas” (CAVALHEIRO, 1999).

Ao longo dos 14 anos de existência do Programa, que veio a ser rebatizado de “Programa Hip Hop Cultura de Rua” em 2012, sempre esteve no centro das disputas de interesses políticos antagônicos, uma vez que a TV Educativa abrange todo o Estado do Rio Grande do Sul. Em vista disso, White Jay salienta que as conquistas são “conquistas políticas” do Movimento, fruto do confronto entre forças e lideranças políticas partidárias.

¹⁷ A “Roda de Break iniciada em 1983 na esquina democrática migrou para a Rua dos Andradas com a General Câmara na metade dos anos 90.

“O Hip Hop Sul foi uma conquista política. Quando eu me coloquei na frente da campanha do Olívio Dutra, coloquei minha cara no jornal, eu sofri perseguição política na TVE que é PSDB. Fizeram de tudo pra eu sair de lá (WHITE, 2010).

Estava explícito que os militantes do Hip Hop, para se manter na luta política, precisavam tomar posição para a disputa de forças. Havia a tendência de o Hip Hop aliar-se a lideranças políticas de esquerda, principalmente com o Partido dos Trabalhadores (PT). De 1998 a 2002, diferentes representantes do Movimento Hip Hop nacional manifestaram apoio aberto à candidatura de Luiz Inácio da Silva do PT para Presidente da República. Em Porto Alegre, participei da equipe da campanha do PT em 2002, juntamente com PX, White Jay e Mano Oxi, realizando atividades de Hip Hop nas comunidades periféricas como estratégia de mobilização. A equipe apostava no futuro governo Lula como uma possibilidade de ampliação de políticas públicas para o Movimento Hip Hop.

O Hip Hop conseguiu alguns incentivos para pequenos projetos e eventos pontuais com alianças com vereadores e lideranças políticas. Mas, apesar das novas perspectivas com o Partido dos Trabalhadores no comando federal, nenhum militante do Hip Hop que trabalhara nas coordenações de campanha foi empoderado internamente ao partido. Os militantes do Hip Hop também ficaram de fora do conjunto de indicações a cargos de confiança na gestão pública.

Em resumo, no Rio Grande do Sul, até 2003, o Movimento Hip Hop ampliou o campo de ação e acesso a recursos públicos, mas não conseguiu inserir seus militantes nas esferas de decisão e gestão de órgãos públicos.

Em março de 2004, o presidente Lula (PT) recebe uma comitiva de representação nacional do Hip Hop no Planalto Federal para a criação de uma comissão interministerial para dialogar com o Movimento. Alexandre Ricoi (Baze) – do grupo de RAP “Da Guedes” – foi designado para Brasília como representante do Rio Grande do Sul:

Acho que é um grande passo que a gente tá dando aí. Chegar direto no Presidente da República. Com isso a gente tem que buscar a união do Hip Hop nacional [...] isso vai ajudar o nosso movimento crescer e ser visto com outros olhos pela sociedade [...] legitimado pelo presidente (BAZE, 2004).

Durante o encontro, o presidente Lula reconhece a importância do Hip Hop na luta por justiça social e assume compromissos com o Movimento.

Hoje estou aqui para assumir compromissos com a juventude brasileira, através de uma das mais importantes organizações, o movimento Hip Hop, que muito vem contribuindo na luta contra a injustiça social e pela defesa da cultura popular brasileira. Esse movimento integrado por jovens que vivem a realidade da periferia nos grandes centros urbanos tem a consciência da necessidade de mudanças e provém transformações completas através de suas oficinas de dança, de música e do graffiti (LULA, 2004).

A essa altura, as lideranças do Movimento não se contentavam mais com o simples acesso aos recursos públicos, mas estavam empenhados em ampliar a participação do Hip Hop na esfera do poder político. Outros partidos de esquerdada em ascensão passaram a se tornar mais atraentes por dois motivos: promoviam encontros de formação política juntos às redes juvenis, e apresentavam-se em um campo mais suscetível para empoderamento e abertura política para cargos de coordenação e cargos de confiança. Assim, White Jay e Mano Oxi acabaram migrando para o Partido Comunista do Brasil PCdoB em busca de maior participação e reconhecimento de suas potencialidades políticas. A divisão não significou uma fragmentação rígida, uma vez que os discursos encontravam unidade e consenso na ideia de que os militantes do Hip Hop necessitavam ampliar seus campos de atuação e empoderamento político. A mudança de partido é encarada, dessa forma, como uma estratégia política de fortalecimento das lideranças em prol das demandas e causas comuns aos militantes do Movimento Hip Hop.

Eu já to na militância política há 17 anos, fiquei 12 anos no PT. Eu não sai do PT porque eu briguei com alguém. Eu tive contato e fui formado pelo PC

do B sem eu saber. A formação que eu não tive no PT eu tive no PC do B [...] Nós temos que combater a Direita, essa é nossa meta, são os nossos inimigos políticos. Temos que canalizar essas ações. Eu tenho lado político, eu abracei essa causa (OXI, 2010).

White e Oxi passam a frequentar as reuniões, formações e eventos promovidos pelo PCdoB e pela União da Juventude Socialista (UJS). Juntos criam, em 2005, a “Nação Hip Hop Brasil” (NHHB). A NHHB engaja-se nas principais bandeiras de lutas ligadas aos temas juventude e cultura negra. As lideranças encontram unidade em princípios éticos e ideológicos na promoção e fortalecimento de conquistas políticas para o Movimento Hip Hop junto ao PT. PX, Sadol e Bonne Dee buscavam fortalecer a organização “Hip Hop 13”, enquanto que Mano Oxi e White Jay, junto ao PC do B buscavam ampliar o poder político da “Nação Hip Hop Brasil”.

Por meio de grandes mobilizações com a “Nação Hip Hop Brasil”, Mano Oxi ganha respaldo político e consegue lançar-se como candidato a vereador pelo PC do B em 2008. Sua campanha é marcada por um diálogo com outras redes de juventude e ampliação do plano de governo para além do Hip Hop. Apesar de uma campanha com poucos recursos, Mano Oxi chega a ficar como vereador suplente na disputa eleitoral. Na campanha seguinte, o Movimento Hip Hop se vê dividido nas campanhas municipais e estaduais, mas encontra unidade em suas coligações políticas em apoio à candidatura ao Governo Federal. PX, Mano Oxi e White Jay ajudam a mobilizar as principais lideranças do Hip Hop de diferentes correntes partidárias para avaliar o apoio e as reivindicações para a campanha de Dilma Rousseff (PT) à presidência. Em uma mesa redonda no comitê central da candidata em Porto Alegre, as diferentes lideranças expõem seus pontos de vista sobre a atual conjuntura política. Nesse encontro, Mano Oxi propõe a criação de uma instância do Movimento que dialogue com os diferentes segmentos e tendências partidárias a fim de aglutinar forças políticas. Essa proposta é denominada por ele mesmo como “Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho” (FPHHG):

Eu acredito que o que nós construímos aqui esta noite vai elevar o Hip Hop gaúcho num patamar que não existe em nenhum lugar no Brasil. [...] É um momento para que possamos fazer um compacto e podermos consensuar

numa ação que eleve a qualidade do Hip Hop [...] é momento de se organizar em termos de qualidade na ação e, acima de tudo, unidade (OXI, 2010).

Mano Oxi defende que o modo descentralizado e fragmentado das ações, das lideranças e das organizações não pode ser visto de forma negativa, mas antes como parte de um jogo político de acúmulo de forças para a promoção do Hip Hop.

Se o Hip Hop se atrelasse a um único partido, nós perderíamos muito. Hoje temos uma coalizão governando o país, não é só o PT. Enquanto não temos lado, não somos ninguém pra apedrejar, pra criticar. [...] Na hora de aprovar um projeto, nós precisamos o maior número de forças. Tai a lei Estadual do Raul Carrion, que teve apoio do Mano Changes. Tem que haver essa diversidade, para que o movimento não encaminhe para um buraco (OXI, 2010).

Da mesma maneira, B.Boy Jorge Cristiano de Oliveira (Jukinha) salienta a importância da transversalidade com todos os partidos políticos, a fim de ampliar as possibilidades de ganho político, não restringindo o Movimento a negociações com uma única tendência. Jukinha recorda e avalia que a “Carta Compromisso” assinada por Olívio Dutra do PT em 1998 encontrou limites. Por isso chama a atenção de que o Movimento precisa continuar pautando suas reivindicações, seja qual for o partido que chegue ao poder. Avalia que se o Movimento não pretende virar um partido político, então que dialogue com todos para alcançar seus objetivos.

Eu me lembro de ter participado de mais umas duas reuniões no próprio PT, que acabou ganhando em 1999. Mas acabou respingando pouca coisa para poucas pessoas. E outras pessoas que construíram esse documento acabaram não tendo retorno de nada, e as coisas acabaram se perdendo. A única coisa que ficou foi o “Hip Hop Sul”. Mas outras coisas que constavam na carta de compromisso acabaram não se concretizando. Se o Hip Hop não pretende ser um partido, então a gente tem que dialogar com todos. Seja quem for que ganhe, tem que estar comprometido com o que estamos propondo aqui (JUKINHA, 2010).

MC Marcos Alexandre da Cruz (Marck B) reforça que as alianças políticas com os partidos não significam adotar inexoravelmente a posição ideológica ou agir conforme as vontades dos líderes do partido, mas uma atitude ciente do jogo de acúmulo de forças e tomada dos espaços de atuação política.

Eu acho que o Hip Hop independente de esquerda e de direita, o HIP HOP tem que estar em todo lugar. Em todo lugar sempre tem que ter um representante. O meu voto só quem vai saber é a urna eletrônica e quem me conhece realmente sabe qual é o meu voto (MARCK B, 2010).

Assim, a organização aparentemente fragmentada, conforme as alianças políticas dos militantes do Hip Hop, por um lado colocam os militantes em posições opostas segundo as tendências partidárias, mas, por outro, é pensado como uma estratégia política, cuja fragmentação pulveriza as forças do Movimento nas mais diferentes tendências. As trocas de posição e partidos, portanto, são vistas como parte de um jogo político de coalizão de forças no pleito de ampliação de acessos a direitos e recursos públicos.

Em atuação, o “Fórum Permanente do Hip Hop” (FPHHG) passaria a ser a instância legítima de diálogo com a administração pública, pautando o diálogo com diferentes lideranças e partidos políticos na implementação de políticas públicas. Em 2013, o FPHHG inicia um processo de formalização com a construção de Estatutos e Regimentos Internos. Entre as exigências, a garantia da manutenção das estratégias políticas sem que o FPHHG esteja atrelado a um só partido político, possibilitando o diálogo com todos os governos.

[...] Nós estaremos fazendo a mudança democraticamente, respeitando tudo, para que a gente possa fazer e ser respeitado. Independente do prefeito que vier, nós temos que ter essa postura, esse posicionamento. Não misturar a questão político partidário, pois o fórum não pode apoiar nenhum candidato. Tem que estar no estatuto que se um membro da direção apoiar tentar um pleito político ou apoiar um candidato ele tem que pedir a saída da associação. O membro pode voltar depois que cumprir sua tarefa política. Deixar em pratos brancos, eu tenho minha bandeira política. Quer apoiar candidato X ou Y? Fica a teu critério, mas isso não vai influenciar em nada no Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho. Dialogará com toda a sociedade, com todos os partidos. Vai sentar com o prefeito, com vereador e governador, todo mundo. E também nós iremos ir lá “meter pau”, porque nós queremos nossos direitos. (WHITE JAY, 2013)

d) A segmentação por origem e trajetória social

O segmento origem e trajetória social expressa a classe social de onde provém e as experiências que marcam suas trajetórias de vida. Nessa segmentação, em especial, são enfocadas as experiências no mundo do crime e a passagem pelo sistema prisional de militantes do Movimento Hip Hop.

Conheci Fabio de Oliveira Junior, o Binho, em 2004, morador da comunidade Bom Jesus. Conhecemo-nos pela curiosidade ao deslumbrar desenhos artísticos nos cabelos dos jovens que circulavam nas comunidades e no centro da cidade. Na minha pesquisa por um cabelereiro que fizesse aquela arte, acabei chegando até Binho. Fez meu primeiro corte de cabelo nesse estilo¹⁸, e voltei a cortar algumas vezes. Criamos uma forte amizade por identificação com o RAP e pelos amigos em comum na comunidade Bom Jesus. Pouco tempo depois, recebo a notícia que Binho fora julgado por um ato infracional na adolescência, vindo a ficar privado de liberdade até 2006. Quando conquistou a liberdade, abriu o próprio salão de cabeleireiro na Bom Jesus. Comecei a frequentar o salão semanalmente, e passei a me interessar pela trajetória de vida.

Em sua experiência na prisão, Binho conta que trabalhava das 8h às 17h cortando cabelo. Lá, Binho ficou conhecido como “Cabelo”. Relata que a “droga” é o principal tema das conversas entre os detentos no sistema prisional. Diz ele: “Se tu ficasse parado, quando tu percebia, já estava vendendo droga para o patrão pra ganhar o teu sustento” (BINHO, 2007).

Além do trabalho como cabelereiro, Binho compunha RAP, e usava o tempo livre para escrever e praticar rimas improvisadas. Foi assim que conheceu outros três MC’s e, juntos, fundaram um grupo de RAP. Binho explica que começaram ensaiando e compondo letras de rap. Conta que, no início, os outros detentos não apoiavam, “a gente escutava uns *psi psi* (pedindo silêncio). Mas depois, os

¹⁸ A especialidade de Binho consistia em desenhos artísticos no couro cabeludo com uso de gilete – Denominado por ele mesmo como “Tatuagem na Cabeça”

ensaios começaram a ser uma festa e os outros presos pediam e gritavam: Aí Cabelo! Canta mais alto que eu não to escutando!” (BINHO, 2007).

O grupo de Binho foi batizado pelos próprios integrantes como “Alcatraz¹⁹”. Binho explica que o “plano de fuga” consistia em manter a mente ocupada com atividades positivas, e não se meter em confusão para que a pena diminuísse ao invés de aumentar, enfatizando, então, que o seu plano de fuga era a partir do RAP. Compondo e ensaiando, o grupo chamava a atenção das assistentes sociais. Binho relata o diálogo com uma das assistentes sociais na prisão, em que a mesma elogiava o trabalho do “Alcatraz”, mas sugeriu que o grupo mudasse de nome, alegando que eles deviam dissociar o nome de qualquer referência à cadeia. Em resposta, Binho diz:

Mas trocar por quê? Se foram vocês que criaram esse nome. Colocaram nós quatro junto numa cela e pensaram que todos iriam virar traficante [...] mas montamos um grupo de RAP. Agora vocês tão fugindo? Não! É Alcatraz! Os quatro presidiários que daqui um pouco vão ser os quatro presidiários na rua. Nós vamos ser os quatro presidiários que se deram bem na vida (BINHO, 2007).

Binho relata a importância do RAP no seu cotidiano dentro e fora da prisão, como uma alternativa de escape ao mundo do crime, mas que, mesmo fora do crime, suas experiências de vida e visões de mundo são marcadas pela lembranças das vivências no sistema prisional.

A minha mãe fala até hoje das letras criminosas, que é pra eu esquecer esse negócio de prisão. Mas não adianta, até queria voltar e entrar em casa e esquecer. Mas nós somos o primeiro grupo formado em semiaberto. Pra mim, isso é uma conquista importantíssima. Na prisão não tem nada de projeto social. Na prisão, o traficante está em todo lugar, é o mais falado, assim como o cara da cantina e o cara da cachaça. Mas agora tínhamos nós. A minha autoestima tinha aumentando, não ficava na depressão. Por isso, quando minha mãe fala das minhas músicas eu digo pra ela que muita gente ficou lá. O que eu falo nas minhas letras é pros caras que estão presos.

¹⁹ Fazendo alusão à fuga dos presos da prisão de segurança máxima na ilha Alcatraz em junho de 1962.

Porque se tu escutar a música, tu vai entender que o recado é pra eles. **Não tem como esquecer**, volta e meia alguém fala alguma gíria que usavam na cadeia e já passa um filme na minha cabeça (BINHO, 2007).

O período dos anos 80 e início dos anos 90 em Porto Alegre é marcado por organizações juvenis que se autodenominavam como Gangues. Todos os meus interlocutores da presente pesquisa vivenciaram experiências com o mundo do crime ou passaram pelo sistema prisional. Esse dado é relevante na medida em que os militantes do Hip Hop passaram por um período de transição, sendo comum alguns frequentadores das reuniões do Movimento comparecerem armados com revólveres e facas. Não raro as rixas e disputas eram resolvidas de forma violenta. Mas o RAP insistia em pautar uma nova postura, pregando a reflexão crítica sobre o envolvimento na criminalidade e suas consequências.

Eu olho o meu passado, está morto e enterrado, é minha bússola para não errar mais no presente, meus amigos de infância a maioria morreram e os que não morreram hoje estão trancafiados [...] Vi muita gente nesta vida morrer e matar, mas na humildade irmãos, eu resolvi parar (OXI, 2011).

Mano Oxi defende que as reuniões continuam sendo um terreno de conflitos, só que agora no campo das ideias, sendo as ideologias pregadas nas letras de RAP “bússolas” que apontam para os erros e indicam um novo caminho.

Em 2011, eu estava gravando um documentário sobre o RAP com Tiago Santos (Nego Koy) em um evento promovido pela organização de Hip Hop “Embolamento” – criada na metade dos anos 90 na comunidade Bom Jesus. O Embolamento articula-se através das redes de Hip Hop, reunindo diversos grupos de Hip Hop e lideranças locais para a realização de eventos culturais. A ideia do documentário era, além de dar visibilidade aos protagonistas da organização e suas ações, conseguir comprovar que o RAP resgata vidas. Uma peculiaridade é que a maioria dos integrantes teve trajetórias cruzadas com o crime, mas

conseguiu dar outros rumos com Hip Hop. Nego Koy assumiu o papel de entrevistador e elaborou perguntas aos entrevistados.

Explica ai pra galera que tá ouvindo e assistindo vocês, o que tu viu dentro do sistema penitenciário que contribuiu para regeneração e inclusão social do detento? (KOY, 2011).

Entre os entrevistados estava Felipe dos Passos Pereira²⁰ (Slyp), antigo parceiro do Nego Koy no grupo de RAP “Flagelo”. Slyp respondeu às perguntas relatando suas experiências de vida como vítima da violência policial. Conta sobre a rivalidade entre os detentos, a polícia e a administração do sistema prisional. Acrescenta a falta de remédio, a humilhação das famílias e as péssimas condições de higiene e alimentação em que viveu.

A Brigada Militar não dá apoio pra ninguém, apenas faz gerais e gerais para colocar fora teus bens materiais que são poucos como é roupa e alimento, pois o resto não deixam entrar. Então a tua família é humilhada porque te trás um bolo ou qualquer coisa demais que seja pra te incentivar e mostrar que o amor de família que espera por ti na rua e torce pela tua mudança. Mas a tua família chega chorando por maus tratos da segurança, que era para tratar eles muito bem, que era pra incentivar a fazer um tratamento psicológico com a família e com o próprio detento, pra ver onde ele errou e o que ele precisa para melhorar. Então o detento vê a família sendo humilhada e ele se questiona: “Eu errei, por que eles não cobram de mim? Estão cobrando da minha mãe? Então eu não vou melhorar e vou cobrar desses caras. Então acontece uma rivalidade lá dentro, onde um não respeita o outro (SLYP, 2011).

Em seguida, Nego Koy pergunta para Slyp: “Explica pra galera o que o RAP influenciou pra que tu deixasses a vida do crime? O RAP influencia na ajuda? O RAP contribui para alguém deixar o crime e a mudar o pensamento e a visão? (KOY, 2011).

Nego Slyp afirma que sim, o RAP fez com que ele abandonasse o crime com as mensagens que ouvia nas músicas de RAP e pelas composições que ele

²⁰ Felipe dos Passos Pereira (Slyp), morador da Bom Jesus, veio a falecer de câncer pouco tempo depois das filmagens em 2011. O DVD Embolamento foi dedicado em memória de Slyp.

mesmo escrevia e cantava. Em meio à poética, os conteúdos das letras alertavam para os perigos da criminalidade, e apontavam novas possibilidades de protagonismo através da música e da escrita. Acredita que se o detento tiver interesse e acesso a um lápis ou a uma caneta para desenvolver o RAP, este pode ocupar a mente com a reflexão crítica junto a outros grupos, e, assim, inserir-se em novos espaços de interação.

Eu me lembro de que logo que formei a banda Flagelo junto com Nego Koy, eu era “tri desnordeado”. Eu era novo e o **RAP me fez mudar. Eu tinha que ter uma visão sobre o que as outras bandas estavam dizendo pra mim, que era perigoso e estava bem perto de mim e que eu estava praticando.** Eu refletia: “Poh! **Eu estou escutando o alerta dos caras,** tipo “Sabotage” e “Consciência Humana”, **porque eu estou errando?” Então eu tenho que fazer RAP.** Onde eu conheci o Ricardo, conheci o Nezzo que é um cara da antiga também. Com o Rafael Cavalheiro que surgiram aquelas reuniões do Hip Hop no PT... **Então eu comecei a fugir do crime** e a dizer pra mim mesmo: “A escuridão não é pra mim. O RAP é o bagulho”. Mesmo que eu estivesse desempregado, ou até mesmo passando fome, eu conseguia uma folha e ia anotando. **E conforme as dificuldades e a vida foi passando, eu fui aprimorando o que eu escrevi [...]** a gente está passando um conhecimento (SLYP, 2011).

Em novembro de 2011, conheci Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro) em uma reunião do Fórum Permanente do Hip Hop. Na mesma reunião, Sinistro conheceu Luis Felipe Ribeiro Batista (Rapper Taxi), ambos egressos do sistema prisional, e, juntos, passaram a se proclamarem integrantes do instituto “Parrhesia”. Em dezembro, ajudei Sinistro a confeccionar um documento a ser entregue aos vereadores de Porto Alegre. No documento, explicamos que o instituto promove ações de promoção da cidadania articulando e expressando suas ideias através da comunicação popular, seja no “boca a boca”, confeccionando zines e fomentando rádios comunitárias seja nos meios de comunicação de massa através da internet²¹ ou redes sociais. Dialogando com a diversidade cultural, desde as raízes “Nativistas” à cultura Hip Hop, o objetivo do “Parrhesia Erga Omnes” é fazer valer a “Inserção e Reinserção Social”, “Acessibilidade” e “Redução de Danos”, lutando pela garantia dos Direitos Constitucionais e os Direitos Humanos, Educação, Justiça e Paz.

²¹ Sinistro chegou a lançar o site www.parrhesia.org.br

Além do instituto, a organização "Parrhesia" compõe um grupo de RAP chamado "Parrhesia Justa Causa", cujos integrantes estão em situação de risco social e em conflito com a lei. Entre eles, um egresso em condicional e um jovem menor de idade representando a nova geração, "presos em regime semiaberto que lutam para superar suas limitações" Sinistro (2011). O instituto Parrhesia chama a atenção para os casos do fundador Sinistro que ainda em regime fechado no sistema prisional, prestou e foi aprovado no vestibular na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA- Gravataí/RS). Além de passar pela humilhação de chegar algemado em carro institucional, Sinistro nunca conseguiu frequentar as aulas pela falta de incentivo financeiro e acessibilidade em virtude da sua paraplegia. Sinistro defende que foi vitimado pelo poder público e pelas mídias ao ser condenado antecipadamente sem ao menos ter a chance de exercer seus direitos constitucionais como a ampla defesa e direito de resposta. Assim, integrantes do "Parrhesia" atualmente lutam para recuperar a cidadania perdida, lutando contra as barreiras para exercer suas profissões durante e após a liberdade.

Os problemas advindos das violações dos direitos humanos estão longe de ser um problema isolado, por isso "Parrhesia" coloca-se na responsabilidade de representar os mais de 30 mil presos no Estado do Rio Grande do Sul e todas as pessoas com deficiências físicas e seus familiares, conhecidos e amigos.

Nós estávamos todos desgarrados, cada um com seu sofrimento e drama em particular. Sozinhos jamais teríamos a força que hoje temos e representamos. A parceria do Parrhesia com o Fórum Permanente do Hip Hop e entidades como a "CÚPULA", "JUSTA CAUSA", "RADICAIS", "DI TETOS", "BANKA RUA", "ALVO", "KSULO 470" e outros nomes e lideranças do Movimento Hip Hop Gaúcho como Mano Oxi, White Jay, Hantaru, Tiri, Piá, Nitro Di, Rafa e outros tantos estão interados e engajados em nossa luta e empenho para conseguirmos nossos objetivos (SINISTRO, 2011).

Entre os objetivos do Instituto Parrhesia estão a autorização de saída do sistema prisional para fins de trabalho e reeducação de dois integrantes como representantes do Instituto nas atividades e reuniões do Movimento Hip Hop, e também difundir a Parrhesia como liberdade de expressão, de forma autônoma e independente através do RAP e da cultura Hip Hop, para que possa contribuir para

a união do Movimento do Hip Hop gaúcho e garantir a participação e atuação no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. E por fim, colocar em pauta assuntos polêmicos como a influência e o poder da mídia na vinculação de notícias de forma tendenciosa, interferindo nos processos penais.

Luis Felipe Ribeiro Batista, o Rapper Taxi escutou RAP durante toda a adolescência. Trabalhava como taxista, motivo do apelido, namorava e estava construindo a sua casa. Acabou envolvendo-se no crime, até que, em 2006 foi preso e encaminhado ao Presídio Central de Porto Alegre. Em 2007, teve contato com o projeto MC' para a Paz (Multiplicadores de Cidadania para a Paz)²² A principal ação do projeto era oficinas musicais através do Hip Hop com o intuito de diminuir a reincidência prisional. Ao conquistar o regime semiaberto, Taxi passa a compor letras de RAP na Casa do Albergado Padre Pio Buck. No Pio Buck, fundou o grupo “Justa Causa” com Cristiano Lima e posteriormente Sinistro. Juntos faziam shows de RAP em outros sistemas prisionais masculinos e femininos na capital e grande Porto Alegre.

Fui convidado pelo projeto MC's para a PAZ para fazer uma oficina de DJ no Pio Buck em 2010. Foi lá que conheci Rapper Taxi, um MC tinha grande vocação para o elemento DJ. Quando foi solto, começamos a nos encontrar em eventos e reuniões do Movimento Hip Hop, e passamos a nos comunicar por telefone e redes sociais. Taxi torna-se amigo íntimo de White Jay e ingressa como novo membro da “Nação Hip Hop Brasil²³”, passando a participar de reuniões e eventos da organização. Em abril de 2012, Taxi liga dizendo que estava compondo uma letra de RAP, e fala que, em sua trajetória de vida, a experiência no sistema penitenciário não é parte um passado distante, mas uma experiência ainda vivenciada em seu cotidiano. “To compondo uma nova música - quer dizer, não é tão nova assim, ainda é sobre meus quatro anos lá dentro na cadeia, ainda está muito presente para mim” (TAXI, 2012).

Taxi comenta que estava passando dificuldades por estar desempregado e com problemas com o recente rompimento do seu relacionamento com a

²² Coordenado pelas psicólogas Fernanda Bassani e Maristela Mostardeiro da coordenadoria da juventude (SUSEPE).

²³ White Jay é o atual coordenador da região sul.

namorada. Ainda comenta que sofre discriminação, pois “quem vai dar emprego para um ex-presidiário?” (TAXI, 2012).

Era final de maio do mesmo ano, Taxi me liga para saber como eu estava e para contar a que havia conseguido um emprego como taxista.

Graças a Deus está tudo bem, já estou com 120 no bolso e a manhã já vou estar com 300” Estou indo para São Paulo em junho com o White Jay para um evento da Nação Hip Hop. Tu vê como é as coisas, não tinha nem pro busão e agora vou de avião - até rimou! (risos). “to sempre no apoio, nem foi preciso o White me convidar, eu mesmo me convidei (rindo) (TAXI, 2012).

Portanto, o segmento origem e trajetória social ligados ao mundo da criminalidade dá-lhes demandas específicas dentro do Hip Hop. Na composição de representatividades políticas, por exemplo, não se configurará apenas com referência aos elementos artísticos, pela etnia ou origem periférica, mas sim pelas trajetórias de vidas comuns. Assim foi a reivindicação de Sinistro – Parrhesia – ao analisar a composição dos representantes do Fórum Permanente do Hip Hop para reunião com a Assessoria do Governador Tarso Genro em 2013: “**Não me representam, eu sou egresso do sistema prisional, quero cotas**” (SINISTRO, 2013). Reforçando, assim, sua trajetória de vida como parte de um segmento a ser representado na esfera política, para que suas demandas específicas sejam contempladas nas políticas públicas.

Portanto, cada segmento tem suas singularidades e necessidades próprias e se projeta a partir de suas trajetórias e visões de mundo. As qualidades dos laços sociais variam de sentido entre os segmentos e expressam, de diferentes formas, os níveis de coesão social, cujas trajetórias e visões de mundo formatam diferentes lógicas de comportamentos e cooperação. Em síntese, as segmentações de tempo, espaço, tendência político-partidária, origem e trajetórias sociais dão forma ao modelo estrutural tomado como ponto de partida para as reflexões desta pesquisa. Apesar de ser uma segmentação, o modelo estrutural tem um caráter dinâmico, podendo apresentar configurações contraditórias e complementares.

2.2 A participação política do Hip Hop.

Preferencialmente preto, pobre, prostituta pra polícia prender.

Pare, pense, por quê?

Prossigo,

Pelas periferias praticam perversidades: PMS!

Pelos palanques políticos prometem, prometem,

Pura palhaçada. Proveito próprio...

Praias, programas, piscinas, palmas...

Pra periferia? Pânico, pólvora, pápápá!

(Autor: GOG²⁴ – Música: Brasil com “P”)

Da Zona Leste de Porto Alegre, vinha a notícia estampada no jornal: “Hip Hop é papo muito sério, mano²⁵”. PX apresentava-se como empreendedor, criador da marca de roupas “Fulano & Siclano” a partir de uma serigrafia improvisada nos fundos de casa e uma parceria com as costureiras da comunidade Bom Jesus²⁶.

Uma organização não-governamental criada a partir do grupo de Hip Hop Revolução RS, em Porto Alegre, está gerando fonte de renda para moradores do bairro (ZERO HORA, 13.03.2005).

Era o começo da materialização de uma proposta sustentável de promoção do grupo de RAP, confeccionando camisetas e CDs do grupo, além da promoção

²⁴ Rapper Genival Oliveira Gonçalves, conhecido como G.O.G MC e compositor de RAP, foi percussor do Hip Hop no Distrito Federal no início dos anos 80.

²⁵ Título da matéria da jornalista Aline Custodio para o Diário Gaúcho no início de 2005,

²⁶ Bom Jesus é um bairro de Porto Alegre. A estimativa levantada no censo IBGE 2007, no Estado do Rio Grande do Sul, registra uma população de 10.582.887 habitantes, sendo 1.420.667 destes, residentes no Município de Porto Alegre – RS. Segundo o Censo de 2000, a estimativa da população residente no Bairro Bom Jesus, Zona Leste de Porto Alegre é de 28.229 habitantes, destes, 8.224 pessoas têm entre 13 e 34 anos de idade, como mostra a tabela nº 1518 – população residente por situação de domicílio, sexo e grupos de idade. Dados extraídos em pesquisa realizada em 10 de abril de 2009 no site www.ibge.gov.br.

de eventos e oficinas de Hip Hop. Dona Maria²⁷, Mãe de PX, conta que sonha em largar o emprego de doméstica e abrir o próprio negócio com o filho no ramo de alimentos e corte e costura. Dona Maria doa a parte da frente de sua casa para o empreendimento de PX, e financia a construção de um espaço físico que viria a ser a loja²⁸ da confecção de roupas. No ano seguinte, próximo a loja, PX e eu alugamos uma casa que batizamos de “Casa do Hip Hop KSULO”²⁹. PX, Sadol e eu, assumindo a gestão das ações da KSULO, ministrando oficinas de Hip Hop na sede e entidades e escolas da região, passamos a participar das reuniões da região e da cidade junto a movimentos sociais, assistência social, e em espaços como o Orçamento Participativo de Porto Alegre. Assumíamos um novo papel como entidade. Com um ano de atuação, o KSULO ganha visibilidade na comunidade, sendo convidado para eventos em escolas, postos de saúde e até empresas da Região Leste. Do ponto de vista de Sadol, tínhamos que nos organizar juridicamente como entidade e atuar como verdadeiros fiscais nas diversas esferas e políticas públicas.

Nossa meta tem que ser regularizar a ONG. A gente faz muita coisa. A moral é o cara ser fiscal nas reuniões do OP ou numa reunião na comunidade... Tem que estar lá na temática habitação, de educação (SADOL, Diário de Campo, 2007).

Em junho de 2008, fomos procurados pelo Partido dos Trabalhadores através do candidato Chico Vicente³⁰. Em seu discurso, Chico enfatizou sua trajetória como trabalhador e seu engajamento na luta por direitos sociais para defender, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, os interesses das classes e segmentos menos favorecidos. Enfatiza a importância de iniciativas como a Casa do Hip Hop para o fomento da cultura e organização de jovens de periferia,

²⁷ Emerenciana Maria Garcia.

²⁸ Localizada na Rua Santa Isabel, 814 – Ainda em funcionamento até a presente pesquisa.

²⁹ Reuni as imagens em áudio e vídeo da Feira, das atividades na sede da Casa do Hip Hop em 2006 e da participação da KSULO na Semana da Consciência Negra em 2007, aderindo à Marcha Zumbi e ministrando oficinas dos quatro elementos do Hip Hop e Serigrafia. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=1o_kw1hrnW4>

³⁰ Chico Vicente é sindicalista na Transurb, tornou-se líder sindical, chegando a ser ex-presidente da Central Única dos trabalhadores (CUT) e ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio Grande do Sul.

colocando-se como parceiro e mediador na interlocução com os governos. PX propõe que o “Hip Hop 13” coordene equipes de trabalho para a articulação, e mobilização a partir da linguagem e intervenção Hip Hop nas comunidades. A proposta fechada ainda incluía a transformação da loja em Comitê de Chico Vicente na Zona Leste. PX aperta a mão de Chico e, em seguida, faz um RAP de improviso com o número de Chico na legenda: “O Chico é povo! O Chico é trabalhador! 13400, liga a fita, morô?” (PX, 2008).

No mês seguinte, reunimos cerca de 40 pessoas da comunidade para inauguração do Comitê, onde Chico Vicente expõe sua trajetória e seu compromisso de campanha com o KSULO e com a comunidade Bom Jesus:

Fui presidente dos rodoviários, presidente da CUT e do PT de Porto Alegre. Estou 30 anos nessa peleia, tenho muita consciência do que significa essa campanha... Tentar colocar de novo o PT na prefeitura, **porque vocês já tiveram a experiência** do PT na prefeitura, e sabem que **o PT volta sua atenção para os bairros, para a periferia, pra classe trabalhadora, para os setores populares, para os pobres**. Sabemos que nós que somos trabalhadores dos setores populares, **não alcançamos nada que não seja com muita luta, com organização e mobilização**. São **compromissos que assumo aqui** para irmos para a luta [...] **Tele-Centro, um estúdio pra produção independente pra quem faz RAP, Hip Hop ou outro estilo de som, biblioteca, espaço para esporte...** A nossa luta é ajudá-los a fazer um projeto para tentar instituir um ponto de cultura na Bom Jesus. Não é fácil, teremos que correr atrás de incentivo junto ao Presidente Lula. **Pra isso o KSULO pode ser a entidade que encaminha**. [...] São objetivos, são compromissos que assumimos, **mas para isso precisamos do apoio da população, sozinho ninguém consegue nada**, precisamos estabelecer um compromisso, e **queremos honrar esse compromisso** (VICENTE, 2008).

PX repetia diversas vezes que “é no período de campanha que as coisas são tramadas e amarradas; é nesse curto espaço de tempo que se consegue tirar dinheiro de político” (PX, 2008). De fato, precisávamos ampliar os recursos para os custos com manutenção da casa, alimentação e matéria-prima, bem como gerar renda para manter os jovens ligados ao projeto.

Não posso condenar um jovem que vai pro crime e não fica com a gente, afinal não temos nenhuma garantia para lhe dar. Na campanha podemos

minimamente garantir os nossos jovens numa equipe de trabalho dos candidatos (PX, Diário de Campo, 2008).

Além dos recursos pontuais, Sadol preocupava-se com o reconhecimento dos setores superiores do partido e a nossa inserção na gestão e coordenação da campanha. A campanha também era a possibilidade concreta de projeção dentro do PT. Ele aposta nos seus laços comunitários como principal ferramenta para o diálogo e convencimento junto a novos eleitores. Ao se projetar como uma liderança, Sadol desenhava um projeto de vida, cujo percurso a ser seguido contava com suas habilidades no RAP e a uma forma específica de fazer política e projetos sociais. Embora sustente a importância do estudo, Sadol acredita que é na prática que ele aprende a ser uma liderança e uma futura referência para as novas gerações.

Tu podes estudar quinhentos livros por vários anos, mas tu só vai saber “como fazer” fazendo política na prática. Daqui a cinco eu **quero pegar um cargo na política** que eu possa fortalecer. [...] Quero aprender a fazer projeto, saber o que é o 3º setor e como fazer RAP. O nosso trabalho social é uma coisa que eu não estudei pra isso, eu vim aqui e aprendi. Estou aprendendo no KSULO a ser homem, a ser uma liderança, a ser uma referência, fazer um RAP bom e a fazer um projeto social bom. No futuro quero fazer outras coisas para que outros façam o que faço agora. (SADOL, 2008).

No final da reunião, Chico Vicente afirmou que as condições e estratégias de campanha estavam muito diferentes. A começar pela proibição dos showmícios, atividade de campanha que mobilizava as pessoas aos comícios atraídos pelos shows de artistas da cidade. Segundo, que em função da derrota do PT nas eleições para governador do estado em 2002 e para prefeitura e 2004, o Partido havia perdido grande parte de suas bases estruturais e recursos financeiros.

Sadol comenta que o PT só se legitimará se voltar sua atenção e comprometimento com as bases, como movimentos sociais e referências comunitárias. Estava disposto a ajudar, organizar e mobilizar as pessoas da comunidade, pois os compromissos assumidos por Chico vinham ao encontro de seus desejos, mas mostrava-se ciente de que o PT também precisava dele para

ganhar inserção e influência na comunidade. A sua trajetória como MC's de RAP na comunidade Bom Jesus era o seu contraponto às lideranças partidárias.

Sindicalista não coloca o “pé no barro”, não vai à favela fazer campanha. Coisa que eles não fazem [...] ir lá falar com a vizinha, conversar [...] Somos os melhores MC's porque somos aqueles queridos pela comunidade. O convencimento do material informativo do candidato não está no panfleto, mas em quem entrega esse panfleto (SADOL, 2008).

Portanto, Sadol parte das suas relações estabelecidas com a comunidade de origem a partir de sua atuação como MC. Para PX, o RAP é seu projeto de vida e seu “instrumento de trabalho”, como o pintor que tem o conhecimento sobre pintura e vive de pintar. Ao falar de seu modo de fazer política, PX argumenta que na “luta” política, o RAP é a arma que ele tem para lutar.

Eu sou um MC, então eu tenho que viver do RAP, eu não posso me limitar a pegar uma bandeira e ficar o dia todo em uma esquina, eu tenho que fazer RAP, produzir um vídeo, articular e mobilizar. Senão, eu largo o RAP e vou virar pintor³¹. (PX, 2008)

Paralelo à campanha de Chico, PX busca junto à Coordenação Geral da Campanha majoritária do PT uma interlocução com a candidata _à prefeita de Porto Alegre, Maria do Rosário³². Buscava uma forma de inserir o “Hip Hop 13” como grupo de trabalho para a campanha. O Movimento Negro ligado ao PT, através da coordenadora Reginete de Souza Bispo³³, informa que a setorial de cultura do PT havia lançado um concurso para eleger o melhor jingle de campanha e com premiação³⁴ em dinheiro. PX procurou Fabio Dias, o “Amarelo”³⁵ para a

³¹ PX aprendeu a pintar com o pai que é pintor profissional, acompanhando-o em obras eventuais. Não raro, PX pega algum trabalho temporário como pintor, como forma de renda em empreitadas temporárias.

³² Em 2008, Maria do Rosário exercia o segundo mandato como deputada federal, quando foi apresentada pelo partido como candidata do PT para a prefeitura de Porto Alegre.

³³ Cientista Social. Coordenadora do Fórum Popular de Segurança Pública e Diversidade. Coordenadora da Akanni – Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos, Gênero e Etnias.

³⁴ O prêmio previa a ajuda de custo de 5 mil reais para o primeiro colocado, 3 mil reais para o segundo lugar e mil reais para o terceiro colocado.

confeção da música. Amarelo é o compositor das letras de música do grupo Revolução RS, havia participado da campanha de Olívio Dutra em 1998 e da idealização do “Hip Hop 13” como organização política do Hip Hop. Sem dinheiro para pagar estúdio profissional, PX e Amarelo produziram o jingle em um estúdio improvisado, e lançaram-se na disputa do prêmio com a música “Eu vou lá³⁶”:

O Hip Hop de Porto Alegre apoia Maria do Rosário

Refrão:

Eu vou lá, sou 13 sou Maria!

Educação, Saúde, Cidadania

Emprego segurança, moradia

Com ela eu vou na fé, eu sou mais Maria

Vou com a frente popular, a estrela que brilha

Rosário é do povo, rosário é da gente,

Rosário é Porto Alegre de novo na frente

Juventude tem espaço e se faz presente

Vem com “nóis”, vem com a gente

Vote consciente!

(PX e Amarelo, 2008).

A votação ocorreu na Casa do Gaúcho no Parque Harmonia em Porto Alegre. A escolha passava por três etapas: um júri técnico, pela votação dos presentes - cerca de uns 500 convidados - e o voto do “PTzinho” – os filhos dos militantes presentes. A música “Eu vou lá” foi a mais votada pelos três júris. Porém,

³⁵ Fabio da Silva Dias, mais conhecido como AMARELO 470, é um dos fundadores da Organização Mocambo de Resistência e do MOHHB-RS. Em 1992 formou o grupo GERAÇÃO HIP HOP, durante sua trajetória participou de vários projetos, VOZ ATIVA, ALIANÇA NEGRA, REVOLUÇÃO RS e ALTERNATIVA 2 [...] Como ativista do Movimento Hip Hop fez cursos com a ONU E A ONG VIVA FAVELA do Rio de Janeiro. Participou da trajetória do Hip Hop no estado do rio grande do sul, ajudando a construir o primeiro Prêmio da cultura no estado: O “PRÊMIO LANÇA DE OURO”, que premia os ativistas e artista de toda parte sul do país. Foi arte educador na “FASE” (Ex-FEBEM) e na escola Porto Alegre que trabalha direto com crianças e adolescentes em vulnerabilidade ou em situação de rua. (Autobiografia, Disponível em: < palcomp3.com/amarelo470/info.htm> Acesso em dezembro de 2012.

³⁶ Música: Eu Vou Lá; Autoria: Fábio Dias (Amarelo); Vocal: Carlos Cristiano Gonçalves (PX) e Bira Mattos

havia um cálculo, não mencionado, que acabou dando o prêmio de primeiro lugar para um grupo nativista, classificando jingle do RAP em segundo lugar.

Apesar do ocorrido, o jingle mobilizou recursos para os compositores e para as despesas com a manutenção da casa e compra de alimento e matéria-prima para a produção. A organização “Hip Hop 13” ganhou força, e agregou mais lideranças do Hip Hop³⁷, articulando-os em grupos de trabalho com remuneração para atuação nos bairros e na cidade.

O diferencial era um desenho artístico em graffiti, com letras em estilo livre em perspectivas e cores diferenciadas com o argumento de que ganhariam destaque em relação aos outros candidatos que usavam escritos em letra de forma padrão variando, em média, duas ou três cores. Além disso, o uso do spray, com o uso de stencil³⁸ agilizava o serviço, o que possibilitava confeccionar mais muros em menos tempo. O jingle “Eu vou lá” do Hip Hop 13 passou a ser tocado diariamente nas ruas e nas reuniões das equipes de trabalho da candidata Maria do Rosário. PX, Sadol e eu confeccionamos um plano de intervenção do Hip Hop 13, e entregamos para a coordenação de campanha. O plano consistia em reunir os quatro elementos do Hip Hop como forma de atrair a atenção das pessoas na rua, até reunir pessoas suficientes para o diálogo com o candidato. Os quatro elementos ficariam assim distribuídos: um DJ para tocar os jingles de campanha, um grafiteiro para fazer um desenho; um b.boy ou uma b.girl para dançar; enquanto os MC’s com microfone em punho para cantar e dar conta de dialogar com os curiosos. PX sugeriu que, além das comunidades, houvesse intervenções na tradicional Esquina Democrática.

Sadol comenta que o “velho jeito” de fazer campanha não contagia e não mobiliza as pessoas.

³⁷ Carlos Cristiano Gonçalves (PX) como coordenador geral, eu, Cássio de Albuquerque Maffioletti como secretário; na comunicação: Gerson Jr dos Santos Guterres (Nego Junior); na mobilização: Maurício da Silva Salgueiro (Sadol), Graffiteiros Pona e Aranha. Também agregou jovens ligados ao KSULO como Devanir Peterson Ribeiro Campos.

³⁸ “Um estêncil (do inglês stencil) é um desenho ou ilustração que representa um número, letra, símbolo tipográfico ou qualquer outra forma ou imagem, figurativa ou abstrata, que possa ser delineada por corte ou perfuração em papel, papelão, metal ou em outros materiais. O estêncil obtido é usado para imprimir imagens sobre um sem-fim de superfícies, do cimento ao tecido de uma roupa.” Eden Greenfield (GNC1979). Acesso 02.08.11 http://assimqe.blogspot.com/2007_06_01_archive.html

Estávamos com força total, e nos desanimaram. Temos que retomar o trabalho com Chico Vicente, intervenção com carro de som e na Rádio. Nosso PT esta se entregando, viram uma pesquisa estão “tocando a toalha”. Temos que renovar a pesquisa. A política está velha, está cansada. Estamos trabalhando com um estereótipo que não é o nosso. Quem está dentro de um Comitê Central não sabe como está a campanha na rua. Compromisso de acordo com disposição. Nossa Brigada tem que ser a mais forte. Povo sem disposição já sai em clima de derrota, não tem vibração. Vamos ter que mexer a nossa agenda, focar mais. Qualificar a entrega do material. Vamos entregar confiantes e conseguir um diálogo. Trazer o candidato na comunidade (SADOL – Diário de Campo, 2008).

Poucas horas depois, a coordenação de campanha de Maria do Rosário liga para PX informando a agenda da candidata, solicitando a presença da equipe Hip Hop 13. Ao chegar ao local, enquanto montávamos a aparelhagem de som, PX comenta: “Retomando a nossa Esquina, é o Hip Hop na rua”. Assim que ligamos toda a aparelhagem, coloquei o Jingle “Eu vou lá” para o Nego Junior exibir seus passos de dança, convidando o público presente a formar uma roda. Sadol tratou de iniciar a cerimônia: “É o Hip Hop na rua... E nós que estamos na rua... Nós sabemos que não é fácil, mas nós não vamos nos entregar... Aí Esquina Democrática! Chegou a voz de quem não tem voz.” (Sadol 2008).

Quando Maria do Rosária chegou, posicionou-se entre PX e Sadol para pronunciar seu discurso:

Vamos que vamos, porque a gente não abandona as causas, porque a gente é de luta e tem um profundo amor pela nossa Porto Alegre. É desse jeito, **indo até cada comunidade, lutando por uma cidade sem discriminações, sem preconceito**. Uma cidade que se constrói junto com a **participação popular**, uma cidade que transforma a vida da própria história da sua gente, a partir do olhar dessa gente³⁹ (ROSÁRIO, 2008).

A ideia da intervenção com elemento do Hip Hop foi parar na TV no horário político da candidata, reunindo a participação do “Hip Hop 13”, prestando apoio à Maria do Rosário. No vídeo, Nego Junior faz a dança Break, e Sadol manifesta seu apoio à Maria do Rosário: “Eu escolhi a chance de poder crescer”(SADOL, 2008)⁴⁰.

³⁹ Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=bsJaVi_U1gM>

O ano de 2008 era de fato um período eleitoral marcado pelo “novo jeito” de fazer política, em que o Hip Hop não apenas protagonizava uma nova linguagem, como também lançava mais de 30 lideranças do Movimento, como candidatos ao cargo de vereador no país, destacando-se o MC “Aliado G” ligado à “Nação Hip Hop Brasil” em SP, que se lança como candidato à Prefeitura de Hortolândia pelo PC do B. Em Porto Alegre, com 31 anos de idade, “Mano Oxi” lança-se pela primeira vez como candidato a uma cadeira na câmara de vereadores pelo PC do B. Seu principal cabo eleitoral é seu colega de partido “White Jay”.

Oxi liga para PX e marca uma reunião no KSULO para conversar sobre sua candidatura. Oxi sustenta que o Hip Hop tem muita força na periferia, mas que nunca o Rio Grande do Sul havia eleito um representante de fato empenhado no fortalecimento das iniciativas de produtores e empreendedores do Hip Hop. Porém a campanha acabou dividida em dois polos, com o “Hip Hop 13” em apoio a candidatos do PT, e “Nação Hip Hop” apoiando candidatos do PC do B. Mano Oxi acabou não se elegendo e ficando como vereador suplente.

Hip Hop passou a pautar a necessidade para a ampliação da participação política e econômica do Movimento. Essas novas posturas situam os sujeitos em articulação com bandeiras aglutinadoras de ação, agregando-se a outras redes de pessoas com o mesmo ideal, entendendo essa promoção das identidades promovidas nas ações e nas narrativas individuais como englobante num processo criativo de invenção e afirmação do sentimento de pertencimento a um grupo ou classe social no processo de participação política. “Hip Hop vem alcançando cada vez mais espaço de visibilidade, e, principalmente, espaço de decisão. [...] O objetivo principal é reconhecer o Hip Hop como cultura popular da juventude historicamente excluída em nosso País [...]” (OXI, O Hip Hop é a juventude mais politizada do Brasil.2012) ⁴¹.

Em reportagem “O Hip Hop é a juventude mais politizada do Brasil”, veiculada nas redes sociais em 30 de dezembro de 2010, através do blog: “A peleia é grande”, o repórter de imprensa, Felipe Machado, entrevista Mano Oxi. Na

⁴¹ Acesso em 31 de dezembro de 2012
<http://apeleiaegrande.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html>

reportagem, Oxi traz suas reflexões sobre o Hip Hop no processo democrático e a importância do incentivo, visibilidade e reconhecimento do poder público.

Senti-me lisonjeado por fazer parte desta cultura há mais de quinze anos. Nesse período todo tenho de admitir que o Hip Hop vem alcançando cada vez mais espaço de visibilidade e principalmente espaço de decisão. O Governo Federal, representado pelo Excelentíssimo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2010 reconheceu o Movimento Hip-Hop oficialmente, criando o Prêmio Nacional da Cultura Hip-Hop que ficou conhecido como “Prêmio Preto Ghóez”. Este prêmio tem como objetivo principal reconhecer o Hip Hop como cultura popular da juventude historicamente excluída em nosso País (OXI, 2012)⁴².

Na pesquisa intitulada “A juventude de hoje: (re) invenções da participação social”, Regina Novaes e Christina Vital problematizam o conceito de juventude como tema central para a compreensão do futuro da democracia, uma vez que os mesmos são os principais definidores dos padrões de reprodução e/ou mudança dos valores e significados existentes na sociedade e nas instituições atuais. Assim, as autoras apresentam um leque de possibilidades de participação das juventudes, a partir de “novos tipos de sensibilização, mobilização e organização de jovens voltados para a transformação social” (NOVAES, VITAL, 2006).

Em meio às disputas sociais, econômicas e políticas, as juventudes podem ser compreendidas como “um tempo de construção de identidades e definição de projetos futuros” (NOVAES, VITAL, 2006), num processo que os insere em diversas dimensões da vida social.

Os estudos de Novaes e Vital ainda chamam a atenção para a situação de vulnerabilidade das juventudes da América Latina, cuja situação de pobreza é vivida de forma desigual e diversa, num cenário marcado pelo “escasso reconhecimento cultural e de restrito acesso as instâncias decisórias” (NOVAES; VITAL, 2006). As autoras mencionam as diversas restrições que os jovens de periferia estão implicados como moradia, trabalho, violência gerada pelo narcotráfico e a ação da polícia, bem como desigualdade de gênero e etnia. Tais

⁴² Acesso em 31 de dezembro de 2012
<http://apeleiaegrande.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html>

recortes, segundo as autoras, funcionam como *demarcadores de identidade* que aproximam ou separam os jovens, produzindo diferentes graus de vulnerabilidade social.

Novaes e Vital comentam que essa vulnerabilidade é marcada pelas constatações estatísticas que colocam os jovens mais pobres, negros e do sexo masculino no topo do risco social. Esses dados são reveladores de um sentimento essencial para entender a visão de mundo dessas juventudes: “O medo de morrer” (NOVAES; VITAL, 2006). O resultado dos estudos do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americano, divulgados em novembro de 2012, evidenciam tendência da *queda do número absoluto de homicídios na população branca e de aumento nos números da população negra conforme dados dos registros de mortalidade do Ministério da Saúde entre os anos 2002 e 2010*. Os dados reunidos na publicação “A cor dos homicídios no Brasil”⁴³ coloca a incidência da questão racial como eixo central para a compreensão da violência letal no Brasil, demonstrando que de 58,6% dos jovens assassinados no país são de etnia negra.

Apesar do Hip Hop abranger diversas etnias na sua composição, a identidade étnica negra ganha destaque pela sua importância na gênese do Movimento e, principalmente, pela sua bandeira de luta pela igualdade racial. A identidade é compreendida por Barth (1976) a partir do conceito de sinal diacrítico, ou seja, um sinal diferencial que cria fronteiras entre grupos, a partir de contrastes. São essas fronteiras que delimitam o “de dentro” e o “de fora”, “o que é” e “o que não é”, “o que pertence” e “não pertence” ao grupo. Essas fronteiras funcionam como pontos de referência, a partir dos quais o sujeito se posiciona em relação ao outro. No entanto, não são fronteiras fixas, mas maleáveis, podendo ser evocadas em diferentes contextos.

No entendimento de Barth, a identidade é uma construção social relacional que cria fronteiras a partir do contraste gerado no encontro com o outro. Trata-se de uma categoria de atribuição, em que os grupos étnicos são sujeitos de sua etnicidade, atribuindo significados com base em sinais diacríticos.

Sob o olhar de Cunha (1986), a etnicidade é formada por traços identitários, dentre eles o estilo de vida, a indumentária, a linguagem, as práticas e costumes,

⁴³ Mapa da violência <<http://mapadaviolencia.org.br/>>

valores e crenças compartilhadas por um grupo. Fruto de um processo de produção de signo, a etnicidade pode ser tomada como uma ideologia e forma organização política, funcionando como uma ferramenta de reivindicação cultural, que adquire sentido político em contextos específicos a partir de narrativas e discursos. O específico para Cunha é um específico maleável que não se reduz nem se fecha em si mesmo.

A abordagem da Antropologia Política pode ajudar a compreender o papel desses mediadores no acesso aos recursos disponibilizados à sociedade. A Antropologia Política vê a sociedade com uma perspectiva de que a ela é heterogênea em razão de seus membros possuírem experiências muito distintas, e visões da realidade construídas e apoiadas às redes sociais a que pertencem. Assim, o mundo da política precisa ser investigado considerando-se os atores sociais, seus contextos, suas formulações e comportamentos enquanto atores sociais.

Segundo Karina Kuschnir (2007), a Antropologia Política busca explicar como um grupo específico, que vive em circunstâncias particulares, compreende e experimenta suas práticas relacionadas ao mundo da política. Busca entender os significados dos grupos analisados numa perceptiva mais ampla, adotando a comparação e o diálogo com a literatura inserindo a problemática num contexto mais amplo.

Os estudos da autora mostram que a fase inicial da Antropologia foi marcada pelo interesse nas formas e sistemas de poder das sociedades ditas “primitivas”, que eram comparadas aos valores e estruturas das sociedades tidas como mais evoluídas. Esse modo de encarar a pesquisa antropológica privilegiava a comparação e a classificação. Até meados do século XIX, a Antropologia não tinha a política como foco de interesse. Conforme as observações da autora, “Com o avanço da tradição estrutural-funcionalista britânica, no entanto, a política ganhou espaço, sobretudo nas etnografias realizadas no contexto colonial anglo-africano” (KUSCHNIR, 2007, p. 163). No Brasil, a ideia de categoria política, a partir da análise etnográfica, faz crítica aos padrões ocidentais modernos, cuja

pretensão sociocêntrica e conformista separa a vida política das outras esferas, ou a concebe como uma concepção ideológica⁴⁴.

Kuschnir (2007) deixa claro que entende a política como “um meio de acesso aos recursos públicos, no qual o político atua como mediador entre comunidades locais e diversos níveis de poder” (p.164). Nesse processo, as obrigações de dar, receber e retribuir formam o fluxo que regula as relações. A autora faz referência ao antropólogo Marcel Mauss, ao citar o conceito de “lógica da dádiva” como uma forma de compreender essas relações, salientando o comprometimento social, um valor maior do que a própria coisa negociada. Villela salienta que se trata de compromissos morais, construídos no cotidiano das relações sociais, práticas ainda mais evidenciadas nos períodos eleitorais:

[...] a época da política é o tempo em que alguns querem votos e outros querem favores. Aos que desejam os votos resta apenas dobrarem-se aos desejos dos que os detêm. E como corolário os que obtiveram favores devem reconhecer-se devedores dos que os concederam, obrigando-se a retribuí-los levando a efeito a palavra empenhada na época do recebimento. Ao detentor dos favores resta honrar seus compromissos junto aos donos dos votos. Essa é a **regra**, declarada ou tácita (VILLELA, 2005, p. 3).

Assim compreendidas as relações que permitem o acesso de todos aos bens públicos, a própria ideia de “público” precisa ser questionada segundo Kuschnir. Diferentemente do que se poderia considerar no “clientelismo, os políticos dão acesso a bens e serviços a um público que não teria acesso de outro modo” (KUSCHNIR, 2007). Está em jogo também o entendimento de “público” como um recurso monopolizado pelas elites, sendo as pessoas comuns ou “ordinárias” de camada da sociedade que não participa, em princípio, do que se considera “público”. Frente a esses fatos, Kuschnir questiona qual seria o papel da Antropologia da política com relação à democracia, chamando a atenção para que o desejo por uma democracia de melhor qualidade não interfira no modo como se faz uma coleta de dados ou se interpretar os dados da pesquisa. Sem essa reflexão, diz a autora, facilmente estaríamos “rotulando as pessoas em vez de

⁴⁴ O Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), do Museu Nacional da UFRJ, na Universidade de Brasília, Ceará e no Rio Grande do Sul são os fomentadores dessa abordagem. (KUSCHNIR, 2007, p. 164).

tentar compreendê-las”. A autora sugere que as trocas precisam ser compreendidas no contexto das relações sociais envolvidas, para que se possa ter compreensão sobre como a política opera com os valores sociais, no sentido mais amplo, incluindo outras esferas da vida social como a religião e a família.

O *fazer político* é manejado pelos protagonistas do Movimento Hip Hop nas diversas esferas da vida social como forma dinâmica de ampliação e manutenção das redes de relações. O conjunto de papéis sociais compõe estilos de vida e configura projetos de vidas compromissados com laços de solidariedade e resistência da cultura negra e periférica. Desse modo, as redes configuram-se como campos de possibilidades para a promoção de direitos como cultura, trabalho e participação política. A interpretação dos relatos e acontecimentos coletados e registrados nesta pesquisa apoia-se na compreensão do caráter fluído e maleável das relações humanas, que permitem que diferentes estilos de vida e visões de mundo coexistam em meio à grande diversidade de experiências e representações individuais e coletivas (VELHO, 2003, p. 25). Para esse autor, os projetos de vida nascem das memórias e da singularidade individual que dão significado à vida. Os mitos e as narrativas em torno da linguagem, da família, partido, igreja e nação são responsáveis pelo sentimento de pertencimento a uma unidade englobante ou memória socialmente significativa (idem. p. 99-101).

É interessante também abordar o que entendemos por participação política, pois a compreensão das relações nessa área também pode ser muito esclarecedora. Em texto escrito por Henrique Chagas (2004)⁴⁵ acerca das ideias de Dalmo de Abreu Dallari (1991) em seu livro “O que é Participação Política”, é enfatizada a necessidade de o ser humano participar politicamente, relacionando-se com os outros, encontrando nessa relação a razão de sua existência. A necessidade de ter lucidez, própria ao ser humano, só pode ser preenchida pela consciência crítica desenvolvida na convivência e participação em atos que repercutem na esfera social.

Chagas (2004) chama atenção que Dallari considera política como as ações de grupos humanos dirigidas a um fim comum. As ações são políticas quando sua

⁴⁵ <http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=324>

finalidade visa à sociedade política, mesmo que não envolvam o poder público, são ações envolventes e não excludentes.

Para compreender melhor a posição de Dellari (1991), Chagas (2004) argumenta que o termo política envolve duas concepções. A primeira diz respeito às relações sociais que ultrapassam o que é estritamente individual, para se inserir à realidade global que lhe confere o caráter social. A outra diz respeito à tendência de relacionar política e poder. Nesse caso, uma ação é política quando visa à obtenção do poder, a sua conquista ou a sua manutenção. Chagas nos faz ver que tanto uma concepção como a outra traz a ideia de poder na definição do ser político. As ações dos indivíduos reunidos em grupos que buscam um fim comum são ações que produzem efeitos na sociedade, da mesma forma a estrutura do poder procura atender as necessidades de convivência dos seres humanos, enquanto sociedade política que encontra sua legitimidade por estar lutando pelo bem comum.

Ainda de acordo com Kuschnir e Carneiro (1999), a cultura política que constitui a sociedade precisa ser considerada quanto às suas atitudes frente aos fatos do cotidiano, o modo como discute seu ponto de vista com relação às elites e o sentimento que dão significado a todo o processo político que vem construindo. Precisamos compreender que as respostas dos sujeitos às situações sociais são sempre permeadas por uma avaliação subjetiva. Para os autores, “[...] cultura política refere-se ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos em que se baseia o comportamento de seus atores” (KUSCHNIR e CARNEIRO, 1999).

Citando os trabalhos de Almond e Verba (1963), Kuschnir e Carneiro (1999, p. 230) consideram que a cultura política delinea padrões de comportamento mais ou menos estáveis e consistentes em uma sociedade imprimindo uma “orientação psicológica em relação aos fatos sociais”. A preocupação quanto às condições de desenvolvimento dos sistemas políticos democráticos expressa o caráter subjetivo ou a tendência de orientação psicológica que fundamenta a cultura política. Sendo assim, Kuschnir e Carneiro concluem que, nas democracias participativas, a cultura política não pode dissociar-se de um modelo de comportamento político.

Desse modo, a participação política parte de modelos imbricados em *estruturas estruturantes* advindas dos sistemas políticos. Experiências com pretensões mais democráticas de gestão pública buscam maior participação popular a partir de novos arranjos e modelos de conduta. Segundo Arlei Sander Damo (2006), em sua pesquisa sobre o Orçamento Participativo (OP) em Porto Alegre, o OP pode ser entendido como um roteiro estruturado de procedimentos a seguir, hierarquizador de valores éticos e estéticos. Tal modelo visaria a catalisar e disciplinar as reivindicações, servindo como um dispositivo para conciliar e acomodar conflitos de interesses (DAMO, 2006).

Assim, a análise do Fórum Permanente do Hip Hop, nas suas diversas formas de se organizar e atuar politicamente, observa que valores e princípios estão disciplinando comportamentos, construindo consensos e resoluções de conflitos de interesses. O Hip Hop entendido como uma experiência de classe, de evocação da afrodescendência, bem como uma evocação e compartilhamento de experiências vividas em comum nas ruas, amplificada pelas vozes e estilos musicais, composições musicais e poéticas revestidas desses valores e princípios que dão forma ao conteúdo ético e ideológico dessas produções: o RAP como produção de sentido, o elo que liga as pessoas aos valores e princípios compartilhados.

*Foram vários pedaços de papéis de uma vida
Foram muitas noites mal dormidas
De insônias longas e cumpridas
Pensando na vida uma saída, um caminho.
Que me ligue à liberdade com meus manos
Que me livre da falsidade de siclano
Então foda-se o que vão pensar, foda-se o que vão falar do RAP
Que é o bote, é o cerco, é o resgate.
Dos manos das ruas, dos manos das grades
Salve, salve a liberdade de sonhar de todos nós
Salve, salve a liberdade de ligar na rimar
O excluído que sofre ao lado do culpado
O “fudido” jogado lá, o favelado
Ninguém vai na favela olhar*

*Só vejo a periferia em último lugar
E quanto tempo na linguagem que eles levam
E quanto tempo na linguagem vai levar?
Periferia eu também quero
É o bumbo que bate junto ao coração
É o elo que liga,
É o elo que prende o RAP em todos os irmãos
[...] O RAP que veio pra resgatar
Que trouxe a família pra cá
A humildade que vejo nos irmãos
E poder “vestir a camiseta” sangue bom
[...] Da força, da coragem e da fé
De cada pedaço de papel rabiscado
O sonho da favela conquistado
Dignidade, liberdade, sem matar, sem morrer
Viver, Viver
Oh pro sistema
(Grupo: Revolução RS; Música: Foda-se; Letra PX, 2001).*

2.3 A condição de exclusão na construção ideológica do Hip Hop

“O medo de morrer” (NOVAES; VITAL, 2006) está presente no cotidiano do Movimento Hip Hop. Esse medo é o sinal de uma urgência, tanto para si como para os outros amigos e parceiros implicados em projetos de vida comuns. No dia 28 de maio de 2012, Oxi posta nas redes social a perda de Du. R, seu companheiro de grupo:

O Hip Hop gaúcho acorda de luto hoje pela manhã. Morre um dos líderes do grupo de rap DNA MC's. Aos 35 anos o Rapper, Cantor e Compositor Du. R [Reginaldo Machado Porto - 1977 a 2012], fundador de um dos principais grupos de Rap do Sul do País o DNA MCS morreu vítima de ataque cardíaco por volta da 01h da madrugada desta Segunda feira. O Músico deixa 02 filhas (OXI, 28/05/2012).

No mesmo dia fui ao velório. Chegando lá, em meio a muitas pessoas, encontrei White Jay no banco na porta da capela. White estava com os olhos muito vermelhos, chorando muito, mexendo o tronco de um lado para o outro. Continuei a caminhar e entrei na capela, avistei o Mano Oxi olhando para Du. R mais de longe, encostado na parede. Ele me cumprimentou olhando nos olhos e levantando minhas mãos até a altura do rosto, apertando mais forte nossas mãos e disse: “Sem palavras irmão, tamo junto” (Oxi, 2012)”. Na saída dei uma carona para o Mano Oxi, que no caminho desabafa:

Foda né meu irmão, e vai chegar nossa vez também, o cara tenta retardar o máximo... Tínhamos quatro dias de diferença da data dos nossos aniversários. Criaram-nos juntos. Nossa ligação era mais do que amizade, Du-R foi o cara que salvou minha vida, lutou no soco com um homem armado que queria me matar. “Eu tenho uma ligação simbólica com ele”. (OXI, Entrevista em 28/05/2012).

Mano Oxi comenta que não é só na mão da polícia ou do traficante que os seus manos morrem, também é pelas condições precárias de vida e saúde, que vai desde uma infância e adolescência sem equipamento público para lazer e práticas de esporte, até as condições precárias do Sistema de Saúde para o tratamento adequado de doenças. Na manhã seguinte à morte de Du. R, Oxi posta no seu Facebook uma homenagem ao Du-R que reforça o caráter ideológico, social e ético construído a partir das suas vivências no Hip Hop.

O Hip Hop se levanta em todo o país. A correria é foda, é tudo tão difícil. O obstáculo é de um tamanho de um precipício [...] Realizar o sonho que a gente sempre quis. **De ser o orgulho da periferia do Morro Santa Tereza da Zona Sul de Porto Alegre**, a Dinastia Negra este é o nosso sonho, é o nosso ideal ser representante do sul referência nacional. Mas mano não só pelas bases, e nem pela qualidade sonora e sim **pela ideologia que a gente implanta ai fora, mostrar para as crianças, para os adolescentes que a gente é incansável, que a gente é gente da gente**, corredor, quem sabe merecedor [...] até que a morte nos separe eu nunca vou parar (OXI, 2012)⁴⁶.

⁴⁶ Em memória de Reginaldo Machado (DU.R), 1977 / 2012. MC do grupo de RAP: Dinastia Negra Absoluta (DNA)

As reflexões sobre as perdas de amigos e parentes são trazidas para o contexto das reivindicações do Hip Hop, atualizando o conteúdo ideológico a partir de fatos concretos. As perdas revigoram os laços de origem e projetam suas ações como parte de uma invenção não só individual, mas sobre tudo coletiva. São evocadas, por isso, suas trajetórias e projetos de vida alternativos ao envolvimento no mundo do crime, bem como de superação dos limites impostos pela passagem pelo sistema prisional. Exaltar as origens, desse modo, significa evocar os espaços de atuação periférica, reatualizar valores do tempo da “Velha Escola” a partir dos acontecimentos vividos pela “Nova Escola”. O que é comum em todas as gerações é o compromisso de aprender e compartilhar suas vivências como forma de manter viva a cultura e Movimento Hip Hop.

Taxi comentava a respeito de sua relação com White, afirmando terem muitas afinidades como MC, gostos estéticos e musicais. Então me conta que certo dia foi no cabeleireiro *Babu* no centro de Porto Alegre para mudar a barba e fazer uma “tatuagem no cabelo”. Escolheu fazer a barba mais fina e pediu para o cabeleireiro colocar dois riscos com gilete no lado superior da cabeça. Logo que saiu do salão, dobrou a esquina e encontrou o White Jay. O inusitado é que os dois haviam feito mesmo corte de barba e cabelo. Taxi ainda reforça surpreso: “Tu vê como é a “sintonia...” O mesmo corte mano! Os dois risos iguais!” (Taxi, 2012).

O relevante dessa história é o sentido dado ao fato. O sentido atribuído não foi de uma simples “coincidência”, mas ao contrário, era a constatação de estilos de vida compartilhados de tal modo que criam uma espécie de sintonia, que ligava amizade e afinidade ideológicas às escolhas estéticas.

Enfim, o que Taxi chama de sintonia, penso poder sintetizar no conceito de *unidade englobante* (VELHO, 2003), que liga estilos de vida e visões de mundo como experiências comuns cujas memórias e narrativas dão significado à vida e promovem sentimentos de pertencimento a um grupo.

No início de maio, PX e eu fomos ao evento “RAP é compromisso⁴⁷” promovido por White Jay na Lomba do Pinheiro de Porto Alegre. Taxi havia me

⁴⁷ Evento itinerante Realizado em 5 de maio de 2012 na Associação Amigos e Moradores da São Francisco na Lomba do Pinheiro, periferia da zona leste de Porto Alegre. Grupos convidados: Sintomas Clã, Roots RAP, CNBoys, GAP, Divino Clã, MC Protesto, Jus 3

feito o convite para atuar como DJ na apresentação do seu grupo “Justa Causa”. White fala no microfone aos presentes da importância da fomentação da cultura Hip Hop na inclusão de jovens na sociedade através da música, da arte e de ações sociais. Mais de 15 bandas de RAP compareceram no evento, e apresentaram seus trabalhos. Taxi comenta que o próximo evento quer realizar na sua comunidade, e que contava comigo para ajudar com estrutura e aparelhagem de som.

No mês seguinte, eu chegava pela manhã no aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre para uma viagem com a família, quando fui surpreendido por White Jay e Taxi no mesmo voo que o meu. Ambos estavam indo para o encontro Nacional da Nação Hip Hop Brasil em SP. O que eu poderia chamar de casualidade, Taxi chamou de “destino”. No avião, fui ao lado de Taxi e White. Enquanto Taxi olhava o céu pela janela, refletia em voz alta sobre o cotidiano na prisão. Comentou das péssimas condições de comida e higiene, contando que dormia no chão apertado e sujo de urina, e que os ratos passavam por cima dos presos à noite. Taxi explica que colocava uma sacola na cabeça apenas com espaço suficiente para a circulação de ar para que os ratos não atingissem o seu rosto. “Tu vê como são as coisas, eu vim lá daquele calabouço, e, hoje, eu estou aqui com vocês dentro de um avião” (TAXI, 2012). Taxi estava convicto que o RAP o ajudou a superar os obstáculos, e abriu novas perspectivas e projetos de vida. Chegando a SP, participei da 3ª Reunião Nacional da Nação Hip Hop Brasil⁴⁸, com representantes de sete estados. A reunião visava à elaboração de uma plataforma de ação e a eleição de novos representantes para a Diretoria Nacional da organização. Além de lideranças de pelo menos sete estados, Taxi é aplaudido como o mais novo membro da organização e representante da Região Sul junto com White como presidente estadual da Região Sul e Mano Oxi como o presidente Nacional da Nação Hip Hop Brasil. Oxi inicia relatando a importância da organização no âmbito nacional.

Termos, Coletivo 07, Parrhesia, 1o Esquadrão, Proletários, Di menor, Breakers, New Face Brothers, Ain Hipnouse 410, Nego Maicon, Dj Leco Old School e Coletivo RAP da Leste.

⁴⁸ A reunião aconteceu na Estação Jovem em São Caetano – SP em 02 de junho de 2012.

Maior organização da América Latina, pois não teria uma organização tão grande como a Nação Hip Hop, espalhada por todo o Brasil. Só que agente carece de uma série de questões organizativas. A entidade tem uma dificuldade enorme de se encontrar, porque é uma entidade independente. [...] Pra isso a gente necessita de caixa, coisa que a gente nunca teve nesses sete anos. Uma das pautas é a gente se organizar como entidade jurídica [...] Não recebemos nenhum recurso, ou seja, existe pela vontade de seus membros [...] O nosso relatório elaborado e entregue ao Conselho Nacional de Juventude mostra que somos uma entidade desorganizada em termos jurídicos e empresariais, mas é uma entidade muito atuante em fazer movimento. [...] Hoje, oficialmente, a única entidade que está pulverizada no resto do país é a Nação Hip Hop Brasil. Hoje a Nação Hip Hop Brasil ocupa espaço na Secretaria Nacional da Juventude e hoje tem uma cadeira no conselho pra fiscalizar a Secretaria e contribuir com a elaboração das políticas públicas. [...]. Hoje reconhecida pelo governo federal, não só como uma entidade de Hip Hop, mas principalmente como uma entidade de Hip Hop que se preocupa com todos os temas pertinentes e relevantes para a nossa sociedade, seja em âmbito municipal, seja Estadual ou Federal (OXI, 2012).

Oito dias após do encontro em SP, recebo a ligação de White Jay no início da noite. White tinha a voz trêmula de choro ao informar que Taxi havia sido assassinado com pelo menos 30 tiros com arma de fogo pelas costas enquanto trabalhava. No dia seguinte, no caminho para o cemitério São Miguel e Almas, PX me liga lamentando o ocorrido, afirmando que “o crime é como a droga, você larga ela, mas ela não larga de você” (PX, 2012). Reforça que precisamos continuar a militar no Movimento Hip Hop para evitar novos acontecimentos desse tipo. Ao chegar à capela, logo ao lado estava White no sofá, chorando muito ao lado das coordenadoras do projeto MC’s para a PAZ. White me dá um abraço apertado e demorado. Logo que me viro o padre encerra a cerimônia. White e eu erguemos o caixão carregando-o até o local indicado. Durante a caminhada fúnebre, Sinistro toca em seu celular a música do grupo “Justa Causa” e o coloca em cima do caixão em movimento. Ao chegar ao local do enterro, White se prontifica em pronunciar as últimas palavras: “Prestem atenção no **Hip Hop, ele salva vidas**. A Nação Hip Hop Brasil perdeu um grande militante. O Hip Hop é uma cultura de PAZ que combate o mal com o bem”. (White, 2012).

Depois White inicia a oração do “Pai Nosso” sendo acompanhado por cerca de 30 familiares e amigos. Após a oração, todos batem palmas e retiram-se aos poucos. White se dirige a mim para desabafar um misto de sentimento de revolta e medo de morrer:

Bah irmão, te confesso que eu estou com medo de andar na rua, em tudo que é beco e viela na madrugada. Está muito violento, daqui um pouco é um de nós que acaba morto. A gente é bom de mais, qualquer um nos engana, nos leva na conversa. Minha mulher me aconselhou largar o Hip Hop de mão pra não morre (WHITE, 2012).

Percebe-se que Hip Hop se inventa a partir de sentimentos, dos papéis sociais e das identidades assumidas e compartilhados no cotidiano. O sofrimento e a violência parecem ser a razão de existir do Hip Hop, compondo suas crenças e valores ideológicos e reforçando o compromisso ético que regula comportamentos. Sofrimento e experiências com a morte e violências funcionam como marcas identitárias que constroem as identidades. Como afirma Douglas do grupo MC's para a PAZ:

O rap foi feito de sentimentos e sofrimentos, e só quem tem sentimentos e sofrimento da vida bandida, da vida dura, da pobreza, da miséria, da cor, muito preconceito é que pode sentir o sentimento da batida do RAP e da letra positiva que ele tem. Muitos levam o RAP pra criminalidade, eu levo pra positividade, da paz do meu sossego, do amor e da paz que eu encontrei dentro do meu coração (DOUGLAS, 2013) ⁴⁹.

A missão ideológica e ética regula comportamentos, e coloca a transformação social como um valor a ser assumido e praticado. A missão evoca princípios a serem preservados, atualizados e repassados às gerações futuras.

[...] A gente não está na vida de passagem, nós temos uma história pra deixar, uma missão pra fazer. Se a gente ensinar um molequinho a cantar RAP, tá entendendo? Daí cada um tem seus caminhos. Eu escolhi fazer o RAP, viver do RAP. O mundo pode ser melhor, mas só quem pode mudar somos nós. Nós somos a transformação, tá entendendo? (SADOL, 2010) ⁵⁰.

⁴⁹ Depoimento registrado no Fórum Social temático 2013 em Porto alegre - Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=v482FnHg8EM>>.

⁵⁰ Depoimento no registrado no Fórum Social temático 2012 em Porto alegre - Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=RNRJ8b8zR1E>.

Desse modo, o Hip Hop possui peculiaridades na sua forma de *fazer política*, cujas ações são guiadas e reguladas por essa missão ideológica, social e ética (SOUSA, 2003) forjada nos valores e crenças que compõem sua visão de mundo e na assunção de papéis e identidades que moldam o seu estilo de vida, perpassando as diversas esferas da vida social.

Parece haver uma certa “missão ideológica, social e ética” envolvida na produção da experiência que leva o grupo a recusar a mera politização da cultura para se servir dela, mas, ao contrário, dar um sentido à atividade política no plano cultural. [...] força é a palavra que se torna a expressão ideológica e sentido cultural (porque transmite uma visão de mundo e dá função e objetivo cultural à política), cuja proposição é a realização dos valores da periferia que vêm da família, da classe social, da condição de gênero e de raça, traduzidos pela condição juvenil (SOUSA, 2003, p18).

Assim, o Movimento Hip Hop promove espaços formais e informais de participação como forma de autoafirmação desses princípios num exercício do direito à cidadania que permite a jovens e adultos desenvolverem uma educação política (ANDRADE, 1999; FILHO, 2002), inserindo-os nos processos de participação democrática.

Os estudos do antropólogo de Didier Fassin (2005) trazem-nos reflexões sobre o conceito de corpo, propondo a problematização do seu uso político cotidiano. Fassin demonstra que, para além da decodificação dos sentidos atribuídos ao corpo no campo das suas representações sociais, podem ser convertidos numa espécie de uso político do corpo na vida social cotidiana. Entre alguns exemplos, podemos pensar no discurso sobre o sofrimento do próprio corpo como dispositivo sensibilizador do presente, que se legitima como reivindicador de direitos violados no passado.

Acompanhando White Jay no seu dia a dia, eram frequentes as queixas de dores nas costas acompanhadas de sua indignação com o Sistema de Saúde brasileiro. Como usuário do Sistema Único de Saúde (SUS), White manifesta sua inconformidade com as condições precárias às quais era submetido. Seu modo de pensar é visível inclusive em suas postagens nas redes sociais, ao compartilhar fotos comentadas “Usuário do SUS aguarda na calçada das 8h às 14h para ser

atendido na Sultrauma em POA, alguém sabe de que é este convênio [...] Olha o assento de espera da Clínica de Ortopedia Sul Trauma em POA, é pra quem está mal da coluna, chega torto e sair rengo⁵¹ (WHITE, 2012).

Tais comentários são direcionados não só aos amigos, mas às autoridades competentes, como é o caso de Manuela D'Ávila⁵², com a qual mantinha contato via rede social, no mesmo instante em que postava as denúncias. Tornava-se explícito que White revertia seu próprio sofrimento em argumentação para a reivindicação de direitos.

Na obra “Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua”, o teórico Agamben problematiza a relação entre os conceitos modernos de “vida” e “política”, contrastando-as com o paradigma clássico, partindo da distinção entre o “corpo biológico” do “corpo político”. Assim, reflete como um modelo subjetivo de sujeição e controle sobre sua vida biológica pelo soberano, concebendo-a como um produto do poder, uma tomada da vida pela política, em um sistema que ao mesmo tempo exclui e inclui. Nesse sentido, White estava confrontando diretamente o estado excludente, criticando o modelo atual de gestão pública. Diante de tantos questionamentos, White acredita que o RAP é seu principal instrumento de transformação social:

Quando entrei no movimento Hip Hop, entrei porque encontrei na cultura **uma forma de me expressar e combater toda e qualquer injustiça** e todo e qualquer tipo de preconceito, mas principalmente porque através do RAP me autoafirmo dentro da sociedade, com o RAP aprendi muito do que sei, principalmente, a respeitar o próximo e reconhecer o valor humano. Ser do Rap é ser um homem bom, amar a Deus sob todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. Ser do Rap é escrever o que pensa, mas principalmente pensar no que escreve e consequentemente ler o que escreveu. **Ser do RAP é não se omitir e emitir sua opinião quando lhe derem o direito de voz.** Ser do RAP é respeitar a opinião alheia, mesmo que a sua seja contrária. Ser do Rap é dar o direito de resposta e não oprimir através de violência seja ela física ou verbal (WHITE, 2012).

⁵¹ Postado no twitter em 17 de abril de 2012.

⁵² A deputada Manuela D'Ávila é a principal liderança do PCdoB no Rio Grande do Sul, eleita deputada federal em 2007, reelegendo-se em 2010. Candidatou-se a Prefeita de Porto Alegre em 2008 e 2012.

No artigo: “Justiça, Cultura e Subjetividade: tecnologias jurídicas e a formação de novas sensibilidades sociais no Brasil”, Patrice Shuch (2013) aponta o processo de implementação de práticas e gerenciamento de políticas públicas para a complexidade e heterogeneidade de experiências sociais advindas. Tal heterogeneidade emerge das diferentes respostas individuais a processos macrorregionais e internacionais, cujas matrizes de significação mais abrangentes passam por releituras a partir de contextos sociais locais e particulares. Assim, pensar a construção das subjetividades individuais implicaria dar conta das diferentes sociabilidades presentes nas diversas esferas da vida social. O foco da reflexão se estabelece nas interfaces entre as diferentes moralidades intrínsecas aos diferentes grupos de sociabilidade e das estruturas sociais impostas pela gestão governamental. A partir dessas interfaces, é importante pensar nas divergências e convergências entre princípios morais específicos na constituição dos sujeitos, grupos e instituições particulares e suas relações sociais. Trata-se, portanto, de uma perspectiva relacional sobre os conceitos e códigos morais não homogêneos, cujos modelos e sentidos constituem moralidades dinâmicas em constante negociação social, produzindo identidades diferenciadas.

Daí o peso do contexto de restrições como o direito à saúde a esses jovens de periferia, cujas desigualdades são evocadas, reinventando esses recortes como *demarcadores de identidade* que aproximam ou separam os jovens em classes e grupos étnicos. A vulnerabilidade social cria unidade e mobiliza a reivindicação de direitos não só para si mesmo, mas para jovens pobres e negros que superam “O medo de morrer” (NOVAES; VITAL, 2006) para lutar pela vida.

Nessa luta pela vida, o Hip Hop se vê como um exército de militantes, cuja condição de exclusão compõe um sentimento de pertencimento e unidade frente a um sistema que o oprime.

Que a cada dia ganha mais adeptos no mundo inteiro, pois todas as raízes e causas [...] estão em toda parte, como problema, desemprego,

criminalidade, etc.; servindo como munição para as rimas e recados, pois: O sistema é a causa e nós somos a consequência (NEZZO, 1998)⁵³.

Ao vivenciar as perdas e sofrimentos sociais decorrentes dessa condição de exclusão, os militantes, longe de uma perspectiva conformista, procuram canalizar suas emoções e indignações na conversão desses sentimentos em efeitos políticos de contestação da ordem vigente. Enfim, no pleito pela garantia de direitos civis, os militantes do Hip Hop encontram unidade na luta pela superação das vulnerabilidades, e fazem uso do próprio corpo e experiências de vida como um recurso auto-justificável de reivindicação, isto é, a construção de si dos sujeitos passa pela não sujeição às dimensões morais e critérios jurídicos que o oprime. Dessa forma, sua condição de exclusão passa a servir como justificativa que os tornam merecedores do acesso aos direitos. Os militantes inventam-se como sujeitos políticos unidos em torno de um movimento, cujos sentidos e subjetividades têm como pano de fundo os reivindicadores de cidadania e luta por justiça e pela transformação da sociedade e do Estado a través da cultura e Movimento Hip Hop.

Em junho de 2009, Sadol me dá a triste notícia de que haviam assassinado nosso amigo “Tiuca”. Tiuca era um jovem pobre que tinha uma trajetória de envolvimento com a criminalidade, mas estava decidido a mudar de vida quando o conheci. Atravessávamos uma fase ruim, sem muito retorno financeiro, pensávamos em entregar a sede alugada. Apesar das poucas garantias, Sadol chama a atenção para o fato de que mantermos um espaço de convivência significava construirmos as possibilidades de ajudar os jovens da comunidade a manter novas ocupações e alternativas de renda. Estamos fazendo o que o governo não faz, e que por isso devíamos pressionar o governo a apoiar nossa iniciativa. Ao falar sobre a perda de Tiuca, Sadol se coloca, ao mesmo tempo, como prova viva de alguém que foi resgatado, e como agente do resgate social.

⁵³ Informativo de divulgação do lançamento do “CD Gás RAP Total” em 5 julho 1998.

[...] que merda né meu, fiquei tri mal nesse dia, ta foda demais... Temos que fazer as nossas coisas por esses caras que foram importantes pra nós. Tô dizendo meu, nós salvamos vidas, se tivéssemos apoio nessa porra, esses ai estavam tudo com a gente [...] Vamos lutar pra salvar quem ta lá agora. Essa galerinha ai o que ta precisando (SADOL, 2009).

Dois meses, depois Sadol me liga pedindo para que eu ligasse para uma amiga e confirmasse a notícia do assassinato do seu irmão mais novo, Igor da Silva Salgueiro, na noite passada, na comunidade Bom Jesus. Quando encontro Sadol no centro, ele me abraça e desaba numa escada chorando. Logo saímos andando com Sadol repetindo a frase nas ruas: “Não vamos deixar que nos levem mais nenhum de nós”. Igor era um jovem com disposição para tudo, ajudava a administrar a sede da KSULO, limpava, organizava e ajudava nas atividades. Gostava de cozinhar e me ensinou a fazer bolinhos de arroz com as sobras das panelas. Muitas vezes ficou de zelador e segurança do espaço. Igor tinha um espírito de liderança. Na rua, gostava de curtir Funk, estava sempre rodeado de amigos, em aventuras amorosas e noitadas com os bondes. É difícil não pensar que daria um bom coordenador de um projeto de produção de eventos culturais.

Igor tinha uma referência: Sadol. Os pais morreram muito cedo, e Sadol só tinha a casa e o terreno ocupado pela sua avó já falecida. Assumiu sozinho a responsabilidade de criar seus outros três irmãos mais: “eu me vi com 15 anos tendo que sustentar cinco irmãos, tendo que roubar couve do vizinho pra poder comer com arroz no fogo de chão” (SADOL, 2008). Por muito tempo Sadol morou no KSULO, e, juntos, compramos fogão, geladeira, TV, DVD, montamos a serigrafia, e colocamos os computadores com acesso à internet. Sadol amava cantar e compor RAP, e se entusiasmava ao fazer oficinas de MC nas escolas. Tínhamos construído um ponto de partida.

Daqui a dois anos quero estar na minha casa, quero ter minha TV Quero trabalhar com o que eu gosto, estava trabalhando de lixeiro. KSULO salvou minha vida, eu amo isso aqui [...] que a gente tenha o poder nas mãos e saiba usar esse poder e saber fortalecer isso aqui [...] União a gente só vai fazer com a nossa amizade, a nossa cumplicidade, nossa força de vontade, nossa determinação. Só assim a gente vai fazer união. Só que os caras têm que entender que essa união só vai partir quando eles virem aqui e se prontificar. Essa é a palavra, se prontificar e fortalecer (SADOL, 2008).

Em outubro de 2012, PX e eu voltávamos de uma oficina de Hip Hop em uma escola na Zona Sul quando recebemos a notícia da morte de Sadol em um acidente de trânsito. Tivemos a mesma impressão de que poderíamos ter evitado aquela tragédia, uma vez que Sadol poderia estar conosco como todas as outras vezes. Sadol considerava que o Hip Hop estava salvando a sua vida, e talvez aquela oficina o salvasse de novo. O que importa nessa tragédia não é provar que o Hip Hop salvaria ou não, mas que PX e eu atribuíamos o mesmo sentido de que o Hip Hop pode salvar vidas. Essa espécie de “missão” que salva vidas como possibilidade é evidenciada nas narrativas dos militantes que foram salvos por seus companheiros do Hip Hop. Mano Oxi diz dever sua vida ao ato de coragem de seu companheiro DU-R “Nossa ligação era mais do que amizade, Du-R foi o cara que salvou minha vida, lutou no soco com um homem armado que queria me matar. Eu tenho uma ligação simbólica com ele” (OXI, 2012).

No velório de Rapper Taxi, também havia o sentimento de que Taxi vinha salvando a si mesmo através do Hip Hop, ocasião em que White Jay reflete sobre as mudanças positivas de Taxi. Ao final do enterro, White Jay prontamente assume o papel de “Mestre de Cerimônia” narrando aos presentes os feitos de Taxi como construtor e fomentador da organização Nação Hip Hop Brasil e de sua trajetória de inserção e visibilidade através do RAP. Ao final do discurso, afirma: “[...] Prestem atenção no Hip Hop, ele salva vidas” (WHITE, 2012).

De fato, salvar vidas implica em transformação das realidades que colocam as pessoas em risco social. O movimento construiu a consciência de que essa realidade não era natural, mas o resultado de uma imposição de uma classe dominante, sintetizado nas letras de RAP como um “sistema” composto pelo Estado e seus governos. Tal conteúdo ideológico ético e político são explicitados nas letras de RAP e nos informativos do Hip Hop: “O sistema é a causa e nós somos a consequência” (Nezzo, 1998).

Na favela o nosso povo está jogado as traças

Na favela o nosso povo é só desgraça

*Não tem saúde, não tem cultura, não tem educação
O governo só entra lá dentro de camburão
[...] E o que "nós faz", o que "nós é"
A voz da periferia ou um Zé Mané?
[...] Eu também quero construir um estado novo
Que contemple a diversidade do nosso povo
Onde negros, brancos, vermelhos e amarelos
Estejam todos unidos por uma causa só
Uma sociedade sem racismo será possível no socialismo
Mano Oxi é meu nome, sou um sujeito homem
Não quero ver mais meu povo passando fome
[...] Descendente de escravo que nunca fugiu a luta (OXI, 2011)⁵⁴.*

Assim, o conteúdo, mais do que questionar os porquês do sistema social vigente, aponta as causas como recurso de reivindicação de direitos e transformação social: "as favelas não surgiram por acaso, a polícia machuca, não é por acaso" GOG (2010). Para tanto, o Movimento Hip Hop é agenciado como instrumento de luta, um novo tipo de "sensibilização, mobilização e organização de jovens voltados para a transformação social" (NOVAES, VITAL, 2006). Fazer Hip Hop, portanto, é a assunção do compromisso ético e político de transformação social: "Queremos transformações, queremos mudanças, queremos inclusões, queremos nosso espaço" (PX, 2010).

Quando entrei no movimento Hip Hop, entrei porque encontrei na cultura uma forma de me expressar e combater toda e qualquer injustiça e todo e qualquer tipo de preconceito. Mas principalmente porque através do RAP me autoafirmo dentro da sociedade (WHITE, 2012).

Prova irrefutável dessa transformação social é evocada nas trajetórias de vida dos militantes do Movimento como "prova viva" de que é possível a transformação social através do Hip Hop.

⁵⁴ Compartilhado nas redes sociais em 28.11.11

Sou fruto também do tráfico de drogas, sou fruto da criminalidade dentro da Zona Sul de Porto Alegre. Eu sempre digo isso pra provar pra toda a sociedade que jovens que se envolveram com o mundo do crime [...] outros tantos que não tiveram a oportunidade de, através da cultura Hip Hop, mudar completamente a sua trajetória de vida (OXI, 2011).

Não se trata, portanto, de uma vitimização, mas a busca de evidenciar o potencial de mudança das iniciativas promovidas pelo Hip Hop.

Às vezes, nós temos essa coisa de “se fazer de vítima” porque nós somos da favela. Não Mano! Pelo contrário, nós estamos aqui porque nós somos guerreiros, nos queremos fazer a mudança (WHITE, 2013).

CAPÍTULO 3. O FAZER POLÍTICO NO HIP HOP

3.1 A construção de instâncias de participação

É no contexto da “Velha Escola” que surgem as primeiras *Posses*⁵⁵, organizações de cunho político, dedicadas ao estudo e ao fomento do incipiente Movimento Hip Hop brasileiro, normalmente compostas por grupos de RAP, DJ, grafiteiros e dançarinos de break. Havia também as *Equipes de Som* formadas e formadoras de DJs, técnicos de som, luz, radialistas e produtores, que promoviam bailes, eventos, festas e festivais. As *Posses* e as *Equipes eram um contraponto às gangues*, e passaram a protagonizar o diálogo direto com esferas de participação pública. As *Posses* reivindicam acesso a direitos humanos, articulando-se junto a redes de organizações políticas, movimentos sociais, associações de bairro, fóruns e assembleias populares. Iniciava-se a busca por participação na gestão de recursos públicos e, portanto, participação em instâncias de decisão.

⁵⁵ Assim chamados os grupos de jovens e adultos dedicados ao estudo histórico do Movimento Hip Hop mundial, divulgação de suas ações e formação de novos adeptos e militantes ao movimento.

Para Mano Oxi, o RAP apareceu em sua vida como uma alternativa ao envolvimento na criminalidade, criando a posse Militante da Sul no final dos anos 90, que viria a se tornar uma ONG em 2006. Conforme o mesmo relata, dos 16 aos 19 anos, eu andava armado no morro. Depois que eu entrei no Hip Hop, quis mudar. Por isso, eu e alguns parceiros do bairro criamos a ONG Militante da Sul” (Oxi, Diário Gaúcho, Porto Alegre, 2006).

A entidade Militantes da Sul, criada em 2005, articulava diversos grupos de RAP e associações comunitárias na realização de oficinas em escolas e entidades, assim como shows e amostras culturais na Zona Sul. No mesmo ano, juntamente com White Jay e outras lideranças do Movimento Hip Hop e políticas do PC do B, criaram a entidade “Nação Hip Hop Brasil”. A organização tem pretensões de atuar politicamente junto, mas de forma autônoma e independente, aos partidos para a promoção de projetos e ações culturais e artísticas, bem como a garantia dos Direitos Humanos⁵⁶. “[...] ela nasce de uma ideia embrionária dentro de um partido político, que foi o PC do B, em que ela é gestada e orientada. Mas conforme o tempo, a Nação Hip Hop Brasil começa a andar com suas próprias pernas [...]” (OXI, 02.06.2012).

Mano Oxi aos poucos ganhava visibilidade e empoderava-se em espaços políticos em busca de melhorias de vida para si e para o movimento Hip Hop. Diversas vezes comentou sobre sua vontade de se tornar representante da juventude de periferia no parlamento. Oxi afirma que o Movimento Hip Hop é a chave para que outros jovens como ele conquistem consciência sobre a sua condição de exclusão, e adquiram conhecimento sobre o povo negro e as lutas dos movimentos sociais pela democracia. Situa-se, assim, especialmente como um jovem de periferia, cuja luta atual liga-se a um passado de luta e compromisso com a denúncia das condições de vida dos jovens excluídos a fim de se engajarem na luta histórica pela transformação social da realidade.

Segurança da polícia por aqui não existe,

⁵⁶Estatuto completo da Nação Hip Hop Brasil disponível em <http://www.nacaohiphopbrasil.com.br>

*Estão cuidando de banco, do patrimônio da elite,
Enquanto aqui no morro a própria gente sobra
PM pega pesado, os “pé-de-porco” são foda,
Pegam pai de família como se fossem ladrão,
Isso já aconteceu comigo, que humilhação.
[...] Mas eu não posso matar, não quero ser mais um,
Trancado dentro de uma grade sem direito algum
[...] Eu analiso o passado e vejo o presente.
Sou Mano Oxi, mais um sobrevivente
(DNA MC's - Pra vim morar na Brasil, 2005).*

Em abril de 2010, tendo em vista o período de eleições que se aproximava, PX refletia sobre as perspectivas de engajamento e mobilização de recursos junto aos futuros candidatos. PX comenta sobre a forte fragmentação do PT em tendências políticas, que hora unem-se, hora disputam entre si por poder político cadeiras nos parlamentos, nas comissões e cargos em secretarias e setores estratégicos. Ao analisar nossa atuação, PX demonstra como nossas relações políticas estavam ligadas à tendência política “Democracia Socialista”, ao exemplo do candidato Chico Vicente. Em sua análise, PX me apresenta a tendência política do atual presidente Lula – “Articulação - Unidade na Luta (AUNL)⁵⁷” – como a maior e mais importante tendência do Partido dos Trabalhadores. PX procurava avaliar os ganhos e perda de mudarmos de tendência política.

Então, começamos uma negociação com Villaverde para a construção da nova sede própria do KSULO. Passamos a programar futuras agendas junto com Villaverde para mobilização e articulação de campanha. Quando a campanha iniciou em junho de 2010, éramos os representantes do segmento Hip Hop nas intervenções de Villaverde:

Eu queria Péia (*dirigindo-se a mim*), em nove de ti e do PX, uma mensagem pra nossa comunidade do Hip Hop, pelo trabalho que vocês realizam, pela

⁵⁷ Tendência interna do PT constituída em 1983, majoritária em praticamente toda a trajetória do partido.

importância e pelo significado cultural que ela tem para nós aqui no Estado do Rio Grande do Sul e do nosso País. E pelo que ela significa, a partir desse importante trabalho que vocês fazem no sentido que possamos fazer a cultura de inclusão do trabalho e renda pra nossa moçada e a nossa meninada (VILLAVERDE, 2010)⁵⁸.

Villaverde passou a nos encaixar em diversas agendas e mobilizações pela cidade, o que era propício para a criação de novas alianças para o projeto KSULO.

Em agosto de 2010, PX foi convidado a ser o representante do Hip Hop no seminário: "Diálogos para a promoção da Igualdade Racial" na Sociedade Recreativa Satélite Prontidão em Porto Alegre. PX dividiu a mesa com lideranças do Movimento Negro e representantes políticos como o candidato ao Governo de Estado Tarso Genro e do atual Senador Paulo Paim. Logo na entrada peço um depoimento de Tarso Genro sobre a importância do Hip Hop no cenário político:

Hip Hop tem uma grande universalidade... O que significa isso, significa que ela não representa só a periferia, ela representa um novo traço de cultura que vincula a parte ao todo. Expressa uma nova dimensão cultural da juventude, que pertence a toda juventude, que pertence a todos nós (GENRO, 2010)⁵⁹.

Durante o seminário, PX faz uso da palavra para evidenciar o Hip Hop como um movimento de periferia que faz política dentro das favelas, sendo uma das primeiras formas de fazer política para transformar a realidade na comunidade. PX inicia a fala com um Beat Box⁶⁰, e, logo em seguida, expõe sua compreensão do Hip Hop como uma forma de transformação e inclusão social:

Esse é o ritmo **Hip Hop**, que muitas vezes está dentro das periferias de Porto Alegre, do Brasil e do Mundo todo, **ritmando a juventude a sair pra rua e buscar seu direito como uma forma de inclusão**. Esse é o ritmo que a gente escuta nas ruas, nos becos, nas vielas e, hoje, dentro de casa. [...] E, sendo hoje um dia tão importante para nós, e principalmente pra mim, compondo essa mesa e poder estar junto somando junto. O Hip Hop 13 é

⁵⁸ Postado em 28 de julho de 2010 <http://www.youtube.com/watch?v=n3sft-Bkvhk>

⁵⁹ Disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=yw5tvyIhHaA&list=PLBF58AC6D380D164F>>

⁶⁰ Técnica de som feita com a boca imitando uma batida de eletrônica.

uma organização que dentro do partido vem desde 1994 fazendo política e de alguma forma inserindo e ensinando o jovem da periferia a ter uma compreensão melhor sobre a política. Entendendo de que forma são construídas as políticas públicas e de que forma são feitas as coisa pra estar transformando a sua comunidade [...] **ver uma forma de transformação, de inclusão,** tanto cultural quanto na área da saúde, da educação, enfim, em todos os setores. Hoje o jovem negro da periferia, de uma forma muito escrachada, não pode estar frequentando espaços como esse. Muitos não estão aqui, eu venho através deles dar o recado: Queremos transformações, queremos mudanças, queremos inclusões, queremos nosso espaço. Queremos juntos **construir uma política justa pra esses jovens** que muitas vezes estão lá jogados, muitas vezes não incluídos nas áreas de serviço e de alguma forma se perdendo no mundo das drogas e no mundo da violência. Através do Hip Hop, esse ritmo que vem contagiando e vem tomando o seu espaço, a gente vem pra dizer que estamos juntos, e que o Hip Hop se faz presente. (PX, 2010)⁶¹

Na campanha à Presidência do Brasil em 2010, o PT continuou a aglutinar forças junto ao Movimento Hip Hop para a mobilização de votos na periferia. No cenário nacional, importantes referências do Hip Hop se engajaram no convencimento de que a Dilma era de fato a melhor escolha para o Movimento. Houve uma maciça divulgação de depoimentos divulgados via internet, como foi o caso de Mano Brown do grupo Racionais MC's que aparecia em entrevistas criticando duramente o candidato de oposição José Serra do PSDB. O discurso era de que o Serra não era e nem poderia ser o representante da classe trabalhadora, negra e pobre:

O Serra é um cara neutro, que se tiver uma criança pobre e do outro uma criança rica e gordinha, ele atira pro auto e faz aleluia... Ele não dá pro pobre, entendeu? Esse é o tipo de justiça que ele faz, esse é o Serra mano. Não espere dele o mesmo sentimento que um negro teria, um cara operário... Ele é um cara classe média da Moca, filho de italiano [...]
(BROWN, 2009)⁶².

O líder do Movimento Hip Hop em Brasília, o Rapper GOG também se engajou com um discurso crítico, misturando ritmo e poesia na sensibilização dos eleitores. Em seus discursos, evocava a reflexão sobre o Brasil antes e depois da gestão do PT, afirmando conquistas importantes nas áreas sociais e culturais para

⁶¹ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=RfLcwjWDWyE>>

⁶² Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=rLrwVwAjme0>>

a periferia. Direcionava-se aos artistas para se engajarem, colocando a arte como instrumento de transformação. Procura demonstrar que Lula é um dos nossos, pois tem a mesma origem pobre e periférica. Além disso, era enfático ao convocar todos os brasileiros a se mobilizarem para eleger a primeira presidente mulher, como símbolo de uma parcela excluída da população:

Meu Brasil, quem te viu, quem te vê, sabe o quando é importante crescer, o nosso aviso é quase improvisado, produzido, escrito na hora, pois quem sabe faz à hora, agora não dá pra comparar, as algemas do passado frente às asas que temos pra voar de uma vez por todas, de uma vez só. Queremos um Brasil melhor pra mim, pra você, pra todo aquele que crê, na mudança com herança ou sem herança. É dessa forma a nossa pujança. Atenção, Atenção! Revolucionários em plantão! É hora de colocar nos trilhos a nação, meu Brasil, quem te viu, quem te vê, sabe o quanto é **importante crescer** [...] o Brasil não pode abrir mão do melhor. Brasil! Brasil! Dilma, Dilma vez só! Atenção, atenção quem é "mil graus", a cultura tem que ser sempre em frente, **Arte pela arte nunca não!** Dança com a gente, mas vem com a gente, música, literatura, transformação. **A palavra, não como substantivo, mas como verbo da transformação.** Eu acredito em você, eu busquei você através do meu som e você me buscou com seus olhos lindo de mudança. **Nós por nós sempre. A periferia sempre sangrou. As favelas não surgiram por acaso, a polícia machuca, não é por acaso.** Mas nós temos a chance, trabalhando por nós mesmo. Por hora, cuidado! **Trabalhando contra nós mesmos sempre sairemos derrotados. É hora de transformarmos** nossa história com nossos motores. As panelas estão mais cheias. O alimento não é mais só pra barriga, é pra alma, pra transformação. **O pretinho lá do outro lado da favela hoje é engenheiro.** ["] Hoje, aquele que era considerado uma analfabeto, que o colocavam como um analfabeto, que iria destruir o Brasil, é o melhor presidente da história. Mas ninguém faz isso sozinho (GOG, 2010)⁶³.

Enfim, GOG corroborava o discurso de Brown ao afirmar que o presidente Lula representava os negros excluídos do Brasil, colocando seu próprio testemunho como prova irrefutável disso:

Irmão! É preciso olhar pro lado, olhar pra frente, minha senhora e meu senhor, e lembrar como era cara um botijão de gás, como era cara a refeição diária, o arroz, o feijão, a cesta básica... Hoje nós temos o vale cultura, nós temos investimento na cultura... **Hoje o preto aqui é a prova viva, porque eu fui recebido quatro vezes pelo presidente da república que me chama pelo nome... Que louco né? Pra quem estava fadado e**

⁶³ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=lyTHP3Ag3xA>>

condenado à senzala do esquecimento histórico... A gente até que ta indo longe de mais (GOG, 2012)⁶⁴.

Em setembro de 2010, o Movimento Hip Hop de Porto Alegre e RS dividia-se: de um lado os militantes que não se engajavam campanha política de nenhum candidato, e, do outro, militantes divididos em pelo menos cinco partidos: PT, PCdoB, PSB, PTB e PP na corrida das eleições e reeleições a governador do Estado, a senadores, a deputado estadual e federal. Apesar de não haver cooperação nas campanhas a deputados e senadores, todos os partidos citados encontravam unidade no apoio à Dilma Rousseff para a Presidência da República. PX e eu estávamos no Comitê Estadual da Dilma em Porto Alegre, quando Mano Oxi sugere uma reunião com o máximo de lideranças possíveis do Movimento. Argumenta que estava perto de encerrar o período eleitoral, e o Movimento Hip Hop não havia estabelecido nem diálogo nem acordo formal com a candidata Dilma. Era preciso criar unidade e organização do Movimento para formular pautas comuns e reivindicar demandas mais amplas. Aproveitamos a estrutura da sede, telefones e computadores com acesso a internet para mobilizar e marcar ali mesmo uma reunião geral. À noite já estávamos reunidos com cerca de 20 lideranças do Movimento - todas com algum envolvimento político. Mano Oxi abre a reunião:

Eu acredito que o que nós construímos aqui esta noite vai elevar o Hip Hop gaúcho num patamar que não existe em nenhum lugar no Brasil. Por isso estamos **propondo a criação de uma estância máxima do Movimento Hip Hop do Rio Grande do Sul** [...] Eu acredito que, seja qual for o presidente eleito, vai fazer o Hip Hop gaúcho ser ainda mais respeitado lá fora. [...] Podemos aproveitar essa legitimidade que temos nas nossas comunidades e nossas regiões [...] Então é um momento para que possamos **fazer um compacto e podermos consensuar numa ação que eleve a qualidade do Hip Hop** [...] Estamos propondo a construção de um Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho, que, acima de tudo, dialogue com o movimento e que dialogue com o poder público. [...] Agora é o momento de **a gente se organizar** em termos de **qualidade na ação e, acima de tudo, de unidade** (OXI, 2010).

⁶⁴ Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=fq-SUQYdwOU>>

White Jay enfatiza a importância da inserção das referências do Hip Hop no cenário da política partidária como a assunção do papel de interlocução com governos e compromisso com a transformação social que qualifica as ações do Movimento.

Eu me infiltrei no Hip Hop porque eu não sabia o que era até então, e hoje eu me tornei essa referência que eu sou hoje. Sou assessor da deputada mais votada do Brasil, tenho muito orgulho disso, vesti a camisa. Como assessor parlamentar sofro muito preconceito dentro do movimento. Porque o movimento é limitado e não aceita questões políticas. Acho que não podemos criar um partido político porque nós já temos os partidos que nos representam politicamente. Eu sou um comunista, um socialista. [...] Nós temos uma grande responsabilidade com o Hip Hop no Brasil [...] A gente está num momento político. Eu acho bonito falar de cultura, mas a gente tem que assumir o nosso papel na sociedade. Cada um aqui é uma liderança dentro da sua comunidade. Se a gente não assumir esse papel a gente não vai conseguir fazer fórum, nem merda nenhuma. Vai continuar a mesma coisa. Chega um momento que a gente tem que tomar essa responsabilidade pra si mesmo (WHITE, 2010).

Instituído o **Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho**, iniciaram-se as reuniões abertas periodicamente, divulgadas via “boca a boca” e em informativos via redes sociais. O Fórum reunia militantes dos segmentos “Velha Escola” e “Nova Escola”, egressos do sistema prisional e diversas tendências partidárias. O Fórum tornou-se o principal canal de diálogo entre grupos, entidades e militantes. Taxi, por exemplo, apresenta-se como representante dos segmentos “Nova Escola” e “egressos do sistema prisional” ao enfatizar a importância desses segmentos para a continuidade da proposta do Fórum Permanente do Hip Hop.

[...] Nós respeitamos o corre de todo mundo, sabemos que todo mundo que está aqui é do corre de “milianos⁶⁵”. Nós estamos chegando agora, mas nós estamos chegando para somar, para aprender e adquirir experiência pra passar pros que vão vir irmão, entendeu? O Rocco está vindo agora, os caras estão saindo do sistema prisional e é nessas reuniões que os caras vão pegar o andamento do bagulho. [...] Estamos chegando pra aprender, pra evoluir, e adquirir experiência pra passar pros próximos quem vão vir. Até porque, ninguém vai ficar aqui a vida toda fazendo essa caminhada, todos vão ter seu tempo, e vai chegar a geração nova... [...] Não estamos querendo passar por cima da caminhada de ninguém. (TAXI, 2012)

⁶⁵ Gíria que significa “Mil anos”, fazendo alusão à “Velha Escola” do Hip Hop.

O Rapper Rocco que havia cumprido pena junto com o Rapper Taxi na Penitenciária Estadual do Jacuí (PEJ), em Charqueadas (RS), também manifestou sua compreensão sobre a importância do Fórum como um compromisso, uma escolha pessoal visando a conquistas coletivas que abre espaço de participação e intervenção social.

Estou disponibilizando meu tempo, estou a serviço do RAP também, entendeu? Pelo o que eu pude ver, a gente tem que aprender a se expressar, entrar num acordo pra gente se comunicar melhor para nossas palavras e nossas atitudes não se voltarem contra nós mesmos. Porque eu acho que o RAP é uma janela pra somar e fortalecer... Que nem o Taxi e eu estávamos lá na PEJ A psicóloga disse que me viu dentro de uma lixeira, e agora estamos aqui na Assembleia Legislativa dentro de uma sala, eu acho que é isso né, debatendo o RAP. Então eu acho que o RAP é pra abrir espaço, é pra gente se unir. Não é pra cada um vir aqui e pegar o seu e “blau blau blau blau...” Não! A gente tem que se unir entrar em acordo, saber se expressar pra comunicação ficar melhor. Pra gente se entender e abrir espaço, porque o RAP é isso aí, entendeu? Eu não sou muito de falar, eu sou mais de cantar, de repente na próxima eu vou dizer um som... Mas eu acho que é isso daí, pra somar e fortalecer. A gente não veio aqui pra brigar, senão cada um pegava suas luvas ali no começo e já montava o tatame, entendeu? A nossa luta é pra abrir espaço, somar e fortalecer (RAPPER ROCCO, 2012).

Os estudos de Becker (1960) trazem o conceito de *outsiders* que propõe compreendermos os atos de *transgressões* às regras sociais não apenas pelos indivíduos que infringem, mas pelos grupos que constróem e impõem essas regras. Os grupos que impõem as regras são quem rotula quais ações são tidas como “certas” ou como “erradas”. Quem não obedece a essas regras é considerado um *outsider*, e pode ser punido pela infração. O autor propõe o conceito de *desvio*. Segundo Becker, o desvio apresenta três vertentes que buscam explicar o desvio. A primeira considera tudo aquilo que foge à média geral, verificável numa análise estatística. A segunda vertente considera o desvio uma patologia, ou seja, o que foge a norma é uma doença: heterossexualidade é normal, homossexualidade é doença. A terceira vertente busca compreender os desviantes no conjunto de uma sociedade heterogenia, com múltiplas regras, em que somos ao mesmo tempo pertencemos a diversos grupos sociais e somos *outsiders* de outros tantos. Essa concepção relativista a que Becker se filia para

defender para considerar não apenas o comportamento do infrator a ser julgado e rotulado, mas também a imposição de quem julga, rotula e impões as regras.

Durante a *tribuna popular*⁶⁶ do Hip Hop em outubro de 2011, na figura do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho (FPHHG), lideranças manifestaram suas reivindicações por reconhecimento e respeito dos gestores da Secretaria da *Descentralização da Cultura* da Prefeitura de Porto Alegre. Por sua vez, a mesma alegara falta de organização e consenso do Movimento Hip Hop para a realização das atividades previstas na Lei da Semana Municipal do Hip Hop de Porto Alegre. Outro problema era que na Lei Municipal do Hip Hop não especificava de onde viria recurso, nem garantia a previsão de incentivo financeiro na Lei de Diretrizes Orçamentárias do município.

Ao dar início a Tribuna Popular, o Movimento Hip Hop recebe o comunicado que, segundo o Regimento da Câmara dos Vereadores, só poderiam ter o uso da palavra os militantes que estivessem “devidamente” vestidos com camiseta social, gravata e palito. O B.Boy Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha) da Zona Sul elaborou e leu o discurso como representante do Fórum Permanente do Hip Hop. A vereadora Fernanda Melchionna (PSOL) destacou que movimento do Hip Hop: “É um movimento que nasceu nas periferias do mundo [...] É inaceitável que se esteja discutindo este valor para uma iniciativa com todo significado que tem” (MELCHIONNA, 20110).

Junto com Jukinha estava Leandro Francisco Sere da Rosa (Tiri) que admitiu usar os trajes sociais, mas se recusou a tirar o boné. Ao entrar na plenária, foi duramente criticado pelo vereador João Antônio Dib (PP), acusando-o como transgressor das regras da casa. Segundo João Antônio Dib, as indumentárias dos representantes do Movimento Hip Hop eram uma afronta ao Regimento Interno da Câmara dos Vereadores. Condenou Tiri pelo uso do Boné, exigindo que os oradores da mesa usassem, ou o traje completo ou pilcha gaúcha como manda o regimento: “Acho uma falta de consideração [...] Não vou continuar assistindo essas coisas de forma impune [...] É preciso que a Câmara seja respeitada, e hoje

⁶⁶ Tribuna popular do Hip Hop realizada em 24 de outubro de 2011 na Câmara dos Vereadores do Município de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. A pauta era a emenda de uma emenda de 65 mil para a realização da Lei 10.378/2008 que institui a Semana Municipal do Hip Hop de Porto Alegre.

ela não foi” (DIB, 2011). Tal incidente demonstra o que Becker chamaria de reação de um grupo social dominante no processo da rotulação do outro como desviante.

[...] os grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal [...] é antes produto de um processo de reações de outras pessoas ao comportamento. [...] referir-se a tal comportamento como comportamento de violação de regra, e reservar o termo desviante para aqueles rotulados como tal por algum segmento da sociedade (BECKER, 1960 p. 26).

O Movimento, portanto, disputa formas de representação frente ao poder público que o rotula como não preparado para o exercício e gestão dos recursos públicos. Em experiências anteriores, sem a presença de uma entidade máxima como o Fórum Permanente do Hip Hop, era recorrente o discurso de que não era possível dar conta de um movimento de proporções tão grandes e com demandas tão específicas. Em audiência pública, em 2009, o representante da Secretaria da Cultura, Lutti Pereira, comenta sobre a dificuldade de interlocução do Movimento Hip Hop:

Eu nesses últimos cinco anos, percebo claramente um amadurecimento do movimento. [...] de 2005 pra cá havia uma confusão muito grande, os grupos de Hip Hop muito divididos. São quatro elementos que se dividem em muitos grupos. É muito difícil a interlocução com esses grupos, porque é um grupo muito grande, muito forte e muitas necessidades (PEREIRA, 2009).

Na mesma audiência, White Jay faz uso da palavra para reafirmar o processo de organização do Movimento Hip Hop no processo de promoção da cidadania em torno de princípios sociais, éticos e ideológicos.

Tem que ter organização. E é isso que a gente está propondo. A Nação Hip Hop Brasil se organiza dessa forma, formar jovens não só cantores de RAP

ou dançarinos de Break, mas sim formar cidadãos. Formar jovens que possam sentar com deputados e apresentar projetos [...] Mas o RAP é protesto, é ideologia, é conhecimento. Tem que ter base para fazer a tua musica, um conhecimento para falar de um determinado assunto. O b.boy tem uma história da dança, o graffiti tem sua história [...] Não tem como a gente não estar dentro das cadeias ressocializando esses caras e essas minas. Não tem como a gente não estar dentro das escolas [...] que muitas vezes nem a escola tem informação do que é o Hip Hop (WHITE, 2009).

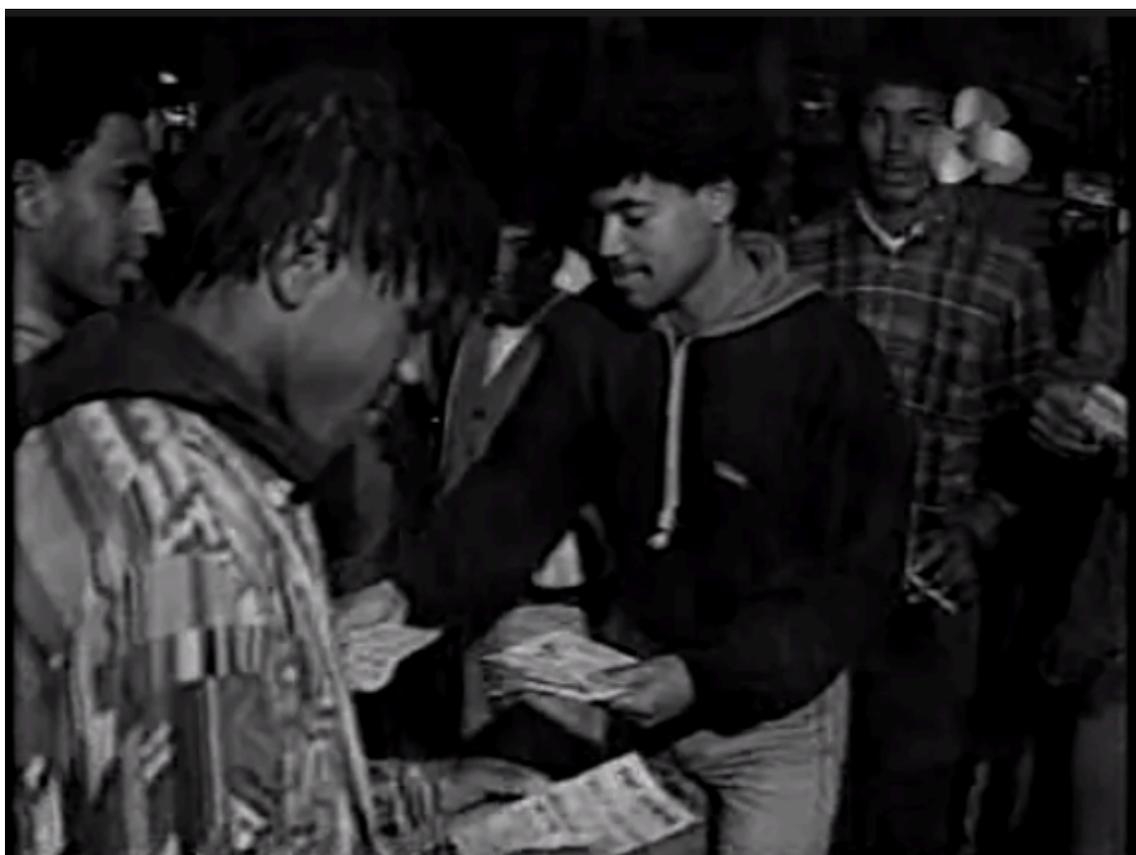
Deste modo, o Movimento Hip Hop vem defendendo suas posições ideológicas a partir da explicitação de seus valores e visões de mundo, que encontram unidade ao se reconhecerem como “os de fora” e excluídos dos processos de participação política. Assim, o Movimento Hip Hop define-se como expressão de comportamentos políticos, em que as instâncias o inserem “para dentro” da esfera política, articulando-se segundo alinhamentos éticos, sociais e ideológicos.

3.2 Imagens do Hip Hop

Aqui, visa-se a ilustrar, através de uma seleção de imagens, os momentos da trajetória política do Hip Hop da Região Sul, incluindo ações políticas com projeções a nível nacional. As fotos são imagens registradas por diferentes interlocutores, cuja principal intenção, segundo eles mesmos, foi a preservação e compartilhamento da memória dos feitos realizados pelo Movimento Hip Hop.



Roda de Break na Esquina Democrática no início dos anos 90 – Print Scrn do programa especial sobre Black Music exibido pela TV Educativa (TVE) do Rio Grande do Sul.



Roda de Break na Esquina Democrática no início dos anos 90 – Print Scrn do programa especial sobre Black Music exibido pela TV Educativa (TVE) do Rio Grande do Sul.

Músico escala chaminé da Usina

A decisão judicial que suspendeu o feriado alusivo ao Dia da Consciência Negra motivou um protesto na Capital. Às 6h de ontem, o produtor e músico Agnaldo Camargo, o Oxy, 26, escalou a chaminé da Usina do Gasômetro empunhando uma bandeira branca estampada com o rosto de Zumbi. A manifestação, porém, foi encerrada às 7h15min, quando os bombeiros retiraram Oxy do local. O músico disse que, ao escalar a chaminé, pretendia conscientizar os porto-alegrenses quanto à importância do feriado para os afrodescendentes e prestar uma homenagem a Zumbi, o herói negro. A presença do Corpo de Bombeiros foi solicitada por PMs da 1ª Companhia do 9º BPM, acionados por um guarda municipal.

O músico foi alertado de que não deveria subir porque estaria correndo risco de morte. O protesto de Oxy foi acompanhado por jovens do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e à Dinastia Negra Absoluta. Tão logo foi resgatado, Oxy foi encaminhado à 1ª Companhia do 9º BPM para lavratura do termo de ocorrência. Pouco antes das 9h, foi liberado. A pretensão do rapper era ficar o maior tempo possível na chaminé e deixar a bandeira de Zumbi no alto. "Não consegui o que pretendia, mas chamei a atenção da população para uma causa justa."

ITAMAR AGUIAR



Sexta-feira, 21 de novembro de 2003.

Manifestação de Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi) em 21 de novembro de 2003 na Usina do Gasômetro no centro de Porto Alegre. Reportagem vinculada no Jornal Correio do Povo, escaneada por Mano Oxi e compartilhada nas suas redes sociais



Presidente Lula recebe representantes do Movimento Hip Hop nacional em Brasília em 25.03.2004. Na foto (esq p/ direita) Kleber Geraldo Simões (KLJay), Alex Pereira Barbos (MV Bill), Presidente Lula, Ministro da Cultura Gilberto Gil e Antônio Luiz Júnior. Foto do Jornal Estação Hip Hop. Hip Hop no Poder: Lula recebe pessoas do movimento e cria comissão. SP, 2004. Ano 4, No25.

Assembléia Legislativa ao som do hip hop

Cerca de 800 militantes do movimento hip hop de 23 municípios do Estado reúnem-se neste domingo, a partir das 14h, no Auditório Dante Barone da Assembléia Legislativa do Estado.

O encontro servirá como marco do lançamento da organização não-governamental Nação Hip Hop

Brasil, no Estado. A entidade foi fundada em janeiro de 2005, em São Paulo, com o objetivo de organizar o movimento hip hop.

● Aberto à comunidade

– Nossa idéia é mostrar que o hip hop não é só um movimento cultural. Mas que propõe, por meio da cultura,

políticas públicas para os jovens – explica Agnaldo Camargo, o Oxi, um dos integrantes da entidade.

O encontro será aberto à comunidade.

● O que é -
O hip hop é um movimento cultural que usa a música e o grafite como expressões.

Encontro será no domingo

MARCELO OLIVEIRA

Lançamento da Organização Nação Hip Hop Brasil em Porto Alegre em 2005

1º ENCONTRO ESTADUAL DE HIP HOP
"O Hip Hop criado na rua"

DIA 13 JUNHO
THEATRO DANTE BARONE
EM PORTO ALEGRE

17 CIDADES, UM SÓ ESPETÁCULO.
SHOWS, FEIRA, ARTESANATO,
PINTURA COLETIVA E MAIS...

Traga sua caravana, entre em contato:
manooxi@gmail.com
Fone: (51) 8544.0792

Cartaz do 1º Encontro Estadual do Movimento Hip Hop RS em 13.07.2009

Câmara Municipal de Porto Alegre. MUNICIPAL

Camarapoa / Imprensa / Notícias

24/10/2011
Foto: Felipe Dalla Valle

Tribuna Popular
Movimento do Hip Hop reivindica cumprimento de lei

O período destinado à Tribuna Popular da sessão desta segunda-feira (24/10) da Câmara Municipal de Porto Alegre foi ocupado pela Comissão Executiva da Semana Municipal do Hip Hop. Na oportunidade, falou em nome da comissão Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira, que reivindicou o cumprimento da lei que garantiu R\$ 65 mil para a Semana do Hip Hop, aprovada em 2007 por esta Casa. "Este recurso nos foi assegurado através da LDO e até agora tivemos a informação de que vamos receber apenas R\$ 30 mil", disse.

Oliveira ressaltou que o movimento vem tendo sérias dificuldades em executar os projetos previstos na lei pela falta de verbas. "Temos os recursos assegurados e não aguentamos mais este empurra-empurra", reclamou o orador. Na Semana do Hip Hop estão previstas palestras e atividades esportivas e culturais.

Wagner Ferreira também se manifestou em nome do movimento enfatizando que esta iniciativa já recuperou muitas pessoas no mundo inteiro. "Está em muitas favelas, periferias e nos presídios recuperando jovens que como eu sou extraticante e hoje curso o 5º ano de Administração de Empresas".

Regina Andrade (reg. prof. 8423)

Diário Oficial Porto Alegre

Outubro, 2011

Do	Se	Te	Qu	Qu	Se
2	3	4	5	6	7
9	10	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28
30	31				

mapa do site

contatos

Av. Loureiro da Silva
255 - PoA - RS
CEP: 90013-901
(51) 3220.4100
E-mail

Audiência Pública ORÇAMENTO 2011 Projeto



Tribuna Popular do Hip Hop na Câmara de vereadores em 25.10.2011

Na foto (Em baixo – esq p/ dirt.) Gilberto Machado Almeida (Guará), Eu (Péia), Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi) e Alex Sandro Rezende (Dj. Abu); Em cima – esq p/ dirt: Daniel Borrea Costa (B.O), Nani Ribeiro e



Intervenção do Movimento Hip Hop na Esquina Democrática em 2012 durante a 6ª Semana do Hip Hop de Porto Alegre. Na foto Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi) com microfone na mão.



Intervenção do Movimento Hip Hop na esquina Democrática em 2012 durante a 6ª Semana do Hip Hop de Porto Alegre.



Reunião do Fórum Permanente do Hip Hop com prefeito e vereadores de para a proposta de criação do grupo de trabalho da Semana Hip Hop em 24.02.2012 na Prefeitura de Porto Alegre. Na foto (Direit. p/ esq). Eu (Dj.Péia), Claudicéia (Ceia), Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha), Vereadora Fernanda Melchionna (PSOL), vereador Dj. Cassiá (PTB), Fabio Luis Alves Pedroso (Seguidor F.), Prefeito Fortunati (PDT) Wagner Luis Macho Ferreira (W Negro); Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi); Malik, Leandro Francisco Sere da Rosa (Tiri) e agachado: Gilberto Machado Almeida (Guará). Foto tirada por uma assessora da Prefeitura de Porto Alegre da máquina de Mano Oxi.



Reunião do Fórum Permanente do Hip Hop com prefeito e vereadores de para a proposta de criação do grupo de trabalho da Semana Hip Hop em 24.02.2012 na Prefeitura de Porto Alegre. Na foto (Direit. p/ esq.) Prefeito Fortunati (PDT), vereadora Fernanda Melchionna (PSOL), Mano Oxi (Representante do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho) e o vereador Dj. Cassiá (PTB). Máquina fotográfica de Mano Oxi.



Instalação do primeiro GT oficial da Semana Municipal do Hip Hop de Porto Alegre em 28.02.12 na sede provisória da Secretaria de Juventude Na foto (Direit. p/ esq). Luis Felipe Ribeiro Batista (Rapper taxi), Secretário da Juventude Luizinho Martins (PDT), Fabio Luis Alves Pedroso (Seguidor F.), Malu Viana, Wagner Luis Macho Ferreira (W Negro); Eu (Dj.Péia), Leandro Francisco Sere da Rosa (Tiri), Prefeito Fortunati (PDT), Fernanda Melchionna (PSOL), Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi), Gilberto Machado Almeida (Guará), vereador Dj. Cassiá (PTB), Claudicéia (Ceia) e Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro – Parrhesia)



Abertura da 6º Semana do Hip Hop de Porto Alegre na Assembleia Legislativa do RS em 2012



Abertura da 6º Semana do Hip Hop de Porto Alegre na Assembleia Legislativa do RS em 2012. Na Foto: (Esq. p/ direit.) Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi), Perola Sampaio e Carlos Cristiano Gonçalves (PX)



Abertura da 6^o Semana do Hip Hop de Porto Alegre na Assembleia Legislativa do RS em 2012. Na foto PX canta um RAP de improviso. Ao fundo (esq p/ dirt.) Dessa (Dama da Rima), Agnaldo Munhoz de Camargo (Mano Oxi), Mãe do Rapper Taxi e TB.Girl karina Rolim, Perola Sampaio e Carlos Cristiano Gonçalves (PX)



Encontro Nacional da Nação Hip Hop Brasil em SP em 02.06.2012



Material de campanha de Mano Oxi lançado em 06.07.12



Evento “Retomada da Esquina Democrática” realizado na Esquina Democrática no Centro de porto Alegre em 10.05.2013. Na foto B.Boy Luciano Marino Oliveira (Tiano)



Evento “Retomada da Esquina Democrática” realizado na Esquina Democrática no Centro de Porto Alegre em 10.05.2013. Na Foto (Esq. p/ direita). Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha), Rafael Singh, Eu (Péia), Rubem Sandro Moraes Schutz (White Jay) e Ademir Porto Cavalheiro (Nezzo).



Reunião do Fórum Permanente do Hip Hop com a Assessoria do Governador Tarso Genro no Palácio Piratini em Porto Alegre em 02.08.2013. Na foto (Direit. p/ esq) Eu (Dj.Péia), João Pontes (Assessoria), Josué Barros (Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital do RS), Emir da Silva (chefe da Divisão de Programação da TVE), Wagner Luis Macho Ferreira (W Negro), Malu Viana, Milton Viário (Assessoria do Governador), Rubem Sandro Moraes Schutz (White Jay), Pérola Sampaio (Assessoria do Dep. Raul Pont), Carlos Cristiano Gonçalves (PX), Rafael Singh (Saunespro), Lucas da Veiga Costa (Kuca) e Jorge Cristiano Oliveira de Oliveira (Jukinha). Logo a frente: Orlando Vitor Noal Neto (Sinistro – Parrhesia)

3.3 Retomando a nossa esquina.

Podemos dizer que a História do Movimento Hip Hop na Região Sul do Brasil é fruto de uma bricolagem de informações advindas de diferentes protagonistas, cujas raízes têm íntima ligação com bandeiras de lutas políticas por cidadania. As pessoas e espaços são rememorados e ritualizados como mitos de fundação. Datado de abril de 1983, o Hip Hop começou em uma roda de dança break na Esquina Democrática no centro de Porto Alegre. Tal espaço, segundo Bittencourt (1995), era parte de um território negro na região central da capital, conhecido Esquina do Zaire. Foi batizado com esse nome em função do jogo entre Brasil x

Zaire da Copa do Mundo de 1982, em que os negros reuniram-se na esquina para torcer pelo time africano como símbolo da sua verdadeira raiz étnica. Nesse território, reuniam-se representantes do Movimento Negro e personalidades políticas da época. Na esquina, foi criado o *Folhetim do Zaire*, contando a história dos negros e de seus territórios. Conta-se que em 1977 carnavalescos reuniam-se e desfilavam com suas escolas de samba no local. O nome “Esquina Democrática” viria a se consolidar no processo de redemocratização em meados de 1984. Foi nesse local que Nezzo, juntamente com outros adeptos da dança soul, escolheram para fazer a primeira roda de break. Além da dança, divulgação de eventos e festas, os informativos também buscavam descrever o conjunto das suas práticas como parte de uma cultura nova – Hip Hop – e de sua vinculação com as lutas políticas do Movimento Negro e partidos de esquerda.

Em abril de 2013, PX passa a defender, nas reuniões do Fórum Permanente, o Hip Hop Gaúcho, a retomada da Esquina Democrática como forma de fomentar o Movimento novamente na cidade como era no início. A ideia era que o Fórum iniciar-se-ia com intervenções que não necessitassem apoio financeiro, mas que colocássemos o que havíamos conquistado em prol do Hip Hop. PX lançou a proposta da retomada colocando à disposição a sonorização da KSULO para o evento na Esquina Democrática. O B.Boy Jukinha e White Jay defenderam que era preciso fazer um resgate da história do Hip Hop na Esquina Democrática, com curadores e mestres de cerimônia narrando elementos da retrospectiva histórica para os presentes.

Em maio do mesmo ano, PX e eu marcamos uma entrevista com Délcio Pinheiro, conhecido como Mano Délcio, um dos percussores das manifestações da Black Music e do Hip Hop na Esquina Democrática. Marcamos na própria esquina às 18h, horário em que aconteciam as atividades nos anos 80. Logo que chegamos, Mano Délcio conta que em 1975, eu, com 14 anos de idade, morava na Restinga, e iniciou sonorizando festas comunitárias e aniversários com um aparelho de som conhecido como “3 em 1”. Acabou sonorizando festas maiores com outros amigos que traziam reforço de caixas som. Assim, acabou fundando a equipe “Bagunça Som”. Aos 18 anos, foi convidado a participar da equipe “Status Som”. A “Status Som” promovia grandes festas e utilizava a Esquina Democrática nas sextas-feiras para divulgação de suas festas como a Black Porto. Em 1978,

conseguiu emprego como operador de som na Radio Gaúcha. A partir de então Mano Délcio passou pela Rádio Metrópole até que teve a oportunidade de ser locutor e apresentador da rádio do Jornal do Comércio. Mano Délcio passou a fomentar festas em clubes. Sua performance e diálogo com o povo negro deu popularidade, e ganhou o espaço de um programa diário de meia hora. Em meados de 1985, Mano Délcio decide transmitir seu programa na Esquina Democrática.

Aqui foi o centro de tudo, onde tudo começou. Ano de 1979, com 17 anos vinha aqui curtir os movimentos da Black Music. Nós tínhamos a equipe de som “Cosmos” que fazia arrebrantar, pessoal de Estilos Som, Status Som que viam fazer som aqui. Eu vinha para namorar e pegar os panfletos para ir para as festas. As rádios não tocavam Black Music. Toda sexta-feira isso aqui era lotado, uma negrada só. E a gente aproveitava pra namorar. No meio da fuzarca, apareciam os políticos para falar sobre suas ideologias. Lá por 1985, eu tive uma ideia. Eu estava na rádio Capital, e pensei em algo que revolucionasse e divulgasse mais as festas. Então resolvi gravar o programa aqui na Esquina Democrática: colocava o caminhão de som bem na esquina. A primeira vez que fiz lotou de. Então comecei a fazer uma vez por mês (Mano Délcio, 19.05.2013).

Nas transmissões ao vivo de Mano Délcio chegavam a juntar cerca de duas mil pessoas na esquina. Em 1987, o diretor da Rádio Atlântida FM – JT Chiler – fez uma proposta de um programa semanal. Foi aí que uma Rádio de projeção regional ganhou uma voz negra que falava para um público negro e tocava Black Music.

A voz da negrada foi até as ondas da Rádio Atlântida. Havia outros locutores, mas não falavam a nossa língua. Depois que eu abri aquele espaço, a gurizada começou a abrir outros espaços. Aí todo o final de semana tinha uma equipe de som diferente na Esquina Democrática (MANO DÉLCIO 2013).

Mano Délcio conta que, na metade da década de 80, a onda era a dança Break com grupos como Hackers Crew os Big Boys, chamando a atenção que nesses eventos e nas festas 80% público presente eram negros, assim como as festas de dance eram 80% de público branco – diferente de hoje que está tudo

mais “misturado”. Os negros faziam questão de exaltar suas marcas identitárias e expressão corporal ocupando o território no centro da cidade. O ritual da esquina democrática continuou até final dos anos 90, passando do funk soul da Black Music ao RAP do Hip Hop.

Realizam piruetas, giros e movimentos quebrados e, com essas expressões corporais, abrem a roda e ocupam o espaço físico, principalmente na Esquina Democrática. Os jovens vestem moletons, calças jeans ou abrigos esportivos, tênis e boné, de preferência importados norte-americanos, com dísticos de clubes de basquete e beisebol. Durante várias sextas-feiras, na Esquina Democrática, havia a presença de uma equipe de som funk sucedendo a outra, em cada semana tais como: Ritmo Som, A.L. Musissom, Status Som, Head Som, Mixto Quente, Dinamic Power, Black e White e o Grupo Jara Musi-som (BITTENCOURT, 1995).

O fazer Hip Hop entendido como um modo específico de fazer política, como afirma CUNHA (1986), os traços identitários como a indumentária e marcadores étnicos são evidenciados nos estilos de vida como uma forma de se posicionar perante o outro. A invenção da etnicidade no seu sentido político, autoafirmativo e reivindicatório.

[...] a etnicidade pode ser tomada como uma ideologia e forma organização política, funcionando como uma ferramenta de reivindicação cultural, que adquire sentido político em contextos específicos, a partir de narrativas e discursos (CUNHA, 1986).

A missão ideológica, social e ética do Hip Hop sugerida por SOUSA (2003) aumenta cada vez mais seu campo de ação, e ganha visibilidade junto a outros movimentos sociais e participação no campo político. Em 2003, esquentava a discussão em todo o país sobre adoção dos feriados municipais em memória do “Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil”. Os movimentos negros e sociais pressionavam os chefes de governo a decretar o feriado oficial nas principais capitais; Porto Alegre, todavia, não adotou a proposta de feriado. Em protesto, Mano Oxi decide ocupar o espaço público da Usina do Gasômetro, onde subiu ao topo da chaminé com a bandeira de Zumbi dos Palmares em punho. No dia

seguinte às comemorações, o jornal “Correio do Povo” da capital publica a seguinte matéria: “Músico escala chaminé da Usina”.

A decisão judicial que suspendeu o feriado alusivo ao dia da Consciência Negra motivou um protesto na Capital. Às 6h de ontem, o produtor e músico Agnaldo Camargo, o Oxi, 26 anos[...] **pretendia conscientizar os porto-alegrenses quanto à importância do feriado para os afros descendentes e prestar uma homenagem a Zumbi, o herói negro**⁶⁷. (. CORREIO DO POVO, Músico escala chaminé da Usina, 21/11/2003).

Desse modo a apropriação dos espaços era revestida de sentido político e ideológico. Ao subir ao alto da chaminé do símbolo turístico da capital em novembro de 2003 com a bandeira de Zumbi dos Palmares em punho, Mano Oxi pretendia conscientizar os porto-alegrenses num ato simbólico carregado de sentido político e ideológico. Um ato político de autoafirmação étnica e de compromisso com a luta histórica e transformação social das condições da negritude atual. E essa responsabilidade é pautada no dia-a-dia das relações com o movimento e comunidade: “Nós temos uma grande responsabilidade com o Hip Hop no Brasil [...] Eu acho bonito falar de cultura, mas a gente tem que assumir o nosso papel na sociedade. Cada um aqui é uma liderança dentro da sua comunidade” (White, 2010). Compromisso e responsabilidade com os princípios ideológicas de transformação social reafirmam a musica RAP, não só como um estilo musical, mas como expressão de uma ideologia contestadora do status quo. O RAP torna-se instrumento de disseminação de princípios ideológicos do Movimento “o RAP é protesto, é ideologia, é conhecimento” White Jay (2009). “Eu escolhi fazer o RAP, viver do RAP. O mundo pode ser melhor, mas só quem pode mudar somos nós. Nós somos a transformação”. (Sadol, 2010)

A conquista do programa de TV Educativa (TVE) colocou o Movimento na arena das disputas políticas em nível estadual: “O Hip Hop Sul foi uma conquista política”. Quando eu me coloquei à frente da campanha do Olívio Dutra (PT) coloquei minha cara no jornal, eu sofri perseguição política (White, 2010).

⁶⁷ Grifo nosso

O Hip Hop Sul não entrou na TVE porque a gente canta bem ou porque dançamos break bem. Mas sim **porque nós sentamos politicamente com os caras que acreditaram na nossa proposta e nós acreditamos nas propostas deles e formamos uma parceria**. Hoje temos um programa de televisão (WHITE, 2009).

O Hip Hop Sul viria a dar maior visibilidade ao Movimento, mas as perspectivas de conquistas ainda mais abrangentes forçariam uma reorganização do Movimento para ampliar do “escasso reconhecimento cultural e de restrito acesso as instâncias decisórias” (NOVAES; VITAL, 2006). A criação do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho em 2010 busca dar unidade as ações contra a alegação do Estado pela falta de representatividade em nível municipal e estadual: “havia uma confusão muito grande, os grupos muito divididos” Lutti Pereira (2009)⁶⁸. O Fórum como um espaço de diálogo entre o Hip Hop e o governo através de “uma estância máxima que possa discutir qualquer pauta política em nome e em benefício do Movimento Hip Hop”. Mano Oxi (2010). É, desse modo, uma esfera de participação política para o exercício da cidadania. “Então tem que ter organização. E é isso que a gente está propondo. [...] formar cidadãos”, dito por White Jay (2009). O Fórum Permanente no cenário da democracia, orquestrando ações comuns, protagonizando “um tempo de construção de identidades e definição de projetos futuros” (NOVAES, VITAL, 2006).

Ao falar de “Velha Escola”, Nezzo evoca o contexto histórico da gênese do Hip Hop ao reivindicar o espaço público a partir de sua negritude e origem pobre, Nezzo cria fronteiras que o diferenciam de uma elite rica e branca, que o exclui desses espaços. A exaltação desses contrastes cria e reforça um repertório de marcas indentitárias que os aproxima de uns e os diferencia de outros. Esse repertório é revestido de compromisso ideológico e ético de classe e etnia que compõe a unidade englobante do Hip Hop. O Hip Hop é inventado e reinventado na construção da identidade de classe e etnia que tem origem na condição de violência e exclusão. Isso significa que a condição de exclusão da “Nova Escola” do Hip Hop tem uma raiz histórica, cujo compromisso ideológico exige tomada de posição e enfrentamento.

⁶⁸ Representante da Secretaria de Cultura na Audiência Pública do Hip Hop realizada em 6 de agosto de .2009 na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Nós temos que combater a direita, essa é nossa meta, são os nossos inimigos políticos. Temos que canalizar essas ações. **Eu tenho lado político, eu abracei essa causa.** (depoimento de OXI, 2010)

A “Velha Escola” é um contexto, seus valores e práticas funcionando como um ponto de referência. Essa unidade englobante é evocada e regula os comportamentos e discursos dos adeptos do Movimento Hip Hop.

Planejando a verdadeira identidade de uma raça

[...] Sim, é do preto sim que estamos falando,

Uma raça lutadora e cheia de conquistas,

Que insiste em apostar na sua real história.

Vários tempos se passaram, o racismo permanece.

Autoria: Fabiano Oliveira (Gibbes) e Carlos Cristiano Gonçalves (PX), 1996.

Em síntese, Nezzo toma o microfone no encontro chamado “Retomada da Esquina Democrática” promovido pelo Fórum Permanente do Hip Hop em maio de 2013.

Olha como o tempo passa... Eu estou com 47 anos de idade. A exatamente 30 anos atrás, no mês de abril de 1983, eu e mais 8 amigos – bem aqui nessa esquina – fizemos a primeira “Roda de Break” do Rio Grande do Sul. Isso pra mim é legal, é ver a continuidade que veio acontecer da raiz que a gente criou aqui com a cultura Hip Hop, que resgatou e resgata ainda muitas vidas [...] Eu sou uma das pessoas que plantou a semente, depois da minha geração veio o Jukinha. Pessoas que fazem a diferença em termos de cultura no país. Nossa cultura é responsável, não só por oficinas nas escolas, promoção da cidadania e valores da família, mas também como a maior cultura de juventude do mundo. Eu fico feliz por essa continuidade pois faz com que B.boys, DJ’s, MC’s e Graffiteiros façam a diferença na cidade, fazendo com que muito mais famílias consigam resgatar seus filhos através da arte que a gente faz, do resgate que a gente faz (NEZZO, 2013).

A proposta do evento era retomar o território onde simbolicamente o Movimento de Porto Alegre nasceu, como forma dar continuidade à fomentação da cultura Hip Hop na cidade. Retomava-se um ponto de referência de luta por direitos e cidadania através do Hip Hop, reafirmando que essa cultura e esse movimento continuam crescendo como um fenômeno que resgata e salva vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em 2008, durante a campanha de política do PT, PX fez questão de que as intervenções do Hip Hop fossem feitas nas periferias, mas salientou a importância de ocupar a Esquina Democrática como símbolo da luta política do Hip Hop. Enquanto acontecia a roda de Break, Sadol, com o microfone em punho, recitava rimas de improviso e reforçava palavras de ordem: “Aí Esquina Democrática! Chegou a voz de quem não tem voz” (SADOL, 2008). A candidata do PT, por sua vez, reforçava o discurso de PX e Sadol, como que compactuando com as bandeiras de luta pela transformação social: “lutando por uma cidade sem discriminações, sem preconceito. Uma cidade que se constrói junto com a participação popular, uma cidade que transforma a vida da própria história da sua gente” (pronunciamento da deputada Maria do Rosário, 2008).

Ao longo de quase três décadas, os protagonistas do Movimento Hip Hop de Porto Alegre passam a aprofundar o processo de organicidade em torno de “bandeiras” comuns. Dentre os interesses convergentes, estão o reconhecimento do poder público quanto à relevância das ações do Movimento, como promotor de cidadania, bem como garantias legais na esfera de participação política no acesso e gestão de recursos públicos. O conjunto das reivindicações objetivou-se em um documento elaborado por entidades do movimento que foi entregue às lideranças políticas. A pretensão era de que esse documento garantisse legalmente acesso aos recursos públicos de incentivo às ações do Movimento. Mano Oxi foi o principal articulador para a primeira Lei direcionada para o Movimento Hip Hop.

Promulgada em 2008, a Lei 10.378 institui a “Semana Municipal do Hip-Hop”, integrando-a ao Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Alegre.

A seguir, reproduzo trechos da referida Lei em que se destacam o reconhecimento e importância do Movimento e sua potencialidade no processo de formação e transformação dos jovens:

[...] visam ao fortalecimento da cidadania por meio da música e de atividades culturais que constituem um instrumento privilegiado no processo de formação e transformação dos jovens [...] traz consigo um enorme benefício aos jovens das periferias, pois servirá de base para a implementação de uma cultura de valorização do movimento “hip-hop”, fortalecendo a integração comunitária, trabalhando questões de ordem social, cultural e econômica, na perspectiva de fortalecer o movimento como uma importante ferramenta de inclusão social [...] (Lei, 10.378/2008).

Iniciativas conjuntas entre militantes do Movimento Hip Hop, lideranças partidárias e movimentos sociais promoveram audiências públicas⁶⁹, contribuíram para o processo de participação das periferias nas Conferências Livres de Juventude e nas Conferências Livres de segurança pública, elaborando documentos de caráter reivindicatório pela inclusão de lideranças no processo de elaboração, gestão e execução de políticas públicas.

No cenário nacional, lideranças⁷⁰ do Movimento Hip Hop conquistam postos de participação política mais abrangente, defendendo a criação de setoriais específicas para o Hip Hop. Em 2010, a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC) lançou o prêmio⁷¹ de incentivo a iniciativas culturais e econômicas do Hip Hop no país. A história, pois, mostra que,

⁶⁹ Em agosto de 2009 o movimento Hip Hop de Porto Alegre promove audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul para pressionar por uma emenda para o incentivo estrutural e humano da Lei 10.378

⁷⁰ O Rapper Genival Oliveira Gonçalves, conhecido como GOG do movimento Hip Hop de Brasília/DF, assume uma vaga no Conselho Nacional de Cultura em 2010 defendendo a setorial do Hip Hop.

⁷¹ “Prêmio Cultura Hip Hop – Edição Preto Ghóez” - O investimento de R\$ 1,7 milhão de reais em prêmios destinados a contemplar 135 iniciativas de pessoas físicas, instituições e grupos informais do movimento Hip Hop em todo o território nacional - Publicada em 16 de abril de 2010.

nas últimas três décadas, o comprometimento social do Movimento Hip Hop aglutina interesses e forças políticas pelo seu caráter inclusivo e por estar engajado em movimentos reivindicatórios de acesso e garantia de direitos a grupos específicos.

O Hip Hop entendido como um movimento político, reivindicando a efetivação da participação política, encontra-se no esforço de orquestrar ações conjuntas a fim de agregar forças e ampliar o campo de possibilidades nas mais diversas fontes de recurso e formas de acesso a direitos. A sustentabilidade do movimento era proveniente da articulação de redes de DJs, cantores e dançarinos, bem como Radialistas, Clubes e associações de bairro, numa verdadeira cadeia produtiva do Hip Hop.

Tal articulação em rede passa a ser reconhecida como protagonista de ações de geração de renda e promoção de cidadania, passando a reivindicar recursos para participação em programas sociais. No que tange ao acesso e à gestão dos recursos públicos, um dos limites está na problemática da organização e representatividade do movimento e seus segmentos frente às instâncias de participação junto ao poder público.

O Movimento Hip Hop de Porto Alegre, enquanto organização informal, agregou diferentes lideranças e organizações independentes, sem que houvesse a construção de um sistema de eleição de representantes. A ausência de representação no processo de negociação com esferas municipais, estaduais ou federais trouxe impedimentos concretos, como o questionamento da falta de legitimidade das lideranças. Nesse cenário múltiplo, do outro lado das negociações, o governo acusa o Movimento de ser desorganizado e desunido, uma vez que todas as organizações se colocam como representantes legítimos do Movimento Hip Hop. As incompreensões da esfera governamental sobre o movimento Hip Hop decorrem do pouco entendimento e da desqualificação dos fluxos e envolvimento dos jovens relativos às suas trajetórias e experiências diretas e diversas com o engajamento no movimento e que busquei evidenciar nesse trabalho.

Para tanto, demonstrei ser possível compreender algumas lógicas que se expressam nas dinâmicas de alinhamentos ideológicos e repercutem nas formas

de inserção no movimento e no valor conferido a essa inserção, protagonismo e força representativa diante de um diversificado movimento.

Em setembro de 2010, lideranças do Movimento reúnem-se para um debate estratégico em apoio à campanha política do Partido dos Trabalhadores à presidência da república. Ocorrida no comitê da candidata Dilma Rousseff, a chamada “Plenária do Hip Hop” reaproximou importantes lideranças. Embora individualmente comprometidas com diferentes partidos e candidatos a deputados Estaduais e Federais, havia consenso quanto à reorganização estratégia do Movimento em torno de reivindicações mais abrangentes.

Era de interesse das duas partes envolvidas, Governo e Movimento, estreitar compromissos mútuos. Essa abertura recolocou a questão da organicidade e representatividade, a fim de garantir o diálogo permanente com os governos eleitos. Assim foi lançada por Mano Oxi a proposta do “Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho” como instância máxima de interlocução entre lideranças, organizações e o poder público:

[...] É um momento para que possamos fazer um compacto e podermos consensuar numa ação que eleve a qualidade do Hip Hop [...] é momento de agente se organizar em termos de qualidade na ação e, acima de tudo, unidade. (OXI, 2010).

Os eventos aqui relatados retomam os fatos relevantes do Movimento Hip Hop em que se podem notar três fases: a primeira caracterizada pela construção de redes de relações de organicidade informal que lançaram as bases para a constituição do movimento; a segunda fase mostra a inserção do Hip Hop no campo político a partir de novas alianças com movimentos sociais e lideranças partidárias; e a terceira fase diz respeito à participação política através da organização formal do Movimento Hip Hop para o acesso e gestão de recursos públicos por meio de garantias legais e institucionais.

A partir de DOUGLAS (1998), é possível afirmar que as instituições são organizações ou mecanismos sociais que controlam o funcionamento da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos. Organizadas sob o escopo de regras e normas,

visam à ordenação das interações entre os indivíduos e entre estes e suas respectivas formas organizacionais. Em outras palavras, as instituições sociais têm seu papel fundamental no processo de socialização, ou seja, têm como objetivo fazer um indivíduo tornar-se membro da sociedade.

Na medida em que tais interações são intrinsecamente políticas e econômica, as instituições (formais ou informais) são instrumentos indispensáveis à compreensão do fenômeno Hip Hop. Em essência, as instituições são responsáveis pela organização das interações sociais, analisando sua evolução e desenvolvendo métodos que as associem ao ambiente favorável à alocação racional de recursos que aperfeiçoem a satisfação de suas necessidades.

Almejando agregar os diferentes grupos e lideranças em torno de bandeiras e metas comuns, o Movimento Hip Hop, na figura do Fórum Permanente do Hip Hop Gaúcho, emerge como instância de mediação de conflitos, divergências e disputas internas.

Assim, a questão da representatividade torna-se uma das principais problemáticas na consolidação instâncias de participação junto ao poder público devido às variações de perspectivas e necessidades dos diferentes segmentos que compõem as instâncias de poder. Promotora de identidades, crenças e valores, a compreensão da totalidade do Movimento Hip Hop precisa considerar a sua heterogeneidade, pois os segmentos apresentam peculiaridades que orquestram as suas relações sociais.

O Movimento pode ser compreendido como uma incessante busca de unidade ética e ideológica que dá forma ao seu fazer político. O Movimento, por assim dizer, é um processo contínuo de mudanças e reinvenção social a partir de sujeitos ativos atuando junto a redes, grupos e segmentos sociais na busca de inserção e reivindicação política. O Hip Hop é, portanto, entendido como um fazer político, cujas ideologias e conjunto de princípios e regras moldam suas formas de organização e participação no processo democrático.



Evento “Retomada da Esquina Democrática” realizado na Esquina Democrática no centro de Porto Alegre em 10.05.2013 e do qual extraio o título para essa dissertação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ANDRADE, Elaine Nunes de. **Rap e Educação. Rap é Educação**. 1º Edição. São Paulo: Selo Negro Edições, 1999. Capítulo 6: Hip Hop: movimento negro juvenil. p. 83-91.

AZEVEDO, A.M.Grillu. **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra**. São Paulo (1980-1997). São Paulo: PUCSP, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Trad. Sergio Lugo Rendón. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BECKER, Howard. **Outsiders**. Estudos da sociologia do desvio Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENITES, Tonico. **A escola na ótica Ava Kaiowá**. Impactos e interpretações indígenas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

CHAGAS, Henrique. **Participação Política**: pequeno ensaio de antropologia Política. Disponível em:
<http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=324>
Acesso em: 28 jan 2013.

CORREIO DO POVO, Músico escala chaminé da Usina, 21/11/2003.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 1998. (BN)

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CUNHA, Manoela Carneiro da . **Etnicidade**: da cultura residual mas irreduzível. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.

CONTADOR, Antônio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. **Ritmo & Poesia**: os caminhos do Rap. Lisboa: Assírios & Alvim, 1997.

COSTA, Mônica Rodrigues e ARAÚJO, Jaileila de. Os Territórios de Ação de Política do movimento hip hop. Porto Alegre, **Em Pauta**. Vol. 6 – nº 24, p. 199-215, dez. 2009. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/527/594>> Acesso em: 4 fev 2012.

CUSTODIO, Aline. Hip Hop é papo muito sério, mano. **Diário Gaúcho**, 13/03/2005.

DAMO, Arlei Sander. A peça orçamentária: Os sentidos da participação na política a partir do OP de Porto Alegre. In: BRITES e FONSECA (Org) **Etnografias da Participação**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 24 set./ dez., 2003. p. 40-52.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. In: Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp. 100-122. ISSN 1413-7704. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>> Acesso em: 4 fev. 2012.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2009

FASSIN, Didier. Governar por los Cuerpos, Políticas de Reconocimiento Hacia los Pobres y los Imigrantes. **Educación**, v. 28, n. 2 (56), Maio/Ago. 2005.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Participação política das mulheres jovens: hip hop e (novo) movimento social em salvador**. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis UFSC, 23 a 26 de ago. 2010

GOLDMAN, Márcio. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. In: **Revista de Antropologia**. Vol. 46, n. 2. SP, USP, 2003, p. 445-476.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **A política do hip hop nas favelas brasileiras**. Disponível em:< www.inesc.org.br/biblioteca/textos/Diplo%20...doc/view>

JARDIM, D. F. Palestinos no extremo sul do Brasil - identidade étnica e os mecanismos sociais de produção da etnicidade. Chuí-RS 2001. Rio de Janeiro, PPGAS/UFRJ/MN, 2000. Tese de doutorado.

JORNAL ESTAÇÃO HIP HOP. **Hip Hop no Poder: Lula recebe pessoas do movimento e cria comissão**. SP, 2004. Ano 4, Nº25.

KUSCHNIR, Karina e CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da Política: cultura política e antropologia política. **Estudos Históricos**, n. 24, 1999. p. 227- 250.

KUSCHNIR, Karina. Antropologia e política. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2007, vol.22, n.64, pp. 163-167. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n64/a14v2264.pdf>>

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

LINDOLFO FILHO, João. O hip hop e a radiografia das metrópoles na ótica dos excluídos. In: PORTO, Maria do Rosário S., et al (orgs.). **Negro, educação e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Panorama, 2002. Cap. 05, p. 125-135.

LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. In: **Psicología para América Latina**. Revista Electrónica Internacional de La Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología. n.19, Mayo, 2010.

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

MAFFIOLETTI, Cássio de A. **Movimento hip hop em Porto Alegre : rede de relações e protagonismo juvenil**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 74 fls.Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <
<http://hdl.handle.net/10183/28467>>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. In: Tempo Social, **Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2. p. 174-205. Nov., 2005.

MARTINS, Rosana. Rap Nacional e as Práticas Discursivas Identitárias. **Música & Cultura** n°3, Revista on-line de Etnomusicologia, 2008Disponível em www.musicaecultura.ufba.br

NOVAES, Regina; VITAL, Christina. **A juventude de hoje: (re)invenções da participação social**. São Paulo: Petrópolis, 2005.

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. **Novas formas de vivências nas Polis brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento hip hop.** FAU/PUC-Campinas, 2006. Disponível em: [www.usp.br/fau/eventos/paisagemeparticipacao/.../A02_hip hop.pdf](http://www.usp.br/fau/eventos/paisagemeparticipacao/.../A02_hip%20hop.pdf) Similares Acesso: 4 de fevereiro de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, **Lei, 10.378/2008**, que institui a Semana Municipal de Hip Hop de Porto Alegre, que passa a integrar o calendário de eventos oficial de Porto alegre

SEFFNER, Fernando. (org) Presença negra no Rio Grande do Sul. In: BITTENCOURT, Iosvaldyr Carvalho Júnior. **A Esquina do Zaire – Territorialidade Negra Urbana em Porto Alegre.** Porto Alegre: 1995.

SCHUCH, Patrice. **Justiça, Cultura e Subjetividade: tecnologias jurídicas e a formação de novas sensibilidades sociais no Brasil.** Apresentação na LASA 2009. Artigo no prelo: Revista Scripta Nova, Barcelona, 2012, vol. XVI, n. 395 (15). Disponível em:< <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-395/sn-395-15.htm> > Acesso em: 29 jan 2013.

SOARES, Maria Andréa dos Santos. **Na base do muque da onda. Estudo etnográfico de performances entre Rappers da ALVO – Associação Cultura da Zona Norte de Porto Alegre.** 136vp. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade federal do Ripo Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/12767>>

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. **Cadernos de Pesquisa**, nº 32, fev. 2003.

VILLELA, Jorge Mattar. O dinheiro e suas diversas faces nas eleições municipais em Pernambuco. In: **Mana**, vol. 11, n. 1, Rio de Janeiro, 2005

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura.** São Paulo: Cosacnaify, 2012.

WEBER, Regina. “**Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais**” In: Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 39, n.1, p. 163-183, 1996.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** 3º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ZERO HORA (Jornal), 13.03.2005.

